

PERICLES MORAES



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS 1918 - 2018

## LEGENDAS E ÁGUAS-FORTES





### NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.















### LEGENDAS E ÁGUAS-FORTES

(ENSAIOS CRÍTICOS)

**PERICLES MORAES** 



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS (1918-2018)



### DIRETORIA BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

**EULER ESTEVES RIBEIRO** 

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

**ABRAHIM SENA BAZE** 

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes
SERGIO VIEIRA CARDOSO
JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

### **ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

### SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
egendas e águas-fortes (ensaios críticos)	. 29

### © Pericles Moraes, 2021

Coordenação Editorial José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira, José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso, Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico Marcicley Reggo

Imagem da capa Bonde no Plano Inclinado em Manaus. Álbum do Amazonas 1901 e 1902

Digitalização dos originais Roumen Koynov

Ficha catalográfica Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827l Moraes, Pericles, 1882-1956

Legendas e águas-fortes. Manaus: Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf) Coleção Pensamento Amazônico.

Série João Leda - v. 22;

ISBN 978-65-86325-72-0

1. Amazônia - Ensaio I. Título

CDD 918.11

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994, de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98). Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

#### 2021

#### REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361 N. Sra. das Graças – Sala 303 69053-110 – Manaus-AM



### PALAVRA DO PRESIDENTE

### Robério dos Santos Pereira Braga

Pericles Mello Moraes, um dos idealizadores da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, em 1918, após haver integrado outras instituições literárias que não conseguiram prosperar, foi um dos animadores da nova instituição e, mais tarde, seu presidente com efetiva contribuição à consolidação do Silogeu como Academia Amazonense de Letras. Integrou a tríade das primeiras conversas sobre a sua criação na casa de Benjamin Lima e em companhia de José Chevalier, tendo sido o responsável por enfrentar os desafios ou desaforos que intelectuais estabeleceram pela imprensa por não terem sido escolhidos para o grupo de 25 acadêmicos inaugurais.

Literato por excelência, jornalista combativo, na juventude foi afeito a polêmicas, muitas delas ácidas, e a firmar artigos sob pseudônimo, notadamente quando tratava de questões políticas e de crítica literária. Depois, amadurecido pelos anos de luta, centrou-se em leituras dos clássicos como vinha de costume antigo, formou uma das mais sofisticadas bibliotecas particulares da época e produziu com alta qualidade, ainda que não tenha sido de forma intensa.

São de sua lavra, além de artigos em revistas, jornais e na Revista da Academia, desde as duas primeiras edições como *Revista do Norte*, em 1918 e 1919, os livros *Leopoldo Péres, Figuras e sensações, Coelho Neto e sua obra, Os intérpretes da Amazônia*, e, destacadamente, *Legendas e águas fortes* que agora se reedita nessa forma moderna, digital, para ser disponibilizado na rede mundial de computadores e, com isso, alcançar público mais amplo.

A Coleção Pensamento Amazônico, Série João Leda, fica enriquecida, ainda mais, com a participação desse título, seja pelo valor da obra que é indiscutível, seja pelo autor que é simbólico para o Amazonas. O que se há de ler é o que Pericles buscou como perfeição no trato do idioma, esmerado cuidado que era comum em todos os seus trabalhos, assim como nas conversas informais, nas reuniões acadêmicas e na convivência política, às vezes castiço e sofisticado para os padrões atuais e, segundo outros, démodé, mas foi isso que ele perseguiu em toda a sua carreira de escritor e pensador.

A apreciação que abre essa edição, da lavra do acadêmico Newton Sabbá Guimarães, ilustre por todos os títulos, dá a dimensão mais precisa do valor dessa obra e de Pericles Moraes.

### DA MESA DO EDITOR

### Acadêmico José Braga

livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o "livro sem papel" muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

### PERICLES MORAES UM PERFIL LITERÁRIO

### Acadêmico Newton Sabbá Guimarães

Mas há outras obras boas, as desde logo como tal aceitas e compreendidas. Falar sobre elas é também difícil, muitas vezes principalmente porque supérfluo; e quando se pretenda fazê-lo, na realidade diz-se menos delas mesmas que sobre assunto vindo adrede. Tais obras logo a si próprias se explicaram, e o público, que já as tinha no sentimento, imediatamente as compreendeu.

### Henrique de Vilhena

in Ensaios de Crítica e Estética

Porém, eu sou de uma época em que a beleza do estilo suplantava a todas as belezas. Hoje, não.

#### Cândido Motta Filho

in Notas de um Constante Leitor

### DO SOLILÓQUIO DO ESCRITOR: UMA TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO

As poucas vezes em que tomo nas mãos um livro de Pericles Moraes (infelizmente, para mim, não no tenho feito com mais frequência, como gostaria!), assalta-me uma espécie de tristeza: naquelas obras há um grande, imenso solilóquio intelectual que precisava de ser rompido e que se transformasse em diálogo, de que outros se beneficiassem. Apesar de algumas vezes revigorante, o solilóquio é triste: circunscreve-se nos estreitos cercados do eu que fala. Sum, ego sum. Mas o discurso literário quer ir adiante. Tem que ir adiante e cumprir a sua missão. Por isso nunca pude compreender a pregação de Simeão o Estilita. Ermitão e pregador, vivia trepado sobre uma coluna e fazia discursos aos ventos, às folhas que a brisa trazia, aos pássaros, às nevascas. Ou calava por dias e dias e isto terminou por atrair curiosos. Não consigo com-preender o sentido da sua pregação. Muitas vezes pensei

no gesto de Simeão: o abandono, a solidão, o silêncio ou o discurso aos ventos. O solilóquio por vezes assusta-me. Pela sua tristeza, pelo seu abandono. Há em Pericles Moraes um grande solilóquio que perdura.

Muitos escritores experimentaram o desprendimento do solilóquio e, leitor cuidadoso e apaixonado (e elevo a bibliofilia, essa adorável βιβλιο+φιλία, que é, também, um estado de alma dos seus amantes, e que, aqui, galharda e generosamente, guindo ao grau da grandeza!), guero sempre entender o por quê da morte do discurso e do seu não-ser. Por que tal discurso não foi ouvido? O que levou um discurso a ser ignorado quando tudo tinha para lançar sementes produtivas? Acredito que existem escritores cuja obra ficou espremida por esse monólogo doloroso e sinto, repito, alguma tristeza ao tomar conhecimento com esses autores. Infelizmente são tantos, tantos que surpreendem mesmo ao mais frio e indiferente dos leitores. É a mesma sensação que sinto quando folheio Celso Vieira e o seu O Gênio e a Graça<sup>1</sup>, com ensaios magníficos sobre Beatriz Portinari, Chateaubriand, Eça de Queirós, Bilac e meditação sem igual sobre o "Destino dos Livros" e o pesado silêncio sobre ele; ou os Souvenirs d'un Vieux Critique<sup>2</sup>, de A. de Pontmartin. Ambos eram críticos, deixaram belas páginas sobre livros e escritores, e alguns perfis biográficos que um dia foram lidos com admiração e sem dúvidas desejos de emulação. O tempo passou e seus livros como que caíram em injusto esquecimento: ninguém mais lê ou cita o nosso escritor que primava pela beleza do estilo e a grandeza dos temas estudados; ou o elegante escritor francês que guisera, vaidosamente, seguir nas pegadas de Sainte-Beuve, inclusive batizando os seus magníficos livros de crítica e história literária com títulos que relembram àquele: Causeries Littéraires, Causeries du Samedi, Les Jeudis de Madame Charbonneau, etc. Há entre eles um ponto de semelhança: foram em alguma hora louvados e amimados pelos coetâneos, pelos críticos, pelos amigos e, como não podia deixar de ser, ignorados pelos invejosos, ou por aqueles que buscavam a emulação. Tudo isto é muito natural na vida dos livros, na vida dos escritores. Na vida do homem sobre a terra: altos e baixos; lembranças e esquecimentos. E depois foram abandonados, quase como se nunca tivessem existido. Nem nada escrito.

Foram esquecidos ou pelo menos perderam o brilho que um dia tiveram. Os homens tudo esquecem, com uma celeridade que assusta. Talvez o esquecer seja uma espécie de defesa que o homem encontra,

<sup>1</sup> VIEIRA, Celso. O Gênio e a Graça. Precedido de "Duas Palavras" de Antero de Figueiredo. Porto: Lello & Irmão, 1951. p. 303.

<sup>2</sup> PONTMARTIN, A. de. **Souvenirs d'un Vieux Critique**. 3.ª Série. Paris: Calmann Lévy, 1883. p. 397.

ou talvez seja uma forma de buscar novas sensações, abandonando as antigas. No discurso erótico, isto é muito comum, quase tanto quanto no discurso político – deveria ser força e persistência, quando na verdade é frágil e inconsistente. É bom? É mau? Nem uma coisa, nem outra: é simplesmente humano. Próprio da fragilidade do homem e conto agui um episódio que me dá a medida exata da questão: escrevera uma série de artigos sobre o Bangabandhu Sheikh Mujibur Rahman, o líder que fizera Bangladesh independente e esforcava-se para manter o novo Estado livre de influências comunistas e islâmicas. Tinha um encontro marcado com o embaixador e, indo a Brasília, fui procurá-lo. Conhecia-o de outros encontros e ele mostrava-se fervoroso admirador de Sheikh Mujib, como era carinhosamente conhecido. Falava do líder como se falasse de um ídolo, ou um deus que houvesse baixado à terra. Foi na semana seguinte ao do assassinato do líder que o reencontrei. Surpreendi-me: ali estava um embaixador diferente, frio, que criticava os excessos do líder assassinado; lembrava que era preciso mudança na administração do país, o que o novo governo poderia dar mais estabilidade. Não quis acreditar no que ouvia. Olhei para uma mesinha onde antes havia uma foto de Mujibur, autografada. Desaparecera. Minutos depois, despedi-me, enojado. Jamais voltei a ter contactos com esse diplomata que tinha alma de vil prostituta, nem nunca quis saber se continuou no seu posto ou se voltou para a sua terra. É um triste retrato da fragilidade do homem e que tire o leitor as suas próprias conclusões e possíveis licões.

### UMA PLÊIADE DE INTELECTUAIS QUE SACODE MANAUS

A cidade nas primeiras décadas do século XX, era pequenina, mas com ares de sociedade cosmopolita: possuía duas altas casas de cultura, o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e a Academia Amazonense de Letras; possuía a sua famosa e tão respeitável Faculdade de Direito e outras instituições. Os dirigentes do Estado, homens cultos e um deles, Álvaro Maia, bom poeta e prosador de altos méritos, viria a ser uma das figuras mais ilustres das letras regionais.

Mas, acima dos políticos e detentores momentâneos do Poder, havia um grupo de sonhadores, alguns poetas, prosadores outros. Oradores e juristas, enfim, um grupo muito metido com os livros e os estudos. A literatura entre eles parecia ocupar o melhor de suas atenções e dos seus enlevos. Talvez fossem excelentes *causeurs*, pois costumavam reunir-se para falar de livros, de suas leituras recentes. Pericles Moraes, Álvaro Maia, Araújo Filho, José de Chevalier, Anísio Jobim, Heliodoro Balbi,

Adriano Jorge, Leopoldo Péres, João Leda, e muitos outros que vieram a agrupar-se na Academia. Havia de tudo ali: do jurista e latinista ao poeta neorromântico; do cronista ao historiador; do contista ao crítico.

Entre os críticos, sobressaía o nome de Pericles Moraes, que seria o segundo presidente da Academia e um dos mais ilustres e reverenciados escritores do Amazonas. Por décadas, Pericles seria a grande figura das letras no Estado. Dedicou-se à crítica literária, uma crítica impressionista como de resto se praticava, ainda, no Brasil, muito antes de a crítica acadêmica fazer-lhe frente, quando, mais tarde, em parte, substituiu àquela, mas circunscrevendo-se às salas da Universidade, sem chegar, facilmente, ao leitor comum. O autor de Figuras & Sensações era, como os demais membros do grupo de intelectuais daqueles dias, um simpatizante de França e sua cultura: liam todos eles os autores franceses não apenas com simpatia, mas com devoção. O mundo parecia terminar em Paris e na língua francesa que, todos, mais ou menos, liam fluentemente. Ou guase. Havia alguns mais entusiastas da língua e da literatura francesas. Pericles Moraes era um deles, possivelmente o mais apegado e o que possuía maiores leituras da língua e da literatura. Encarniçado francófilo que citava até nomes de autores italianos, ingleses e outros em francês, ou títulos de livros célebres, em francês, como se houvessem sido escritos e publicados em francês, com o faz ao citar o romance famoso de Tolstói, Anna Karíenina, ou, em francês, Anne Karénine (que escreve, erradamente, Karenine!), ou "Joconde", por Gioconda, de Da Vinci, ou não escreve "A Nona Sinfonia", de van Beethoven, mas "a Neuvième"... Ou se refere a Jude l'Obscur (o doloroso romance de Thomas Hardy, Jude the Obscure), entre outros. Não traduz ao português, nem no apresenta na língua original, mas em francês. Era a presença da tradução francesa das obras universais de que se valia. O francês – como língua-ponte para o universo que se nos descortinava. Quase nada há em inglês, italiano (apesar de sua grande admiração por Gabriele D'Annunzio. Aliás é deste das poucas citações em italiano, e que vem no estudo dedicado a Th. Vaz, "A Crônica de um sonhador3", retirada de a Contemplazione della Morte), ou espanhol, mas encanta-se com o substantivo alemão "Lied", que escreve uma vez erradamente, "lead", e outras "lied", ou, no plural "lieder", que repete seguidamente, como se se deliciasse com o som da palavra, alemã e universal ao mesmo tempo, ao escrever sobre Mauclair, este uma de suas grandes admirações literárias. Eram frequentes os seus galicismos verbais: "affiches", "knout", "maquette", "frisson", "virtuose",

<sup>3</sup> Vide: Figuras & Sensações. Porto: Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, 1923. p. 219. E a p. 221, faz nova citação do mesmo autor.

etc. São muitas as marcas dessa francesia vocabular, que apenas seguia de perto a sua francesia estético-literária. Enfim, em todo o que escrevia, o predomínio do pensamento e da língua de França. O escritor amazonense estivera em França por duas vezes, a passeio, e, comovedoramente ingênuo, confessara na biografia que deixou de Leopoldo Péres<sup>4</sup>, achar-se apto a dar aulas de língua francesa a futuros candidatos à Universidade<sup>5</sup>... Lembro até de uma brincadeira que ouvi, muitos anos depois de morto o crítico, da boca do acadêmico Luiz Bacellar, chamando-o, a sorrir, de "M. Périclès Moré", uma deturpação ingênua e inteiramente destituída de maldade, do seu nome, mas na qual se lhe acentuava a francofilia. Não se pode criticar: éramos assim ainda naqueles dias e boa parte de nós sentia o influxo da influência francesa. Todos nós deliciávamo-nos com os melhores (e mesmo que não fossem os melhores!) autores, artistas, cantores que Paris nos enviava, e admirávamos as belas mulheres francesas, magrinhas, muito loiras, dadas e apontadas como femininas, elegantes, espirituosas, quando não outras coisas... Foi antes da influência americana, antes de o grande país do Norte tornar-se a mais importante potência político-militar do mundo e passar a influenciar a cultura da América Latina, levando ao estudo e ao cultivo do inglês como nunca antes se fizera. um pouco em detrimento do francês, que passou a segundo plano. Não se pode negar que a força política é fator por vezes decisivo em aspectos aparentemente tão altos, distintos e soberanos, como a Linguística, a Literatura, a Economia na vida dos povos. O próprio Moraes, escrevendo sobre Jayme Cardoso, salienta-lhe a simpatia por tudo o que se referisse à França decadente, e o faz de maneira quase lírica<sup>6</sup>. Falando do amor do romancista de Essas Vidas Inquietas e vibrante homem de letras, hoje inteiramente esquecido, parece que Pericles pensa em si: assim era o seu amor das coisas e da língua de França! Não adianta: quando escrevemos a vida de alquém, quase que, instintivamente, pensamos em nós próprios e é puro fingimento dizer o contrário! Vestimos aquele a quem relembramos

<sup>4</sup> MORAES, Pericles. **Leopoldo Péres**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1952. p. 271.

Op. cit., p.18. Escreve, comova-se e pasme-se o leitor: Por essa época, a deficiência dos meus recursos econômicos, agravada pela exiguidade dos rendimentos cartorários, que mal chegavam para a subsistência quotidiana, impusera-me o encargo de explicador da língua francesa, <u>autorizado pelo tirocínio dos cursos que eu frequentara em Paris, em duas viagens proveitosas de estudo e observação</u>. Grifos meus.

<sup>6</sup> Nas **Legendas & Águas-Fortes**. Ensaios críticos. Manaus: Livraria Clássica, 1935, escreveu sobre essa francofilia de Jayme Cardoso, que era a sua, também: *Ama [Jayme Cardoso] a França sobre todos os países, ama Paris sobre todos as capitais* – p. 145. Poderia muito bem ter escrito: "[...] assim como eu amo a França [...]" E estaria perfeitamente coerente! Somente a título de curiosidade: o meu exemplar traz autógrafo do autor: "A Merandolino Caldas – o grande médico cujo espírito brilhante tanto honra a mentalidade amazônica destes dias, – Com o abraço muito afetuoso do Pericles Moraes. 8 de novembro de 1935. Manaus. Rua Bernardo Ramos, 153" (atualizei a ortografia). Letra miudinha, elegante, uniforme.

com as nossas vestes e assim realizamos ato de extrema identificação com a nossa própria odiossincrasia. E fazemos com que ele caminhe pelas mesmas orretas que nós...

### **UM MESTRE DO ESTILO E UM GRANDE LEITOR**

A Universidade não trouxera ainda a especialização. Os intelectuais que por ela passavam continuavam deliciosamente ventoinhas nas suas preferências intelectuais, nos seus caminhos críticos e na busca estética de novos rumos literários. Na Europa, apesar dos fortes estudos universitários, os rodopios em busca de novos caminhos eram ainda guase os mesmos, ainda que – força é dizê-lo! – com um pouco mais de disciplina e apego a uma metodologia crítico-científica que nos faltava. Os ingleses, então, com a escolas críticas de Oxford e Cambridge, e os alemães com Heidelberg e outras universidades, exerciam boa influência sobre os escritores que enveredavam pelos nem sempre fáceis caminhos da investigação erudita e da crítica e da história literária, fornecendo-lhes métodos de estudo, de apreciação e de julgamento. Matthew Arnold e John Ruskin como que inauguram uma crítica, mais tarde endossada pelos novos no resto do continente. Mas a velha França mantinha-se teimosamente apegada ao impressionismo literário, mesmo por parte daqueles que fingiam uma adoção aos métodos rigorosos que a Alemanha e a Inglaterra queriam impor aos novos estudos críticos. O crítico que citei logo nas primeiras linhas deste ensaio, de Pontmartin, escreve primoroso estudo sobre o romance Numa Roumestan, de Alphonse Daudet, sem notas, sem uma análise em profundidade da *Ursache* do enredo, sem estudo do contexto e serve de modelo a outros ensaios críticos. E realiza trabalho até hoje elogiado e lido com satisfação. Os impressionistas supriam o que lhes faltava em metodologia crítica, com uma deliciosa arte de bem escrever. Não era que Albalat pregava com a sua L'Art d'Écrire? E teimosamente, sempre, fugiam daquilo que Camilo, mestre da ironia, chamava nas páginas vivíssimas dos Esboços de Apreciações Literárias<sup>7</sup>, de "ranço alemão". Já naqueles dias, os investigadores e críticos alemães eram notados pela sua rigidez metodológica, o que leva o romancista de Luta de Gigantes a referir-se, com suma ironia, ao "ranço" que lhes era inerente. Pelo menos na sua opinião... No Brasil, o mesmo que em Portugal, onde era quase total o predomínio da crítica impressionista por parte dos eruditos como Alexandre Herculano ou Latino Coelho. Quando Sílvio

<sup>7</sup> BRANCO, Camilo Castelo. Esboços de Apreciações Litterarias. 4.º Ed., conforme a 1.º, única revista pelo autor. Vol. LXXIV das Obras de Camillo Castello Branco. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1936.

Romero, leitor dos críticos germânicos e soi-disant discípulo de Tobias Barreto, abre novos caminhos à crítica no País, implanta a nova metodologia, causou espanto. Eram coisas de alemães... Chamavam, talvez com desprezo, o "cientificismo crítico". Nem por isso mudaram de feitio e a crítica impressionista vai imperar ainda por várias décadas. É difícil abandonar os velhos hábitos! Pericles jamais abandonaria os velhos processos e seria sempre um crítico de sabor impressionista até os seus últimos dias. apegado aos velhos cânones dominantes e profundamente pessoal: por vezes, era dominante na sua crítica o grau de simpatia, amizade e companheirismo, e menos o mérito do livro estudado, o que não deixa de ser estranho para quem quer exercer a crítica. Não valia o livro em si, mas o vínculo de amizade entre o autor do livro e o crítico. Era a "metodologia" da amizade, tão generosa e por momentos cega, mas ao mesmo tempo tão simpática, que não causava brigas, nem doestos. Não na critico, ainda que não na adote. Era generosa, refugia às picuinhas e aos ciúmes entre oficiais do mesmo ofício. Com isto, edificavam-se sólidas "igrejinhas", na qual oficiavam sacerdotes hiperbolicamente chamados de "grande poeta", "romancista de altos voos", "crítico erudito", "contista inigualável", etc. Rezar nas mesmas igrejinhas parecia mais salutar e menos complicado. Pericles talvez abusasse de adjetivos glorificadores para escrever sobre esses companheiros e cooficiantes, pois o tempo, juiz dos mais severos e nada piedoso, não deu razão ao primoroso estilista: quase todos os jovens escritores de então que receberam as suas entusiásticas alvíssaras, estão esquecidos. Nem nada deles sobrou, a não ser uma que outra referência anedótica, ou alguma alusão ao desaparecido em página de memórias. Mortos pela segunda vez: pelo esquecimento. E o mais curioso é que este tipo de crítica não morreu e é possível que jamais venha a morrer: o crítico não precisa filiar-se a correntes críticas, amparar-se em teorias, algumas até mesmo abstrusas e contraditórias. Basta-lhe a bem feita leitura textual e, dali por diante, o que vale é o que o leitor pôde colher de bom e proveitoso e então proclamá-lo aos quatro ventos. Persiste esta crítica em meios mais distantes dos grandes centros universitários, em pequenas comarcas e povoados, onde quer que exista gente interessada em livros e leitura, e afeiçoados à Literatura, seja ela qual for. Em andanças pelo interior brasileiro encontrei leitores que vibravam com suas leituras, muita vez coisas de grande inocência, leitores de livros psicografados, péssimas traduções de best-sellers, romances de detetives, poesia, muita poesia, etc. Entusiasmavam-se a tal ponto que, em pouco tempo, formavam pequeno grupo de crédulos intelectuais e, para espanto dos ortodoxos nestas coisas acadêmicas, dentro em breve surgia uma... academia, como existem dezenas e dezenas espalhadas pelo País. Nós somos um povo de improvisadores e isto, se por um lado é algo que denigre o conceito de Estudos Literários, por outro é denotativo de grande vitalidade, poder de criação e fantasia à solta.

Pericles Moraes, em um grupo de grandes leitores, era dos que mais leram. Vivia para a Literatura e pela Literatura e, com ele, o seu grupo de amigos e, aos poucos, de acólitos e admiradores, discípulos, que o olhavam como um novo mestre. O testemunho de escritores que o conheceram de perto, diziam que vivia com um livro nas mãos. Lembro conversação havida com o acadêmico Moacyr Rosas, causeur esfuziante e uma personalidade em extremo afetiva, confirmando esse grande amor de Pericles pelos livros. Ouvi do autor de A Alma D'Annunziana na Obra de Pericles Moraes, que o nosso beletrista (que se me permita usar uma palavra em desuso e possivelmente antipática, mas que imprime à altura o que penso desta figura de escritor, das maiores das letras nortistas!), gostava de recitar poemas dos grandes autores brasileiros, especialmente de Olavo Bilac de guem sabia de cor dezenas de poemas, do passado recente e autores franceses: recitava, de pé, solene e compassado, abarcando com os olhos a pequenina plateia, no recesso do seu lar, ali, na rua de Bernardo Ramos, 153, ouvido em reverente silêncio. Com a fundação da Academia, Pericles Moraes passa a ser o primus inter pares. Ao seu redor, os novos da Academia. O resto, o elogio mútuo e seguido, as referências em artigos de jornal, encarregou-se de cimentar. Quando morre Adriano Jorge, Pericles Moraes passa a ocupar o posto mais alto na instituição. Muito adulado em vida, respeitado pelos contemporâneos e algumas vezes criticado a medo pelos plumitivos rebeldes – ah, esses plumitivos, que até a expressão é excelente e que sempre os há, em todos os tempos e em todos os meios culturais! Vargas Llosa, prêmio Nobel, fala com ironia de "escribidores" para esses valentes iniciantes – , não se poderia dizer que Pericles Moraes tenha deixado seguidores. Leopoldo Péres? Moacyr Rosas? É difícil dizê-lo. Admiravam o mestre, mas não lhes seguiram as pegadas. Andavam por veredas distintas! Pericles era essencialmente um esteta das letras. Leopoldo Péres um cultor do Direito e orador político. Moacyr, esse pletórico Moacyr, um escritor de viagens, um cronista leve das coisas do dia-a-dia, era tão grande admirador de Pericles, que, certa vez, respondendo a uma desses tão batidos questionários Proust, perguntado que autores eram os seus prediletos, não hesitou em colocar, lado a lado com Tolstói, Carlyle, Ruy, Júlio Dantas, o nosso amazonensíssimo Pericles... Tamanha era a admiração e o respeito que lhe votava, e pode parecer um tanto descompassada a enumeração. Falta-lhe rigor, mas, por outro lado, sabe-se que a amizade e a admiração não conhecem barreiras restritivas. Restava Raul de Azevedo, também ele admirável estilista, cultor da palavra, na mesma linha de Alberto Rangel, cujo livro Inferno Verde, é dos mais comentados e estudados livros da Amazonologia, tão estudado pelos que se dedicam à Amazônia quanto Contrastes e Confrontos, de Euclides da Cunha; ou os livros de Gastão Cruls, como a Hileia Amazônica e Amazônia Misteriosa. Ou A Selva, de Ferreira de Castro, Misturam-se ficção e sociologia, antropologia, etnologia nestas obras, todas elas com os seus méritos. Raul de Azevedo logo enveredou pela ficção narrativa em contos e romances, livros de viagem, crítica, crônicas... Espraiou-se mais do que Moraes de quem foi amigo, teve altas posições administrativas e ganhou projeção nacional com os seus livros, enquanto o amigo ficava para sempre no âmbito provinciano, com as suas vantagens e desvantagens. Raul deixaria páginas de louvor aos livros do amigo, especialmente sobre Coelho Neto e sua Obra e A Vida Luminosa de Araújo Filho, nas quais o chama de grande biógrafo, colocando-o mesmo, de modo um tanto exagerado, na mesma fileira de Stefan Zweig, André Maurois e Emil Ludwig8, o que, convenhamos, talvez peque por exagero. A amizade vê milagres onde não ocorrem. Seja como for, em vida Pericles recebeu essas manifestações de simpatia, admiração e amizade. Como aconteceu com o próprio Raul de Azevedo, só que, como acontece com tanta gente que um dia se encontrou, o destino de Raul foi bem mais brilhante, publicou uns 30 livros, e, após a morte em 1957, aos oitenta anos, recebeu homenagens não apenas no Amazonas, onde foi figura importante, mas ainda em São Luís do Maranhão, sua terra e ainda no Rio. Seus livros foram publicados em Manaus, Rio, São Luís, Belém, e o escritor reconhecido pelos contemporâneos, chegando a ser homenageado e ganhando nome de ruas, como seu amigo amazonense jamais o seria... Pericles Moraes foi menos afortunado neste aspecto: os seus livros ficaram apenas na primeira edição, salvo **Os Intérpretes da Amazônia**, reeditado graças aos esforços do acadêmico Robério Braga. Neste livro, conceitos brilhantes sobre escritores que trataram da Amazônia em suas obras. Nomes que passaram inteiramente. – Abro aqui pequeno parágrafo, movido pela curiosidade e anoto nele um fato que não deixa de ter o seu significado para a análise psicológica do estilista: considerado um homem bom, generoso e compreensivo, Pericles Moraes omite, propositada e injustamente, o nome de um dos mais brilhantes, laboriosos e ilustres escritores nortistas em todos os tempos: Raymundo de Morais, romancista, contista, cronista,

<sup>8</sup> Vide: Raul de Azevedo - O gênio de Araújo Filho através do ensaio de Pericles Moraes in Revista da Academia Amazonense de Letras - Ano L - Número 15, dezembro de 1970. De páginas 94 usque 98.

soberbo investigador das coisas amazônicas, que nos deixou livros magníficos como **Os Igaraúnas**, À Margem do Livro de Agassiz, **O Homem do Pacoval**, **Na Planície Amazônicas** e outros. Silêncio injusto. O que teria acontecido para que Pericles, sabidamente bom e atencioso, omitisse o nome de um dos mais ilustres e laboriosos escritores do Norte do País? Mistérios da vida literária. Mistérios do homem!

Não há, que eu saiba, estudos sérios que lhe interpretem a obra. pequena que talvez não atinja dez volumes, constituída hoje de verdadeiras raridades bibliográficas. Não existe ainda uma biografia, nem análises críticas das biografias que escreveu, nem dos ensaios literários reunidos em livros ou dispersos nas revistas e jornais da época. Está esquecido, injustamente esquecido. Não existe seguer uma placa comemorativa na casa onde viveu o estilista<sup>9</sup>. E escrever de Pericles é fazer reviver toda uma época de grande inquietação cultural no extremo Norte, é situá-lo como guia e incentivador de várias gerações de escritores que passaram pela Academia, enfim, como se dizia outrora, um agitador de ideias. É uma pena que ninguém tenha, com seriedade, tentado falar da vida e obra de Pericles de Moraes, tratá-lo como merece ser tratado: um artista da nossa língua, um afrancesado perdido nas florestas da Amazônia, um leitor supercilioso que não lia qualquer livro, mas que, por amizade, chegava a proclamar grandeza e superioridade onde não existiam. Houve escrevinhador que, tentando relembrar momentos do artista de Legendas & Águas-Fortes, perdeu-se por completo, nada mais fazendo que falar de si próprio e não do estilista, em falha metodológica que raia pela mais completa negação do estudo crítico-biográfico. O biógrafo e o historiador-crítico devem abster-se ao máximo de aparece no quadro que debuxam. Raras aparições dentro do texto. Referências esporádicas ao seu conhecimento com o estudado – se de fato existiu. Quando muito, ligeiras referências que facam parte do contextual. Nada de guerer entrar na privacidade do estudado. Ou transformará um estudo crítico-biográfico em uma dessas biografias produzidas mediante a colaboração de um espantoso (e quase sempre oportunista!) *ghost-writer*, que maquia a realidade a seu bel prazer. Mas quando o pretenso biógrafo, ou crítico se põe em posição de realce, corrompe, aí, o estudo e afasta a mínima postura de neutralidade. Foi, infelizmente, o que ocorreu com o próprio Pericles ao escrever as recordações

Informação gentilmente dada pelo escritor Robério dos Santos Pereira Braga, também ele leitor e admirador de Pericles Moraes. É de lamentar o descaso com que as autoridades tratam os homens ilustres da nossa terra. Seria de bom alvitre que se pregasse pequena placa diante da casa onde viveu o estilista, a exemplo do que os franceses, ingleses, espanhóis e outros fazem com as suas personalidades do mundo das letras.

de Leopoldo Péres<sup>10</sup>. A intenção do autor era a de escrever um panegírico do amigo morto, um de seus mais gueridos amigos, o vibrante político conservador que foi Leopoldo Péres. Saiu-lhe exagerada a intromissão da sua personalidade nas páginas das memórias e o leitor, ao chegar à última página, sente-se desamparado, sem saber com exatidão se acabou de ler a autobiografia do escritor ou o panegírico do morto ilustre. O mesmo ocorreria com um dado "estudo" sobre Pericles, no qual o autor escreve, narcisisticamente, da sua amizade com o mestre, fala de si próprio com uma volubilidade assombrosa. Escassas, escassíssimas, são as linhas que deixou sobre o estilista. Quase nada. Segundo a metodologia crítica, foi puro palavrório que não deve sequer ser apensado a uma lista bibliográfica. É sombra de estudo. Não existe, a não ser como sombra e a sombra, sabemo-lo todos, some. O escritor é, de regra, um tanto narcisista. Cabelhe segurar os ímpetos de ir com muita frequência ao espelho, e olhar além do que este reflete. Olhar muito além e procurar enxergar o ponto a que se dispôs atingir. Ou morrerá afogado nas águas do lago, como o anti-herói que mereceu de Oscar Wilde um de seus mais belos e simbólicos poemas em prosa.

Pericles dava preferência à leitura dos novos. Rara é uma sua citação dos autores do passado, um quinhentista, um seiscentista, um setecentista. Jamais se volta aos clássicos de muitos anos atrás. Dava preferência aos modernos, ou para ser mais preciso ainda, aos contemporâneos. Quase todos seus coetâneos, ou um pouco mais velhos. Estas simpatias podem detectar tendências literárias no leitor: o dar preferência a autores contemporâneos, e não demonstrar muita simpatia pelos clássicos do passado fazendo do presente o seu mundo literário, não se afastando daquele em que vive, em que lê e escreve, é um fascinado da modernidade e seus valores; já os que preferem os autores do passado, sentem atração pelos clássicos, os autores que já foram julgados pelo tempo, é o escritor firmemente fincado nos valores passados, um antiquário, como o chamam os anglossaxônios. Borges dizia que preferia os autores de antanho e que dava preferência à leitura dos escritores cuja obra tivesse mais de cem anos. Por outro lado, lembro que o crítico Léo Gilson Ribeiro d suas preferências pelos contemporâneos. Léo confidenciou-me, certa vez, que só lia os modernos, "os de hoje", acentuou. Pericles parecia filiar-se entre os que ficavam com os modernos. Escrevia, lia e criticava os escritores da sua época, ou os ligeiramente anteriores a ela. Quem sabe, imbuído da vontade de vir a ser um guia, um mestre, escrevia sobre os novíssimos.

<sup>10</sup> MORAES, Pericles. **Leopoldo Péres**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1952.

Raríssimas as suas referências aos antigos. Com isto como que estabelece firme demarcação na sua linha metodológica de exercer a crítica: lembro que muitos dos que ele criticou, apresentou, ou amiúde citou, eram todos eles gente bem mais nova do que ele. Haveria inconscientemente o desejo de apresentar-se como quia? Aspirava, quem sabe, tornar-se um mestre dos que publicavam as suas primícias. Queria saudá-los, abrindo-lhes caminho. Cito neste aspecto, o exemplo de Camilo, que escrevia, igualmente, sobre escritores jovens e acobertava-os sob as suas asas poderosas. Psicologicamente, reconhece-se que o escritor que escreve sobre os mais jovens, é um homem destituído de inveja, afastado dos ciúmes e pequeninas misérias da comédia literária, a que alude Osório Borba em um por vezes cruel e acerbo livro sobre a convivência entre escritores. Mas há elogios e estudos críticos sobre os bem mais velhos e os coetâneos. Diferentemente do que ensinava Mortimer J. Adler<sup>11</sup>, para quem os antigos eram os mais merecedores de apreço e leitura detida, Pericles preferindo a leitura dos mais jovens, indicava que estes seriam os norteadores das caminhadas literárias e não os velhos.

### A OBRA-PRIMA – DA SOBREVIVÊNCIA DA SUA OBRA

Cada obra de um autor tem a sua importância especial. Penso muitas vezes quão temerário é apontar-se esta ou aquela obra como a principal de um autor. O que a mim agrada como leitor, pode desagradar a outro. Sempre tive cautela ao apontar como mais importante algum livro dentre os muitos de um autor. Pericles parece ter despendido o mesmo zelo, ter trabalhado as páginas de igual modo e ter-se dado com igual intensidade às suas obras. Como escrevi acima, não é grande o meu conhecimento da vida e obra deste autor. Li com interesse Figuras & Sensações e, bem mais tarde, Legendas & Águas-Fortes. Li, encantado, Leopoldo Péres, pela simpatia que em mim despertam as memórias, as biografias, as autobiografias, os panegíricos. Hesitaria considerar mestre Pericles um biógrafo. Não, jamais. Ele passa muito longe e pode-se dizer que está mais distante do biógrafo do que jamais o imaginou André Maurois no seu pequeno e útil tratado **Aspects de la Biographie**<sup>12</sup> ao tecer considerações sobre a arte e a técnica da biografia. O livro sobre o amigo morto é verdadeiramente enternecedor. É o seu livro mais emotivo e, por ser dos últimos, o estilo havia atingido a plena maturidade. Quando Raul de Azevedo o coloca na

<sup>11</sup> Vide: ADLER, Mortimer J. **A arte de ler**: como adquirir uma educação liberal. Tradução de Inês Fortes de Oliveira. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Agir, 1954.

<sup>12</sup> MAUROIS, André. **Aspects de la Biographie**. Paris: Au Sans Pareil, M.CM.XXVIII. p. 180.

mesma fileira de Ludwig, Maurois e Zweig é a amizade que grita mais alto. Está bem longe de ser um biógrafo. Desconheco os seus estudos sobre Coelho Neto e Araújo Filho, não podendo, por conseguinte, manifestar-se sobre eles. Sei, sim, que foram muito elogiados. Por ocasião do centenário de nascimento do escritor, a Academia dedicou 59 páginas da sua Revista exaltando a sua personalidade e vários acadêmicos que o haviam conhecido e alguns escritores lhe prestaram homenagem. Há muitos elogios e dentre os seus livros mais elogiados estão as duas biografias acima e o livro de ensaios críticos, Legendas & Águas-Fortes. Abguar Bastos elogia-lhe como boa biografia crítica a que escreveu sobre o autor de Turbilhão. Para Jayme Cardoso, a sua obra mais eloquente e elegante, seria A Vida Luminosa de Araújo Filho, que é também a preferida de Raul de Azevedo. O livro sobre Péres é de beleza inexcedível como estilo. Livro comovente, como se um pai falasse de seu filho morto. São relembranças de anos de companheirismo, de conversações sobre literatura, de amizade de família que o escritor passou para o papel. Recuso-lhe, porém, o nome de memórias ou panegírico de um morto: mestre Pericles Moraes fala de si mesmo, dos seus sonhos, do seu requinte de homem de letras, das suas simpatias por escritores franceses, das suas muitas amizades literárias e de raspão, como acompanhou o desabrochar de um talento da oratória quem, enveredando pela política, veio a ser parlamentar dos mais dinâmicos. São poucas as páginas que se poderiam dizer inteiramente dedicadas a Leopoldo Péres. Este é apenas pano de fundo. Na verdade, o cenário, o palco é inteiramente ocupado por Pericles Moraes e tanto assim que anexa artigos que sobre os seus livros, escrevera o amigo morto. Há páginas antológicas que se leem com redobrada emoção e José dos Santos Lins, na melhor Seleta Literária do Amazonas<sup>13</sup>, realizada no Amazonas, inclui trecho adredemente intitulado de "Relíquias da vida morta", que realmente vale a pena de ser lido e meditado, especialmente porque se encerra com palavras candentes o elogio bastante elevado do que seja amizade:

Ai de nós se, para compensar os infortúnios dilacerantes e torpeza das ingratidões que envilecem os escorpiões humanos, não existissem, também, entre os homens, essas amizades paradigmárias!<sup>14</sup>

LINS, José dos Santos. Seleta Literária do Amazonas. Com notas bibliográficas. Prefácio de Arthur Cézar Ferreira Reis. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, 1966. Eis uma obra louvável na sua singeleza. Lins como que mostrou aos amazonenses o que ali se tem feito em termos de literatura. O seu exemplo generoso e bom, deveria ser imitado. Mas entre escritores, generosidade e bondade não são tão comuns assim...

<sup>14</sup> Op. cit., p. 94. Grifos meus.

Mas são os dois livros de ensaios literários o que lhe fizeram a fama e a admiração entre os seus contemporâneos: Figuras & Sensações e Legendas & Águas-Fortes, de 1923 e 1935 respectivamente. Doze anos entre eles. É pequena a obra de Pericles, levando-se em conta que viveu 74 anos, à época uma idade provecta. Tinha setenta anos quando publicou o último livro e a primeira quando já passava dos quarenta. Outros escritores da mesma época não deixaram obra extensa: de Mavignier de Castro há publicadas, creio, três apenas, sendo a mais importante A Amazônia Panteísta, das mais belas obras em prosa das nossas letras e que passei ao espanhol; de Américo Antony, conheço apenas uma, O Soneto das Flores; de Heliodoro Balbi nada ficou publicado a não ser artigos em revistas e jornais locais; de Adriano Jorge, talento dispersivo, também nada ficou a não ser artigos perdidos em jornais e assim por diante. Leopoldo Péres deixou poucos livros, quase todos de cunho político. Álvaro Maia, este sim, deixou boa obra publicada: poemas, meditações religiosas, páginas políticas; contos, crônicas... Diria que estes dois, Álvaro e Pericles, são quase exceções. Muitos daqueles primeiros componentes da Academia, tudo improvisavam, desperdiçando um talento soberbo, em conversas vãs que a nada levam. Outros eram autores de uma obra única, como o autor das **As Horas Lentas**... Raimundo Monteiro publicou a sua obra dois anos antes de morrer, em 1930, e somente setenta e dois anos depois saju uma segunda edição... Parece que queriam apenas viver intensamente os seus dias de boêmia e sonhos literários, deixando para depois a reunião de sus poemas e contos. O depois nunca chegava e morriam sem nada publicado.

Pericles Moraes era, porém, desses que preferem ler e amealhar um vasto saber, do que escrever. Ou, então, com a sua busca incessante da perfeição estilística, ia postergando o momento de publicar seus livros. O primeiro saiu depois dos quarenta anos, enquanto o último, viu a luz da publicação apenas quatro anos antes de sua morte. Pericles era um autor castigado, cuidadoso com o que escrevia, pontilhoso. Devia fazer e refazer muitas vezes o seu texto e Moacyr Rosas contou-me que, para ele, Pericles, um artigo, um livro, ou simplesmente uma página, tinham que sair escorreitos. Bem, os decadentes, de quem ele foi bastante familiar (e não é demais lembrar que os alguns dos melhores estudos sobre Octave Mirbeau e D'Annunzio entre nós, foram escritos por Pericles Moraes. Observava o tique francês de sempre referir-se ao autor estudado como Senhor, ou Sr. Fulano, quando entre nós, brasileiros e portugueses, este uso é raro, soando até um tanto ridículo e cansativo por ser estranho à

nossa maneira de escrever. Farto em adjetivos, fartíssimo 15. Poucas vezes tenho encontrado em minhas leituras tanta pletora de adjetivos como nos escritos de Pericles Moraes e essa adjetivação exagerado se por um lado enfraquecia o conceito que o escritor quisesse expedir em torno da obra de alguém, por desviá-lo da objetividade, por outro fazia o texto belo. Em certos momentos, os adjetivos perdem-se no ar, não dizem nada mais, nem de bem, nem de mal, como quando escreve de "estrofes delirantes", ou "o formoso rebelado", ou "torturas inquisitoriais", "estonteado pela magia do estilo e da forma", "ritmo frenético da vida moderna" e centenas de outros, que enchiam as suas páginas. Repito: enfraqueciam o conceito pretendido, mas que eram belos, lá isso eram! As páginas de Pericles parecem trechos de poesia em prosa e fico imaginar quanto ele não pensava cada frase, como não se debatia ante a colocação de cada adjetivo. E passo a Camilo, outro que amava o adjetivo, que levava a sério o torneio da frase, lembro de uns parágrafos seus que encontro nos Esboços de Apreciações Literárias, tão sedutor no seu gritante impressionismo. Nada de teoria. Nada de rigidez estrutural. Nada de metodologia científica. Só a sensibilidade a guiá-lo nos conceitos críticos que estouram aqui e ali, e que o leitor jamais esquece. Eis o que escreve a maior figura do romance romântico em Portugal:

Há aí uma coisa que se chama estilo, que não é bem o que nossos avós chamavam linguagem. O estilo não se diz o que é: mostra-se onde ele está. Faz de palavras: isto já vós o sabeis; mas não sabeis decerto o que se faz das palavras. Sabeis o que é arredondar um período? É estilo. Sabeis o que é assoprar uma frase, inchá-la de modo que a ideia magra se pareça com as nossas damas de merinaque? É estilo. Sabeis como se empedra de mosaico uma praça, combinando de variedades de cores? É como se cirzem palavras eufônicas de modo que o ouvido se deleite como acolá no mosaico se deleitam os olhos. É estilo<sup>16</sup>.

E, logo mais abaixo, este conceito admirável sobre a beleza de estilo: "A questão é eufonia, cantabile, folhagem, florescência, e sobretudo, arredondamento de período"<sup>17</sup>. Descontadas as ironias, que em Camilo pululam cá e lá, mesmo no texto mais compenetrado e sério, o romancista escreveu palavras altissonantes sobre o que seja estilo, no "arredondado do período" (sic!). Isto é, bom estilo. Penso em mestre Pericles: a mesma preocupação com a beleza da forma e tanta que por vezes esquece a discussão do tema

<sup>15</sup> CAMILA, nos Esboços de Apreciações Literárias, escreveu: "A ciência do adjetivo é o mais relevante dote do escritor elegante" - p. 17, ed. citada. Mas em Pericles este uso do adjetivo é um tanto exagerado...

<sup>16</sup> Op. cit., p. 67. Grifos meus.

<sup>17</sup> Idem, ibidem, p. 67.

proposto, esquece o aprofundamento conceptual. Paira alto, na beleza das palavras, na adjetivação, na elegância, nas expressões exageradas de admiração, de simpatia, de ternura, até. Isto mostra-o antes como um artista da língua, do que como um crítico. Chamamo-lo sempre que se nos referimos de "crítico ilustre", e até mesmo, o maior dos críticos amazonenses. Não, não foi. O crítico é um juiz severo, não tem amor nem piedade. Para ele há o fato, que cria vida e, como tal, deve ser encarado. Pericles vive o texto que lê e sobre o qual escreve. E como pensamento puxa pensamento e todos se arrastam em uma grande sucessão de caminhos, tortuosos uns, facilmente trilháveis outros, penso em uma frase que lia faz muito tempo em um magnífico crítico alemão (ah, esses alemães e sua crítica filosófica, profunda, densa, por vezes antipática na sua rigidez metodológica que, para mal dos meus pecados sigo quase sempre, mas sempre, sempre apropriada!), de Werner Krauss, o grande Werner Krauss que conhecia o barroco espanhol de fio a pavio e discreteava sobre Lope de Veja e Gracián e outros que enriqueceram a literatura europeia, como se houvera nascido em Espanha, ou como nós falamos dos nossos maiores. Ele escrevia sobre o que existia de vida e vibração na obra dos barrocos e, em certo momento, expede conceitos eternos, como ao escrever que a sabedoria se destina também para a vida, ou seja, que não é sábio aquele que não sabe viver com sabedoria a própria vida e conclui este trecho do seu delicioso **Graciáns Lebenslehre**<sup>18</sup>, com estas palavras certeiras: "Aber das Wissen bestimmt sich eben auch am Leben".

### **ENVOI**

São estas as considerações sobre o nosso mestre de sempre, figura que, por longos anos, encheu com a sua dedicação às letras, a cultura amazonense, ajudando-a para que ela brilhasse ante outros meios, mais ricos e propícios à germinação da literatura. É muito pequena a minha participação, quase nada. O autor estudado pode vir a sê-lo, cabalmente, sob diversos aspectos metodológicos: desde a sua exuberância estilística, o seu amor desusado ao adjetivo, à sua cuidadosa seleção dos autores estudados. O zelo com que escrevia as suas páginas. O seu amor da forma e, à sua maneira, a busca da verdade estética. Não há um método preciso na hermenêutica do texto literário, ensina Jochen Hörisch na sua obra

<sup>18</sup> KRAUSS, Werner. **Graciáns Lebenslehre**. Francforte-sobre-o-Meno: Vittorio Klostermann, 1947. p. 82. E discreteia acerca do conceito de Verdade, Sabedoria e Moralidade com estas palavras em que sabedoria e grandeza caminham juntas, de mãos dadas: "<u>Die Idee der Weisheit, der Wahrheit und Sittlichkeit, selbst</u> das Varbild ds Heiligen haben ihre zwingende Macht für das Daseinsverständnis verloren" – idem. Grifei.

sempre elogiada, esta excelente Theorie-Apotheke<sup>19</sup> A palavra torna-se arte quando belamente cultivada e assume a sua missão de disseminadora de beleza. Deixemos essa gente amante de chavões, de clichês ridículos, de que o que vale é o que se diz e não como se diz. Há conceito que raiam pelo ridículo, além de extremamente cruéis, que uma universidade inteiramente dominada pelos falsos valores populistas, marxistas sem Marx (ah, que pensador difícil! Mentem aqueles que o citam amiúde! Ele é difícil, é profundo, vai aos filósofos greco-latinos e, no seu texto original, há inclusive trecho em grego clássico, citados e discutidos. Pobre gente inculta e atrevida, partidária do arrogante e brutal "segue-me ou te arrebento!", que transformaram o conceito de litterae humaniores em um arremedo de ensino e pregação ideológica!). O velho Pericles era um conservador, um afrancesado, um amante da palavra. Não conseguiu ser um crítico, nem foi biógrafo – uma de suas inocentes ambições! – , mas deixou belíssimas páginas que servem de inspiração ao leitor que, lendo-as, sabe que a Literatura é eterna e os seus grandes representantes, figuras que podem ficar esquecidas por alguns tempos, a exemplo do mesmo Pericles Moraes, mas um belo dia ressurgem e semeiam beleza nas mentes daqueles que ainda acreditam naquilo que os americanos chamam apropriadamente de liberal studies, as belas letras, os estudos humanísticos. Quase ousaria escrever que Pericles é um clássico moderno e, como tal, deve ser tratado, lido e estudado. Os clássicos podem ficar algum tempo esquecidos, mas sempre ressurgem. Eles são eternos, mesmo nas suas fragilidades. São sinfrônicos e isto salva-os. É o caso de mestre Pericles Moraes. Ressurge e como que faz um convite aos estudiosos do grande Estado a se debrucarem sobre a sua obra, pequena, escassa, mas densa e refinada. É o que se deseja da boa obra de arte: densidade, requinte, elegância e beleza.

E isto, acredito, mestre Pericles Moraes apresentou na sua obra.

HÖRISCH, Jochen. Theorie-Apotheke. Eine Handreichung zu den humanwissenschaften Theorien der letzten fünfzig Jahre, einschlieβlich ihrer Risiken und Nebenwirkungen. Francforte-sobre-o-Meno: Eichborn Verlag, 2005. p. 132. Escreve Hörisch, entre outros ensinamentos, o seguinte: "Selbst das früh geäußerte nächstliegende Gegenargument: begrifflich-konzeptionell-methodologisch-analytisch hochpräzise sei die Hermeneutik nicht, ist kein Gegeneinwand. Denn die philosophische Hermenetik will jå gerade keine präzise Methode sein". – op. cit., p. 132. Grifos meus.

### PERICLES MORAES

# LEGENDAS & AGUAS-FORTES

(ENSAIOS CRITICOS)





### OS INTERPRETES DA AMAZONIA

Arriscava-se, talvez, nos dias de hoje, ao perigo de incorrer em falsa affirmativa, quem ousasse dizer, como fez Eucludes da Cunha, nos conceitos de seiva medullar inscriptos no portico do livro do sr. Alberto Rangel, que a Amazonia, ainda sob o aspecto estrictamente physico, apesar de seculares investigações, é conhecida aos fragmentos, e tudo o que se escreve a seu respeito se adstringe aos seus innumeraveis aspectos parcellados. Para descortiná-la, em conjuncto, a seu vêr, teria o espirito humano que se afrontar com entraves e obstaculos intransponiveis, decorrentes de sua apparente uniformidade estructural, da complexidade de suas mutações geologicas, dos seus immensos horizontes paleontologicos, susceptiveis, na sua desmesurada grandeza e na sua estonteante realidade, de turvar e desnortear as intelligencias. De facto, naquella época, a não ser o prosador d'Os Sertões, nenhum outro escriptor se aventurou á temeridade de taes entrepresas. Póde-se mesmo avançar que os seus estudos sobre a Amazonia,

assim nas paginas do A' margem da Historia, como no prefacio magistral do Inferno Verde, são o eixo central de tudo quanto se tem pensado e escripto sobre a região portentosa. Euclydes, com a sua faculdade de vêr, comprehender e deduzir, tinha ainda a vantagem de possuir uma sensibilidade aqueadissima, que lhe transmittia ás imagens as vibrações do temperamento ensofregado. A natureza por elle objectivada, sendo exactamente a mesma que servira ás lentes dos outros escriptores e scientistas, apparece-nos, entretanto, agitada pelos fluxos e refluxos de uma imaginação ardente, que poreja sangue e lhe dá a medida, a extensão e a superioridade do espirito. Porque, não ha negar, o scientista, isoladamente, fóra da temperatura febril do escriptor, não obstante a sua visão introspectiva, não teria impressionado dessa maneira. Foi a sua arte de escrever, reflectindo-lhe, em lampejos, o trabalho da alma e do cerebro, as fermentações e conflictos interiores, que operou o prodigio. Euclydes viu a Amazonia com a consciencia do artista e a profundeza do scientista, deixando-nos algumas paginas de tão grande fertilidade de observações, que não se póde hoje emittir qualquer opinião neste dominio sem consultar-lhe a autoridade. Mas se foi elle, devéras, o unico que conseguiu, em traços vigorosos e firmes, projectar, nas suas côres vivas e flagrantes, a natureza amazonica, á sua sombra, á sombra de sua gloria, cresceu e frondejou uma floresta de imitadores solertes

e subalternos, que lhe tentaram decalcar o estulo indecalcavel, a forma e a superficie das idéas, copiando-lhe o vocabulario, reproduzindo-lhe os neologismos, deturpando-lhe as intenções, e até, inconscientemente, assimilando-lhe os leves defeitos de composição e de estulistica e as imperceptiveis negligencias de technica. A obra de Euclydes, todavia, triumphou e resistiu galhardamente, conservando-se illesa, e destinando-se a servir de introducção a qualquer estudo sério que se pretenda realizar sobre o mesmo assumpto. Euclydes, com effeito, foi um classico da Amazonia, classico enquadrado no definir de Sainte-Beuve-um escriptor que se dirige a todos com um estulo seu e que se encontra tambem em todo mundo, um estulo novo e antigo, contemporaneo de todas as datas. As paginas fragmentarias, que escreveu sobre a Hilæ, são, indiscutivelmente, o primeiro monumento que se vislumbra no horizonte literario amazonico. E' certo que, muito antes delle, por escriptores e investigadores estrangeiros e da nossa raca, outras incursões já haviam sido feitas com proveito e resultados fructuósos. Citamos, entre innumeras, as do amazonense Santanna Nery, que escreveu um livro interessantissimo - Le Paus des Amazones, no qual, sobre o problema amazonico, se compendiaram, habilmente discutidas e commentadas, as hypotheses a ensaiar e verificar. Santanna Neru conseguiu levantar uma rapida nomenclatura das viagens de exploração feitas no Amazonas, com largos emprestimos ao dr. Severiano da Fonseca (Viagem ao redor do Brasil), a L. Vittel, a Demarquets e outros, analysando todas as particularidades geographicas, geodesicas, climatericas e geologicas do valle do Amazonas. Para a acquisicão facil e sem esforco dos eruditos de cutiliquê, estão ahi colligidas as annotações dos mais destacados exploradores scientíficos da Amazonia, do astronomo francez La Condamine, que foi o primeiro, no fim do seculo XVIII, a abrir para a sciencia a provincia do Amazonas, ás iniciativas do naturalista allemão Humboldt, que, no começo do seculo passado, fez da Amazonia um campo de experiencias; ás viagens do conde de Castelnau, refertas de informes curiósos sobre os variados aspectos e as diversas producções da região. Aliás, não foram directas as observações que consigna em seu livro. Sobre o sólo amazonico, as suas condições climatericas, a sua constituição geologica, a sua fauna e a sua flora, as suas riquezas ichthyologicas, e, sobretudo, as suas lendas maravilhósas, Santanna Nery foi buscar dados e subsidios na obra de Barbosa Rodrigues, a quem denomina o "Agassiz brasileiro", na do engenheiro J. M. da Silva Coutinho, e nos estudos de Alexandre Haag, que foi o primeiro a conceber, antes mesmo de Euclydes, os planos da ligação, por via-ferrea, do Acre com o Madeira. Embora norteado sempre por observações hauridas em fontes estranhas, Santanna Nery traçou um vasto panorama da Amazonia,

estudando-lhe, de conjuncto, o clima e as maravilhas da vegetação luxuriante, a flora e a fauna em suas curiósas particularidades, o phenomeno da producção e a trama de sua bacia hydrographica, além de explicar-lhe as lendas nativas e estenderse sobre o sentimento religioso dos indigenas. Amparou-se, vezes muitas, nos conceitos e nas informações dos exploradores que o antecederam na inspecção á gleba amazonica. Mas, talvez por isso mesmo, realizou um dos melhores estudos que ainda se fizeram sobre a planicie septentrional brasileira. Não lhe foi possivel, tal a distensão dos horizontes a perquirir, construir uma obra completa, estudando a região integralmente, de fronteira a fronteira, num exame detido e pessoal de todas as suas proteiformes manifestações geographicas. Sem embargo, os commentarios ahi expendidos foram tão acertados e judiciósos, que o seu livro tem sido o manancial que vem abastecendo, sem nenhuma responsabilidade, o farnel erudito de innumeraveis escriptores especialistas em conhecimentos da Amazonia. A região amazonica, porém, ainda não era conhecida senão de outiva, de informações de segunda mão, através de hypotheses varias, sustentaveis algumas, insustentaveis na sua maioria, formuladas por autores suspeitos e desautorizados, que, simulando uma irrisoria attitude scientifica, repetiam, exhaustiva e levianamente, assim os conceitos verdadeiros, como os postulados falsos, as impressões apaixonadas, as theorias abstractas e sophisticas, que não resistiam ao contacto do mais primario dos argumentos. Porque a Amazonia não é assumpto para escriptores mediocres. O gigantesco cháos amazonico, para ser desvendado e comprehendido, requer uma divinação quasi prophetica. Não basta o apparelhamento scientifico. Para comprehender, assimilar e exprimir a complexidade de sua natureza, o escriptor precisa ser dotado de um talento verdadeiro, auxiliado por todas as forças do espirito e da vontade, além de possuir, simultaneamente, a faculdade de perceber, de um só lance, as circumstancias particulares e sensiveis que lhe explicam as influencias passadas e presentes. Ademais, cumpre saber fixar-lhe, como um pintor, as transformações fugitivas de seus espectaculos, o effeito dos seus violentos scenarios, o mundo de idéas secretas que a vertigem de suas aguas e o assombramento de suas florestas despertam em nossa imaginação. Por isso, por ter disposto integralmente de todas essas faculdades, é que Eucludes ainda não foi excedido. Genio fundamentalmente deductivo, elle pretendeu com a sua visão de aquia, extrahir de alguns principios claros e evidentes, e de algumas formulas obscuras e dificilmente demonstraveis, o conhecimento de todos os phenomenos amazonicos, vendo na Amazonia o que os outros ainda não tinham conseguido vêr.

Já o sr. Alberto Rangel, escrevendo num estylo rigido, inquieto e castigado, onde se encontram, não raro, os relevos violentos e as descargas nervó-

sas do estulo de Eucludes, sem medir as perspectivas cheias de seducções e de perigos que se abriam deante de sua imaginação, viu a Amazonia de outro modo. Sem procurar, como o seu emulo, penetrar-lhe a fundo a estructura physiographica, preferiu descortiná-la nos seus aspectos trepidantes, fixando-os num livro de pungente realismo - o Inferno Verde, onde o homem amazonico, submettido á crueldade do proprio destino, e a terra fantastica, nos seus painéis allucinatorios. vistos através da idealização excitada de um rebellado temperamento de escríptor. Tinha razão, neste particular, Euclydes da Cunha, em face da estructura desse livro, quando declarava que a Amazonia era conhecida apenas aos fragmentos, sob aspectos numerósos mas parcellados, em traços fórtes mas desconnexos, sem ser jámais visionada de conjuncto, porque "a intelligencia humana não supportaria, de improviso, o peso daquella realidade portentosa". Alberto Rangel, tentando delineá-la, não tinha illusões, convencido de que a tragedia amazonica ainda estava por ser escripta. Não apparecera ainda, de verdade, o poeta, que a um tempo tivesse o cabedal do scientista, a visão do sabio e a penetração do homem de genio, capaz de plasmar o poema immortal de suas peripecias gigantescas, numa obra-prima do espirito, onde transverberassem os coloridos de um Michelet ou de um Saint-Victor. O espectaculo surprehendente de suas metamorphóses telluricas não se amoldava

aos descortinadores de horizontes restrictos. Para vêr a Amazonía e interpretá-la, era necessario uma imaginação creadora, que traduzisse em linhas convulsivas, a epopéa do homem, na luta angustiada e tenaz contra os imprevistos da natureza, desafiando a aggressividade dos elementos physicos que o circundam, surprehendendo a vida e a alma das florestas, emparedado nos seus desvãos solitarios, pontilhados de trechos sombrios, "onde se diria na expressão de Alberto Rangel - que se accendem candelabros para uma festa de duendes". Fixar os lances dramaticos do homem e da terra amazonicos, onde a variedade dos aspectos se confunde e se altera em transmutações bruscas e inopinadas, fazendo sossobrar todos os artificios da logica e da razão, e onde, para cada um delles, a intensidade de impressões e a dependencia das idéas e das emoções variam de conformidade com a estructura intellectual do observador, não era empreitada para intelligencias tardigradas e marasmaticas. Era obra para os artistas de élite, capazes de exprimir, num traço fulgurante e revelador, a violencia de suas sensações e o fremito das emoções que lhes abalam o systema nervoso. Não tem sido outra, por taes motivos, a causa do insuccesso de não poucos escriptores que se têm arriscado a buscar na Amazonia a thése e o desenvolvimento de suas digressões espirituaes. Dir-se-ia que a grandeza do modelo lhes opprime e atordôa a concepção. Eriçada de impropriedades, tumultuaria de lances emphaticos, desbordante de imagens excessivas e incoherentes, congestionada de narrações prosaicas e de afflictiva monotonia, que lhe accusam a erudição superficial e discursiva, a obra resente-se, desde logo, das fraquezas e debilidades do escriptor, apresentando uma Amazonia absurda, falsa e mustificada, erigida sob os auspicios da observação de outros escriptores e, por conseguinte, sem o cunho da visada pessoal, que imprimiria, pelo menos, o caracter de authenticidade a certas invenções porventura mais fantasiósas. Seia como fôr, se até hoje ainda não exsurgiu, por encanto, o menestrel que lhe eternizasse as glorias, muitos escriptores do nosso tempo e da nossa raça, tomando-a como fonte de inspiração e pesquisando-a em determinados aspectos, trouxeram, do seu contacto com a natureza e com o homem, impressões originaes, traduzidas em paginas de indiscutivel mestria.

Veja-se, por exemplo, o livro Terra Immatura, de Alfredo Ladislau. No conciliar os surtos da imaginação com as exigencias do espirito especulativo, o escriptor preferiu vêr o lado plastico da Amazonia, modelando-a em desenhos flexuósos, sem mutilar a realidade, e descobrindo-lhe as fórmas estheticas e luminósas, ao geito de La Sizeranne. Construindo um livro que é uma verdadeira introducção ao estudo da natureza amazonica, ou melhor ainda, que é uma preparação espiritual, um roteiro admiravel para quem deseje tentar uma incursão á selva selvaggia maravilhósa, Alfredo Ladislau,

£

em impressivas aquas-fortes, desenvolve a ondulante perspectiva do panorama amazonico, nos seus contornos desordenados e nas sombrias tragedias que lhe convulsionam as forças cosmologicas. É uma Amazonia feita de claridades solares, em periodos esculpturaes, onde resplende a "vis superba formæ" do poeta latino. Mas, cumpre accentuar, é tambem uma obra de pensamento e de emoção, onde por entre os lavores de uma arte de luxuósas incrustações, estão perfeitamente equilibrados a sensibilidade do artista e o raciocinio, a logica, a pureza e a concisão do escriptor. É evidente que, sobre o espirito de Alfredo Ladislau, o prosador épico d'Os Sertões exerceu aquella indominavel influencia, aquella poderosa attracção que subjuga e perturba a quantos lhe sintam o fascinio ineluctavel. Mas, tambem, é fóra de duvida que essa influencia não foi de molde a diminuir-lhe o prestigio das idéas e a sagacidade das observações. Porque o livro da Terra Immatura, escripto com aquella excessiva pujança verbal e intensidade de expressão que eram o traço caracteristico do estylo envolvente de Euclydes, não impressiona apenas pelo esplendor da fórma e pelos ademanes da linguagem. O descortino visual do escriptor, estabelecendo pontos de vista novos e defendendo-os com desassombro, esclarecendo certos phenomenos e procurando explicar-lhes os effeitos e as causas, por sua vez contribuiu e preponderou para que, das varias e multiplas suggestões de um mundo estranho, resultasse um systema de idéas geraes, que lhe denunciam a efficiencia da cultura. Cada capitulo desse livro é o conspecto isolado de trechos esparsos da vida amazonica. Traço a traço, dominado pela idéa de lhes dar a physionomia verdadeira, o artista sobrepõe-se ao escriptor, imprimindo ás télas pinceladas vigorósas que lhe definem o talento descriptivo. Ha ahi paginas soberbas, dignas de Euclydes. Mas, de quando em quando, embora não se tenha o espirito prevenido, sente-se-lhe a affinidade com outros escriptores da Amazonia, a reminiscencia viva de impressões alheias que lhe ficaram na memoria e reapparecem, subrepticiamente, accusando-lhe a genese da concepção. Quem não descobre, desde logo, verbi gratia, que essas paginas lapidares da Psychologia dos lagos foram inspiradas na leitura do Tapará, de Alberto Rangel? A certos aspectos, a mesma semelhança de relevo e de tonalidades, na pintura do quadro amazonico, se identifica no estylo de ambos. Ainda mais. Os conceitos sobre os factores geographicos observados para as formações hudrographicas dos lagos são analogos, como é analoga a supposição, analysada com a logica de raciocinios equivalentes, de que no lago amazonico a crendice aborigene encontrou a fonte das lendas e das creações fantasticas que lhe alimentam o fabulario. Aliás, o autor do Inferno Verde, a inferir-se da legenda que lhe emmoldura o trabalho, parece ter ido buscar, por sua vez, subsidios na obra do padre João Daniel,

que, como é sabido, fez grandes estudos e explorações no "hinterland" amazonico. A despeito disso, Alfredo Ladislau escreveu um livro paradigmario, deixando o seu nome na galeria dos maiores escriptores da Amazonia.

O sr. Gastão Cruls tambem foi tentado pelo dragão metuendo, que desorbita de espanto os olhos dos que procuram fixar-lhe as volupias dionysiacas. Fiado no poder sobrenatural de sua imaginação, decidiu-se a crear uma Amazonia tentacular, trazendo-nos, em meio aos recórtes novos de um romance, feito de artificios imprevistos, uma formula mais segura para estimular a nossa curiosidade. E sem nunca ter tido, antes, uma visão objectiva das realidades amazonicas, por não ter jámais percorrido a região, conseguiu ser, com A Amazonia Mysteriosa, um lucido revelador de muitos dos seus aspectos verdadeiros. Romancista dos de maior envergadura desta época, mais attento, no desfecho dos seus romances, para a evolução das almas do que para as peripecias exteriores, o sr. Gastão Cruls, que é escriptor de alta estirpe intellectual, trouxe dos sortilegios e das fantasmagorias da Amazonia, uma impressão de pormenores tão fieis, de tão grande authenticidade, que nos deixaram a illusão de terem sido colhidos de uma observação pessoal de muito tempo. Logo de inicio, porém, o escriptor deveria ter verificado que, para lançar os fundamentos de uma obra de tamanho risco, a imaginação pura e simples não teria elementos para levá-la a

termo com successo. Medico, herdeiro do nome de um scientista cujo maior galardão na vida fôra o culto da sabedoria, a sua erudição, especializada nos dominios das sciencias naturaes, de muito contribuiu para o exito da iniciativa. Mas, sobretudo, no seu romance, movimentando as scenas e personagens dentro do aranhól desmesurado da floresta amazonica, o ficcionista teve horas indiziveis de alegria creadora. Depois, dominado pelo desejo singular de conferir os arroubos imaginativos, juxtapondo-os á physionomia verdadeira, resolveu ir vêr a Amazonia, mas vêr, á maneira do critico doutrinario que crê no valor absoluto de certas regras, sem dellas ter experimentado os fundamentos, vêr a Amazonia, com o espirito indifferente a imprevistos do acaso e á violencia dramatica das situações, convencido, talvez, como Sulvestre Bonnard, de que, para quem sabe vêr, a mais singela realidade é sempre um espectaculo surprehendente. E dando-nos a impressão directa do que contemplou, e esforçando-se para romper as molduras tradicionaes, escreveu a A Amazonia que eu vi, chronica do seu roteiro de viagem de Obidos-Tumucumaque, resultante de suas observações pessoaes, quando se aggregou, na qualidade de "climatologista", á Commissão de Reconhecimentos da Fronteira da Guyana Hollandeza, chefiada pelo general Rondon. Para os que não conhecem a região, ou sómente a conhecem através das vibrações do estulo de Euclydes, é uma decepção o livro do sr. Gastão Cruls. Estudando-a apenas em um angulo isolado, e tendo a sua visão intellectual abrangido apenas um unico sector do valle, o escriptor parece não ter encontrado em toda a sua peregrinação um só aspecto insólito susceptivel de despertar a sua curiosidade. Em notas curtas e apressadas, refertas de conceitos de extrema simplicidade, e cujo prosaismo é chocante, de vez que se trata de um prosador da linhagem do romancista da Vertigem, o sr. Gastão Cruls, levado por um temor obsessivo da emphase e da rhetorica, prima por nos apresentar, em contraste com a Amazonia do seu primeiro livro de pura ficção, uma outra Amazonia monotona, incolor e terra a terra, despojada do seu péplum de sêda e de seus cothurnos de oiro, com surprehender-lhe, num estulo sem movimento e sem vibração, a physionomia familiar, de feitio desinteressante e incommutavel, que se adstringe a um ruthmo invariavel, continuo e sempre o mesmo. Seria essa, realmente, a Amazonia verdadeira, que o genio de Euclydes não percebeu, de que o sr. Rangel, reproduzindo-lhe os panoramas, deu uma copia infiel, e que Ladislau, com ficticios e excessivos coloridos, transplantou para o seu livro? Frizemos, entretanto, para evitar interpretações tendenciósas no que concerne ao nosso ponto de vista, não estarem em causa, nesta hora, a correcção de linguagem do escriptor, nem a belleza do estylo em que o livro foi escripto. Trata-se tão sómente da maneira como se intentou reproduzir a Amazonia; e as considerações aqui formuladas ainda maior relevancia adquirem, se attentarmos que o autor dessas paginas desbotadas, sem sangue, sem nervos e sem vida, é o mesmo autor, ou melhor, é o mesmo pintor sumptuario que, sob as ardentías de eloquentes pannejamentos, e servindo-se apenas do seu espirito inventivo, visionou uma Amazonia singular que, se não era precisamente a verdadeira, estava muito proxima da realidade.

Com o sr. Peregrino Junior nos achamos em face de um escriptor, cuja plasticidade de intelligencia soube adaptar-se sem esforço aos multiplos aspectos da realidade amazonica, que se abriu e se revelou, de par em par, á sua curiosidade pesquisadora. O seu estulo simples e flexuoso, sem periodos aurilavrados, reproduz em flagrantes vivos, ás vezes de repercussões ironicas e dolorosas, as bellezas e as atrocidades do valle. Não se contentando com indicar o rumo de suas explorações, que foram continuadas e sem conta, em sectores diversos, todos percorridos minuciosamente, seguidos de perto por um observador de fina sensibilidade e equilibrado raciocinio, em seus dois livros Pussanga e Matupá, nos dá, acima de tudo, a imagem desse tablado de sombras e penumbras, onde, em alternativas incoherentes e pungidoras, se jogam os destinos do homem amazonico. De pagina em pagina, pontilhadas todas de tracos verosimilhantes e acerbos, com a intuição perfeita de quem testemunhou o espectaculo e lhe não esquece o mais rapido pormenor, sente-se, em conjuncturas angustiantes, a figura do serinqueiro, abroquelado no seu morbido fatalismo, destrocado pela natureza inclemente e tentando, desesperadamente, dominá-la, a debater-se nas crises interiores de sua vida psychologica. Os pequenos contos desses livros — evocações de paizagens que seus olhos viram e fixaram, - são verdadeiros instantaneos da floresta bravia e sem termo, de vegetação impenetravel, cortada por estradas e varadouros, retramada de paranás, igarapés, "furos" e igapós, que transbordam e alagam as regiões amazonicas, durante as grandes enchentes. O escriptor, porém, com a sua visão experimentada de crustallographo, que descobre nas pedras a jaça mais imperceptivel, não penetrou apenas o sentido esthetico da Amazonia. Procurou, tambem, desentranhar do rinção revêsso o sentido heroico dos seus homens, no fluxo galvanico de suas accões, na belleza do seu desprendimento e na coragem e na renuncia de suas attitudes. Não se assiste, por exemplo, sem um profundo amargôr, ao desfecho, tão commum aliás. da vida atormentada desses amaldiçoados da fortuna, que, de golpe, como aconteceu a Sebastião, no Paroara, depois de fugirem á selva e ás suas illusões, se vêem na contingencia de retornar "resignadamente para a solidão tragica da matta, daquella terra de esquecimento e de morte". Da mesma sorte, no drama sombrio do Gapuiador, o destino

de Chico Domingos, de melancolico desalento, faz relembrar a pagina emocionante do conto Os Ve-Ihos do Sertão, de Coelho Netto, animada com o tropical colorido, que era o indice da linguagem daquelle insigne romancista, onde apparece, como em um scenario de espectros, a figura desatinada e esqualida de Romana, que foi descoberta depois de muitos dias de vigilia macabra, quasi moribunda, junto ao cadaver, em decomposição, de seu marido, o cesteiro Thomé Sahyra, na casinha branca situada no recosto da collina, sob a ronda sinistra dos abutres esfaimados.

Reflectindo, da mesma fórma, as influencias do meio physico e social, e servindo-se de um colorido em que, muita vez, a luz excessiva exclúe a doçura das penumbras, o sr. Aurelio Pinheiro. na Gleba Tumultuaria, (scenas e scenarios do Amazonas) traz o seu modesto contingente para a evolução do genero literario tão explorado e desfigurado nestes ultimos tempos. Dentro do seu livro, em variantes discretas, a paizagem amazonica transparece ao contacto de uma alma vibratil de observador. São pequeninos scenarios, de côr local authentica, revividos com simplicidade e sem a menor pretensão estulistica, por um escriptor que viveu nas paragens invias e lhes apreciou in loco as repentinas mutações. As tardes chuvosas do valle amazonico, os seus doloridos crepusculos de "friagem", as tempestades na floresta sob o esfuzilar dos relampagos, que incendeiam os hori-

zontes, as «montarias» frageis deslizando sobre os rios largos, de aquas barrentas e profundas, a vida agreste nos castanhaes, na roca, nas "fazendas", e nos barrações dos seringaes, tudo isso, que já é logar commum nos livros que se occupam da Amazonia, tem um sabor novo de fructo acidulo e delicioso nas paginas do sr. Aurelio Pinheiro. Mas esse escriptor não se limita a photographar os panoramas do ambiente tropical. Reproduz, tambem, em tonalidades vigorosas, os aspectos da vida e das inquietações do homem amazonico, que não é apenas o caboclo nativo, adaptado ás anomalias geologicas e ás crueldades do ambiente physico, mas o emigrante nordestino, cuja capacidade organica e cujas resistencias moraes desfallecem, exhauridas, na luta pela acquisição da fortuna illusoria. São lances dramaticos sacudidos pela crueldade e pela bravura dos seus heróes, tal como nesse episodio da revolução do Acre, onde a figura de Zé Amancio, quasi transcende as raias do verosimil, ou, ainda, no conto A Surra, que é um primor de urdidura technica.

Ferreira de Castro, é um depoimento de incontrastavel veracidade sobre a physionomia barbara da terra e a physionomia dolorosa do homem que se revolta contra as suas atrocidades. Um fremito indizivel convulsiona todas as paginas, vendo-se, de modo espantoso, a vida lancinante desses galés do destino, que se evadiram da gleba natal, e sossobraram, emparedados, na floresta numerósa e obsedante Sob a analyse fria de uma visão que verifica, penetra e desfibra, ahi estão as peripecias degradantes do homem, que é o resultado accidental e contingente do meio ambiente, transformado, sob o influxo dos imponderaveis estigmas ancestraes, no gorilha feroz e lubrico dos tempos primitivos, que Taine evóca e flagélla em muitas de suas paginas. Ahi está a Amazonia pungente, desdobrando-se em scenas que ultrapassam em intensidade tudo quanto já se escreveu no genero. Não se diga, porém, que o prosador luso, com o plasmar, ao vivo, num estulo sóbrio e poderoso, a vida no interior do seringal amazonico, consignando cuidadosamente episodios insólitos e accumulando pormenores para melhor relevo individual das suas personagens, intentasse fazer obra de ficção, de pura inventiva, divorciada dos dominios da realidade. De modo nenhum. A Selva, ao revés, é um estudo objectivo, trabalhado escrupulosamente por quem, póde-se dizer, foi o protagonista das tragedias que descreve, e que, na profundeza psychologica dos sentimentos que lhes animam as figuras, se não fôssem sentidas e vividas como o fôram, não nos deixariam experimentar a emoção que não nos produziu nenhum outro livro sobre a Amazonia. Em cada scena, numa temperatura de alta pressão, agem, tumultuam e se desenvolvem, individuos de constructura hedionda, indifferentes á tortura humana, impassiveis e insensibilizados deante do soffrimento alheio. Juca Tristão é uma personagem diabolica, que recuma fél por todos os póros. Só uma figura de gelatina poderia acompanhar-lhe, sem um esgar de repulsa, as tensões exaggeradas da villania. Ainda assim, repellente, viscoso, desapiedado, não foi uma concepção literaria engendrada pela imaginação fertil de um creador de funambulos. Nada disso. Esse Juca Tristão, que o sr. Ferreira de Castro revive nas paginas amargas do seu livro, é um exemplar commum do seringalista amazonico, do homem egoista e deshumano que tripudiava sobre a angustia dos seus compatriotas, para regalo de uma vida perdularia, nas capitaes. Actualmente, a crise economica, o abandono dos seringaes, a desvalorização da borracha, e, em consequencia, o desprestigio do seringalista, que assim são chamados, entre nós, os proprietarios de seringaes. talvez, definitivamente, tenham transformado taes processos inquisidores. Não era assim, porém, na época em que se desenvolve a narrativa d'A Selva. que coincide justamente com o crepusculo dessa phase de esplendor amazonico, rematada pela mais tremenda das hecatombes financeiras. A Amazonia de hoje, economicamente, é uma região morta, sem outra serventia que não a de campo de explorações literarias, onde se têm perdido e naufragado não poucos escriptores secundarios. O autor d'A Selva, todavia, reporta-se, justamente, aos dias tormentosos que precederam a essa derrocada sem exemplo na sua historia, e, como verdadeiro romancista que é, não creou os seus heróes. Ao contrario, teve que acceitá-los como se apresentaram, já formados pelo destino, curvados ao peso de uma fatalidade da qual lhes não foi possivel escapar; e acceitando-os, ás vezes, a elles se incorpora, se amalgáma, á semelhanca do protagonista do romance, em cuias veias circula o seu proprio sangue, como um fluido essencial. Todos são photographados do original, vivem, têm estremeções, deixam á vista os musculos e as cartilagens de sua estructura anatomica. O tio Macedo, o mulato Balbino, o cearense Firmino, de Todos os Santos, o preto Tiago, são exemplares perfeitos, recortados com rara precisão de contornos, na ordem do sentimento e da sensação. A prisão e os castigos selvaginos inflingidos ao seringueiro fugitivo, agrilhoado ao "tronco", para que o dorso, sangrando, escabujasse, lacerado pelos golpes do umbigo de peixeboi, eram scenas cannibalescas, mas trivialissimas, na vida dos serinqueiros estupidos dessa Amazonia absurda e desorbitada de outróra. Poucas obras, como a do sr. Ferreira de Castro, pela propria feição de verosimilhança com que se exhibem as tramas do seu romance, suscitaram da critica tantas glosas e exegéses. O nosso melindroso nacionalismo não quer transigir com um escriptor que, pelo simples facto de ser estrangeiro, não tem o direito de reproduzir, sem attenuantes, sem injustificaveis euphemismos, o que visionou e sentiu durante a sua permanencia num seringal amazonico. A nosso vêr, porém, a virtude fundamental desse illustre homem de letras, o que dá um caracter sem equivalente á sua obra, é precisamente essa faculdade de abstrair da narrativa as imagens e os typos ficticios, para se ater exclusivamente á crua realidade, despojada de atavios exteriores. O que lhe superioriza a technica, no romance, é a capacidade que tem o seu espirito de saber escolher a opportunidade justa e guardar as devidas proporções, não se perdendo em minucias superfluas, á moda balzaquiana, nem se demorando inutilmente na descripção de episodios parasitarios.

Humberto de Campos, que antes de attingir os cimos de sua grande gloria, foi gerente de um seringal no rio Mapua, deu o seu testemunho valioso e insuspeito, em chronica brilhante, sobre a integral veracidade dos factos articulados no romance do escriptor portuguez, affirmando que só "quem se habituou a vêr a Amazonia com os oculos de oiro dos nossos escriptores ou com a lente dos naturalistas estrangeiros que por lá andaram a classificar insectos e plantas, estranhará, sem duvida, este livro do sr. Ferreira de Castro". E. para corroborar a verdade de suas assertivas, expõe aos nossos olhos um siamez authentico de Juca Tristão, o coronel José Nobre de Almeida, prepotente, vingativo e insidioso, senhor de baraco e cutello da zona onde Humberto exercia a sua humilde actividade commercial, e cujas proezas

talvez excedam em vandalismo ás do seu emulo do Paraizinho, no rio Madeira. Precisaria ainda dizer, para completar o esboço d'A Selva, aqui tentado vertiginosamente, que raros escriptores do valle attingiram, descrevendo-lhe as magnificencias, o estranho fulgor do seu colorido verbal, que imprime á paizagem grandeza e sumptuosidade. Vejase, por exemplo, para que sejam cotejadas as impressões que recebemos de sua leitura, a belleza empolgante dessa pagina que nos descortina, com excepcional vivacidade. o dealbar da aurora no amago da floresta virgem: « Amanhecia: a luz fôsca que despertara Firmino, clareava agora nas alturas e vinha descendo rápidamente, traspassando os ramalhos e iluminando as salas aéreas que, de quando em quando, se escortinavam entre a multidão vegetal. A meio, porém, dos troncos anciãos, onde já chegava o chapéu novo dos infantes, a luz diminuia a sua marcha para a terra, encontrando resistência na ramaria que ali se cerrava em mancha ainda negrusca. Por tôda a parte, uma orquestra invisível, milhares de gorgeios diferentes que se somavam num só ritmo, que se diluíam em música suave, música que era quási o silêncio verificado, na véspera, por Alberto, mas agora mais latente, mais vivo e alvorocante. De quando em quando, subia pelas narinas, perturbando o olfato, um cheiro forte de humus em combustão - folhagem e troncos que apodreciam na humidade da terra desvairada pela sua própria exuberância. E em largos trêchos, errava um aroma intenso de ignorado jardim, perfume original e precioso como nunca o recolheram os frascos caprichosos da França. Sentia-se a luta desesperada de caules e ramos, ali onde era dificil encontrar um plano que não alimentasse vida prodigiosa. A selva dominava tudo. Não era o segundo reino; era o primeiro em fôrça e categoria, tudo abandonando a plano secundário. O homem, simples viandante no flanco do enigma, entregava a sua vida á dominadora. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de féra. A árvore solitária que, na Europa, borda, melancolicamente, campos e regatos, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo. Adivinhava-se que a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espreitavam por tôda a parte. Nada a assemelhava ás últimas florestas do velho mundo, onde o espirito busca enlevo e o corpo frescura sôbre os tapetes de relva; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e com as suas eternas sombras, que davam ás pernas nervoso anseio de fuga». E mais adeante, ao geito de Euclydes, num estulo denso e magnetico, que lhe accusa o esforco cerebral: « Era obsessionante aquella variedade assombrosa, que negava relêvo individual, que impunha a si própria uma única expressão, atropelando-se, engalfinhando-se em raiva surda e eviterna. De bárbara grandiosidade, dava uma só forte impressão de beleza: a inicial, a que nunca mais se esquecia e nunca mais se voltava a sentir. Solo de constantes parturejamentos, húmido, fantástico na teima de criar, a sua cabeleira, contemplada por fóra, sugeria vida liberta num mundo virgem, ainda não tocado pelos conceitos humanos; mas, vista por dentro, escravisava e fazia anhelar a morte. Só a luz obrigava o monstro a mudar de expressão, revelando as suas pesadas attitudes ».

A não ser em Alberto Rangel, nas paginas do Inferno Verde, sómente em La Voragine, do escriptor colombiano José Eustasio Rivera, é possivel encontrar-se o mesmo vigor de colorido na descripção da paizagem amazonica. Observador da mesma genealogia espiritual do autor d'A Selva, a visão objectiva de Rivera conseque violentar a floresta aggressiva e a natureza selvagem, na epopéa dos homens que nellas se perdem e desapparecem, sem descobrir outros rumos que não o da morte. A selva « sadica u virgen » faz vibrar intensamente o seu poderoso organismo de escriptor; e experimenta-se, por entre as metamorphoses do estulo exuberante e sanguineo, uma emoção intraduzivel, que nos subjuga todos os sentidos e nos penetra até ás entranhas. Porque, de facto, o ambiente torturado da floresta, que corrompe e devora a alma dos homens, os seus aspectos tenebrosos. as contorsões da besta humana nos seus peiores instinctos, têm um relevo fantastico nas paginas de La Voragine. Ahi, na pintura sombria de seus pesadellos allucinantes, a floresta não nos apparece na maravilha poetica dos vergeis e pomares encantados, por entre arvores, fructos e flores, na delicia de seus aromas, no sortilegio de seus passaros. E'. pelo contrario, uma vastidão impervia, de meandros pluriformes, onde as arvores, — « árboles que tienem sangre blanca, como los dioses » — nos seus silencios hupnotizantes, em represalia ás perseguições que soffrem, feridas e mutiladas pelo serinqueiro, se tornam perversas e zombeteiras. Os nossos olhos assombrados não contemplam sem um profundo horror a odusséa do homem amazonico. perdido na sua immensidade, affrontando-lhe os perigos, fugindo á emboscada dos reptis, envolvido num labyrintho de riachos putridos, de cujas aguas rebalsadas se desprendem miasmas mortiferos, e em cujas margens vivem as plantas venenósas e proliferam os insectos que levam a morte aos seus intrepidos desbravadores. Ha uma dessas paginas arrepiadoras, que faz calafrios a quem a lê. E' quando Rivera descreve a invasão destruidora das «tambochas», formigas carnivoras, portadoras do exterminio, muito mais vulnerantes do que a «tucandeira», e cujo apparecimento, no inverno, quando emigram para morrer, em massas compactas, aos bilhões e aos trilhões, infiltrando-se por toda a parte, na floresta, através de leguas e leguas, leva o panico e põe em fuga homens e animaes. Este livro em que se acham compendiados alguns episodios veridicos occorridos nas planicies de Casanare, nas margens do Orenoco e nas regiões caucheiras banhadas pelos affluentes do Amazonas, além de nos dar a impressão legitima da selva tropical, como na obra de Ferreira de Castro, é, da mesma sorte, um libello vehemente, que denuncia as ignominias e os crimes commettidos impunemente na floresta, onde ao seringueiro nem mesmo assiste o direito de morrer, para não fraudar os seus verdugos. Em cada pagina está um lance da vida escravizada desses párias, explorados por aventureiros sem escrupulos, que vivem dominados pela rapacidade e pelo instincto homicida.

Ha ainda um outro livro sobre a Amazonia - Desherdados, que é muito anterior ao romance d'A Selva, e cujo autor — Carlos de Vasconcellos, prosador de nobre ascendencia intellectual, occupou logar muito alto entre os amazonologos. O homem amazonico ahi está, tambem, immobilizado na sua verdadeira phusionomia e nos seus significativos e singulares pormenores. Á maneira de Rivera e de Ferreira de Castro, o escriptor dos Desherdados tinha o dom de observar e saber interpretar as suas observações. Engenheiro, como Euclydes e como o sr. Alberto Rangel, foi no seio da floresta inhóspita, a servico de sua profissão, abrindo picadas, levantando planos, fincando balizas, plantando marcos, medindo os angulos dos horizontes, calculando as distancias e analysando os logares, através de seus caracteres geologicos e topographicos, que o escriptor surprehendeu as fibras mais intimas e secretas do homem que habita essas paragens de irremediavel solidão, para poder analysar-lhe os estados emocionaes.

A paizagem, todavia, em escala reduzida. como em quasi todos os livros amazonicos, é sempre equal da mesma conformação invariavel. desprovida de aspectos predominantes. Mas o homem, o desherdado que succumbe sob a inflexibilidade do meio ingrato, submettendo-se passivamente ás suas contingencias, adstricto ás penosas condições que lhe são impostas na luta pela vida, o homem, em summa, cuja existencia contrasta com a floração exúbere e opulenta que o circunda e enclausura, ahi está descripto em paginas commovedoras de revézes e reaccões, de offensivas tragicas contra os elementos antagonicos que o tentaculizam e devoram. Ha um episodio, nos Desher= dados, sobrelevando de muito ás scenas atrozes que, por todo o livro, numa intercadencia de investigações anthropologicas, parecem definir a braveza do homem amazonico, resultado immediato da influencia nefasta de factores complexos e imponderaveis, contra os quaes é nulla a sua capacidade de resistencia. É o do concubinato de um seringueiro com uma jumenta de estimação, que, abandonada depois pelo seu amasio, e por elle repellida, quando o procurava para o coito habitual, se desfórra da ingratidão do macho, lacerando-lhe o rosto com um coice. Embora de aspecto repulsivo e de indole pathologica, são de natureza commum esses casos de «zoophilismo» no interior amazonico, onde o homem se isola e, á falta da mulher, sob as impulsões do instincto genetico, deperece e se deprime, no descer á ignominia de taes commettimentos. O sr. Ferreira de Castro, no seu bello livro d'A Selva, refere um facto identico, passado na floresta, atraz de um cannavial, e assistido pelo heróe do seu romance, que, de olhos esbugalhados, recusava acreditar na torpeza de tamanho aviltamento.

Desviando-se da trajectoría costumeira e seguindo uma orientação de carecter didactico, o sr. Jorge Hurley, na *Amazonia Cyclopica*, ao invés de fazer literatura, preferiu estudar o valle scientificamente, nos seus accidentes geographicos; e, em livro interessante, onde revéla os seus conhecimentos de geologia, archeologia, ethnographia e historia, discórre com proficiencia sobre varios dos phenomenos amazonicos, que até então não tinham sido convenientemente estudados.

Em Terra de Ninguem, um escriptor novo, de viva e atilada intelligencia, o sr. Francisco Galvão, tenta, com relativo exito, a experiencia do romance social do Amazonas, defendendo uma these audaciosa, em que a vida na selva assume aspectos insólitos e irreverentes. Livro impregnado de idéas subversivas, de vez em quando, no seu entrecho, de envolta com a descripção das perfidias da natu-

reza, que desbarata o seringueiro incauto, victima da furia destruidora da terra e das aguas, que tudo destróem nas grandes «cheias», e victima do seringalista, que lhe absorve as energias moraes e physicas, se vislumbram os pendores communistas do escriptor, denunciados, a cada passo, na entrosagem do romance, e applicados, como experiencia de successo, a ser imitada, no seu desfecho, quando a horda desenfreiada e sanguisedenta dos opprimidos investe contra o oppressor, prostrando-o sem vida.

O nome do escriptor Anisio Jobim não deve ser esquecido na galeria dos visionadores do scenario amazonico. Panoramas Amazonicos, o livro que lhe vae consolidar a reputação de historiographo, commentador e annotador dos variados aspectos da região amazonica, é o resultado do esforço de um homem que ama o livro sobre todas as coisas, e cuio exilio demorado em diversos recantos banhados pela grande arteria fluvial, o deixou em contacto com a natureza surprehendente do valle, que revelou para o observador e para o scientista a expressão proteiforme dos seus scenarios. Não se trata, porém, do commentario apressado, da annotação rapida, do bosquejo impreciso de quem viu e perscrutou artificialmente e, por conseguinte, raciocinou e deduziu com falsos dados e de maneira perfunctoria. Todas as observações reunidas dentro das paginas desse livro, sobre denunciarem o escriptor, que accusa um estulo pessoal onde a concisão e a clareza preponderam, representam a elaboração paciente do scientista, que vae buscar na cultura biologica os motivos e as origens de suas classificações, a consistencia de seus assertos e a justeza de suas conclusões. Todas as theses defendidas no decurso de qualquer capitulo, resultam da collaboração do esforço e do estudo, com visada introspectiva e segura, que se insinúa através do objecto sobre o qual incide o golpe de vista do explanador, trahindo-lhe a agudeza e a profundidade. Poucos livros desse genero pódem ostentar essa caracteristica impressionante. Mas o escriptor não submette, de modo algum, a esse exame detido e quasi miscrocopico toda a volumosa extensão da planicie, reproduzindo-lhe as exuberancias da vegetação e os cambiantes de côr, as diversidades dos aspectos botanicos, na sumptuaria majestade de seus contornos. Colorista do estulo, tendo, como um pintor, o sentido raro do desenho e das perspectivas, teria conseguido, se o quizesse, elementos sufficientes para realizar uma obra de immediata repercussão. Preferiu, porém, e muito acertadamente, restringir o seu campo de observações a determinados trechos, a intermittentes faixas do valle amazonico, que ficaram adstrictos, em todas as suas conformações distinctas, nas suas propriedades physicas, nos seus caracteres ethnographicos, nos seus contrastes e anomalias, aos recursos prodigiósos da cultura e da visão. São debuxos perfeitos, onde se patenteiam os attributos de organização e disciplina do historiographo.

No livro curioso do sr. Abguar Bastos — Amazonia que ninguem sabe, estão « as legendas remotas, os mythos sagrados, os hierogliphos eternos, os totens propiciatorios ». É elle proprio quem o affirma. E sería, realmente, uma interessante contribuição para os estudos da região amazonica, se o seu autor, que aliás é um espirito equilibrado e de fecundas realizações, não imprimisse á sua novella os defeitos e os exaggeros modernistas, que tanto lhe desprestigiam o encanto e a originalidade.

Não se póde, em consciencia, tratar dos escriptores da Amazonia, sem fazer uma allusão amavel á sra. Juanita Machado, que publicou um livro interessante, Terra Cabocla, onde estão colligidos, numa linguagem harmoniosa e clara, os mythos e as lendas do seu immenso fabulario. São paginas eruditas e captivantes, que excedem de muito a tudo quanto, no genero, se tem escripto até hoje. Não que a sra. Juanita Machado, que é uma escriptora de irresistivel poder de intelligencia, tenha trazido algumas contribuições inéditas para um estudo que, apesar de rebatido e repisado, ainda vem servindo de pasto ás ousadas improvisações dos pseudo-descobridores da planicie. Todavia, nas lendas que ella revive, em uma prosa cheia de graça e fantasia, de colorido exuberante, além das vantagens do seu estylo, que é senhoril e matinal, com a radiósa frescura das alvoradas amazonicas, e com o perfume, o travo, o sabor

agreste de fructa do matto, ha ainda a considerar, num plano superior evidente, a expressão sincera, ou melhor, o accento veridico das observações, condensadas no calor de outras formas de vida e sensibilidade. As lendas, no livro da sra. Juanita Machado, nada perdem do seu antigo prestigio e encantamento. Sente-se, pelo contrario, como em certas pinturas religiosas de Goya, transfiguradas por uma névoa de mustica espiritualidade, que a sua maneira de contar, como por effeito de uma força communicativa e inspiradora, lhes imprime ás facetas mysteriosas maior sensação de colorido e de belleza. De outro modo, realmente, vibram em nossa sensibilidade, quando reproduzidas por essa intelligencia creadora, as lendas amazonicas, quer quando nos falla do Muyrakitã, o talisman indigena de que tanto se occupou Barbosa Rodriques; quer quando se refere ao Curupira, o espirito das florestas; ao Maty-taperé, que é a encarnação da alma de chefes mortos das tribus guerreiras; ao Yrupary, o cruel tecedor dos sonhos máos; ou, ainda, á serpente Boua-acu, a mãe d'agua, que habita no fundo dos lagos, e que « nas noites de lua grande, sóbe á tona, acompanhada das yaras, nymphas dos igarapés, que tem os cabellos verdes como os lichens, os fungos e as algas, que crescem nos igapós, e o corpo brancoroseo, como as victorias-régias.

Ha dois lustros, mais ou menos, quando muitos dos autores mencionados acima, nada haviam pen-

sado e escripto sobre a Amazonia, já um prosador do norte, Farias Gama, que morreu obscuro e sem projecção, e cujo nome revivemos num preito de justica, tinha publicado um livro - Aquas e Selvas, que, apesar do lurismo de sua linguagem, ás vezes incorrecta e excessivamente blandiciosa, não era dos peiores da bibliographia amazonica. Farias Gama andou perdido pelo Acre, á cata do velocino de oiro, e foi dessa peregrinação pelo interior que lhe ficaram as impressões, transpostas para o livro por sua intelligencia de accentuada faculdade receptiva. São paginas leves, fixando as scenographias, de matizes variados, que dão a idéa desse microcosmo que é a Amazonia, «meio paraiso e meio inferno», através dos recantos que lhe serviram de modelo ás lindas aquarellas.

Os escriptores da Amazonia formam um cortejo numeroso. Transcenderia de muito os nossos intuitos, alludir ao nome de todos elles, evitando omissões, inevitaveis aliás, nos limites estreitos de um trabalho desta natureza. (E agora, um parenthesis: propositadamente, excluimos desta resenha a ribambella de poetas que, em todos os rythmos, cantaram a Amazonia; e, por méro desencargo de consciencia, destacaremos o nome do sr. Raul Bopp, que, na opinião reiterada do escriptor de *Pussanga*, foi o unico artista que soube vêr, comprehender e interpretar, de conjuncto, a totalidade do mundo amazonico: «Só um homem viu até hoje, no tumulto febril de seu estranho lyrismo, a Amazonia toda:

Raul Bopp. Porque viu, com os delirantes olhos de fogo da Cobra Norato, a poesia da Amazonia. E só a Poesia nos póde dar o rythmo da totalidade daquelle espectaculo de surpresa e maravilha, que é pura magia e encantamento». E não esquecemos, neste relato, o nome fulgurante do autor de Cobra Norato, apenas para discordar dos conceitos firmados pelo sr. Peregrino Junior, escriptor a quem temos no mais alto apreco, e de cujas idéas, em detrimento dos grandes nomes que representam, em realidade, o padrão da cultura amazonica, somos constrangidos a dissentir. Só a poesia terá a faculdade de dar o ruthmo ao espectaculo maravilhoso da Amazonia? Pura hyperbole! E o genio de Euclydes? E a intuição de Rangel? E a consciencia esthetica de Ladislau? Talvez não tivessem visto «toda» a Amazonia, e certamente, é facto innegavel, não a viram senão em angulos ísolados e dispersos: mas, ainda assim, ninguem, como elles, que não eram poetas, estudando a terra e o homem, patenteou esse poder de visão que, de golpe, como por effeito de um imprevisto impulso catalutico, determinando-lhes as contingencias historicas e as circumstancias physicas, reproduziu a grandeza do valle amazonico. E fechemos este parenthesis).

Eis a Amazonia, na arte de eschemas e convenções de seus exploradores literarios, nas magnificencias de sua natureza assombrosa, sob a tensão formidavel de estranhas energias telluricas, no espectaculo sempre novo de suas transmutações geologicas e de suas configurações topographicas; a Amazonia, que teve as suas paragens percorridas em varias direcções pela cubiça dos aventureiros, pela soffreguidão dos ficcionistas e pela curiosidade dos homens de sciencia: a Amazonia singular, plasmada através dos seus fantasticos scenarios — \* mattas a caminharem vagarosamente, viajando nas planuras, ou estacando, cautas, á borda das barreiras a pique, a reflectirem, na desordem dos ramalhos extorcidos, a estupenda consagração immovel de uma luta perpetua e formidavel; lagos que nascem, crescem, se articulam, se avolumam no expandir-se de uma existencia tumultuaria, e se retrahem, definham, deperecem, succumbem, extinguem-se e apodrecem feitos extraordinarios organismos, subjeitos ás leis de uma physiologia monstruosa; rios pervagando nas solidões encharcadas, á maneira de caminhantes precavidos, temendo a inconsistencia do terreno, seguindo «com a disposição cautelosa das antennas dos furos...» (Euclydes da Cunha. Prefacio do Inferno Verde). Eis, em traços resumidissimos, a Amazonia mirifica, através do estylo e da imaginação dos seus maximos interpretes; a Amazonia, «a ultima pagina, ainda a escrever-se, do Genesis », sob a exegese curiosa de innumeros escriptores; a Amazonia, «a terra mais nova do mundo», consoante a affirmativa de Euclydes, baseada nas inducções de Wallace e de Frederico

Hartt; a Amazonia tentacular, onde o homem, no tumulto de sua realidade portentosa, é um «actor agonisante»; a Amazonia perturbadora, onde «o homem é ainda um intruso impertinente, que chegou sem ser esperado nem querido, quando a natureza estava arrumando o seu mais vasto e lúxuoso salão»; a Amazonia, onde tudo é grande e surprehendente, sómente o homem é minusculo, insufficiente, incapaz...

Taes conceitos, quasi todos emanados da experiencia scientifica e da imaginativa estuósa do prosador d'Os Sertões, foram, a principio, simples postulados, que depois se converteram em axiomas, contra os quaes ninguem ousou levantar a minima objecção. Ha um livro, porém, apparecido em 1933, que, fazendo o estudo anthropogeographico da Amazonia, intenta, simultaneamente, a rehabilitação da terra e do homem: é a Amazonia. do sr. Araujo Lima. Não chegava fóra de tempo. A Amazonia, sustematicamente perlustrada por escriptores e scientistas que lhe viam a belleza e lhe assignalavam as deficiencias sem explicar-lhes os factores determinantes, encontra agora um espirito constructor que, em rapidas e solidas deducções, com rara disciplina dialectica, expõe os problemas, numa sequencia logica de conceitos, que lhe esclarecem e definem o pensamento. Para o sr. Araujo Lima, a região amazonica não tem sido comprehendida e interpretada como era de mister, porque, além de conhecida vaga e superficialmente, aos seus visionadores tem faltado, sobretudo, aqudeza de visão. Os seus immensos recursos são completamente desconhecidos, e os que lhe estudam os phenomenos, não procuram perquirir-lhes os effeitos e as causas. A terra, por seu poder assimilador sobre o homem, não é incompativel com a vida humana, apesar das inclemencias da natureza. Todo o mal, a seu vêr, provem da incultura dos seus exploradores, incapazes de distinguir-lhe as influencias directas e as influencias biologicas, resultantes as primeiras do meio phusico, e as ultimas da adaptação physica ao meio. Não é possivel negar, desde logo, a veracidade das conclusões do sr. Araujo Lima, sendo para estranhar, entretanto, que, generalizando, quando se refere á inaptidão cultural dos exploradores da Amazonia. tivesse esquecido de exceptuar o nome do autor insigne d'A' margem da Historia. Apesar de serem differentes os seus conceitos, expendidos na obra a que ora nos referimos, collocando-se, ás vezes, em pontos de vista absolutamente antinomicos, Euclydes da Cunha foi dos raros escriptores que, á luz do mesmo criterio scientifico, estudaram a terra e o homem amazonicos. Viu-os, talvez, através de um pessimismo sombrio, quasi morbido, sob o dominio de impressões momentaneas, mas a sua mirada, embóra rapida, foi profunda e introspectiva, denunciando-lhe, de subito, o relevo da mentalidade. Por outro lado, em contraste com as suas opiniões, outros interpretes da região amazonica imprimiramlhe á molduragem panoramica um colorido optimista, não vendo na selva senão as arestas multifarias que lhe realcam as bellezas exteriores. É contra estas duas maneiras de vêr que se insurge o sr. Araujo Lima, preferindo, e com justas razões, ficar equidistante desses dois juizos, que se entrechocam e se repulsam. E, para argumentar, considera, a priori, excluidas de suas cogitações de scientista as duas formulas dispares, que em nada contribuiram para definir e estabelecer o verdadeiro significado da região ignorada e indecifravel. Não se trata de inferno, nem de paraiso verde, que como classificações, para o conceito do sr. Araujo Lima, não passam de innocuas e reboantes metaphoras, patenteando o erro de visão de observadores menos atilados, que a exaltam e a diffamam sem lhe conhecer a estructura complicada e prodigiosa. Trata-se, a rigor, de «uma terra lastimavelmente fraudada e sagueada», que parece aggressiva, tal o desequilibrio evidente entre a sua grandeza desmesurada e a sua população restrictissima. Não é outra, senão a insufficiencia numerica do homem, a causa das versões exaggeradas ou falsas que circulam nos livros dos escriptores da Amazonia. O sr. Araujo Lima, quanto a este ponto de vista, é peremptorio: «A terra não é insusceptivel de ser domada; apenas ainda não o foi, porque o factor humano é minimo, escasso, mas não incapazo. No que concerne á sua apregoada insalubridade, demonstra, ex-abundantia, que ella é devida ás consequencias de uma colonização inferior, levada a effeito por gente inculta e physiologicamente incapaz, corroborando, assim, em parte, o juizo de Euclydes, quando affirma que a lethalidade nas planuras amazonicas, sendo, aliás, reduzidissima, em proporção ao tamanho do territorio, resulta de sua recente abertura ao povoamento, adduzindo que o seu «clima calumniado», além de admiravel, tem, sobretudo, a funcção superior de fiscalizar, sanear e moralizar a terra, contra a invasão das enfermidades e dos vicios.

Mas, se de um lado, as suas idéas, explanadas em suntheses lucidas, que lhe revelam a cultura seductora, coincidem com as idéas de Eucludes, ainda mesmo no estudar o phenomeno biologico da adaptação do individuo á terra, ás suas agrestias e ás rudezas da natureza, juxtapondo os novos organismos aos novos meios; de outro lado, sem se forrar á temeridade de uma falsa objecção, discorda vehementemente do autor dos Contrastes e Confrontos, nos seus juizos reiterados com relação á pequenez e á incapacidade do homem amazonico. A sua replica é eloquente. Discutindo, argumentando, provando, numa reacção triumphante, com a logica de um raciocinio que muito honra a sua independencia intellectual e faz sobresahir o aspecto elevado de sua faculdade de visão, deixa-nos convencidos da injustica do julgamento que sempre se tem feito sobre o homem amazonico, através de conceitos que o humilham

e envilécem, mostrando-no-lo, ao revés, no heroismo de sua bravura inconsciente, enfermo, sósinho, desarrimado de qualquer protecção, ainda inadaptado ao sólo, affrontando perigos e arriscando a vida, no recontro gigantesco contra a selva primitiva, que lhe resiste, tenazmente, á insania das investidas. São paginas modelares de erudição e de technica scientifica, onde, através do criterio da geographia humana, se lhe desenvolvem os estudos sobre a população amazonica, nos seus elementos nativos e adventicios, ahi analysados, numa série de lições proveitosas, que daria margem a novas pesquisas em torno das condições ethnologicas e ethnographicas da Amazonia. O caboclo e o nordestino, este ultimo, devéras, que devia ser considerado o lidimo homem amazonico, por ter sido o desmoitador da floresta selvagem, e por ter penetrado o valle em toda a sua extensão, merecem de sua cultura um impressivo plaidoyer, enquadrado na doutrina scientifica contemporanea. Sobretudo, o caboclo amazonico. As suas virtudes precipuas e a razão de ser das qualidades negativas que lhe são imputadas; os motivos de sua incultura mental, as causas e os factores que lhe determinam a inferioridade physica, intellectual e social, -todos esses problemas momentosos estão summariados e resolvidos pelo autor da Amazonia, que faz a completa rehabilitação do malsinado habitante destas regiões, destruindo-lhe a tradição de inercia, de inoperosidade, de inadaptação aos costumes

civilizadores e de incapacidade assimiladora, resultante de varios phenomenos sociaes e biologicos, susceptiveis de serem removidos e sanados. Anthropologicamente, é clamorosa a pécha que se lhe dá de individuo inferior e incapaz, sob o aquilhão da fatalidade ethnica ou geographica. Temos por escusado acompanhar, em todos os seus itinerarios, as idéas contidas no livro do sr. Araujo Lima. Escriptor de grandes reservas culturaes, a sua visualidade de sociologo abrange, simultaneamente, a exploração e a economia da terra amazonica, o homem em face das accões climaticas e telluricas, e em face da historia e da familia, que são estudos sociaes de alto interesse, focalizados com irrecusavel mestría. O sr. Araujo Lima viu a Amazonia, nos seus musterios e panoramas, não com os olhos deslumbrados do espectador que se interessa sómente pelas molduras exteriores, mas com a intuição perquiridora de quem, penetrando a essencia da natureza, procura descobrir as relações entre o homem e a terra, sob o dominio das quaes todos os conhecimentos particulares conduziram ás visões de conjuncto. A sua obra é uma contribuição notavel, não apenas para o conhecimento esthetico da planicie amazonica, mas, acima de tudo, para o seu estudo de caracter scientifico, com o ventilar e debater um acervo de problemas e theorias que, embora por demais debatidos e ventilados, ainda despertam curiosidade e conseguem desdobrar-se sob aspectos inéditos e attrahentes, quando versados por uma intelligencia fecunda e constructiva.

Se outros proveitos a obra do sr. Araujo Lima não tivesse trazido para o estudo da Amazonia, pelo escrupulo infinito da documentação scientifica e historica, desviada das directrizes rotineiras, só o facto de haver estimulado outros scientistas e escriptores que se entregaram a investigações do mesmo genero, bastaria para destacarlhe o merecimento. Agora mesmo (Jornal do Commercio, do Rio, de 24 de Marco de 1935), rastreando-lhe a trajectoria das idéas e, de perto, marginando as idéas de Euclydes, no esforço de descobrir perspectivas inéditas em derredor da exploradissima região septentrional, o sr. Honorio Silvestre, realiza um ensaio substancioso — A Amazonia (esboço anthropogeographico), que lhe evidencia, nestas perigosas espheras de conhecimento, a experiencia individual e os principios basilares da cultura scientifica. O seu trabalho, antes de mais nada, como a obra do sr. Araujo Lima, é um depoimento fervoroso em defesa da terra e do homem amazonicos. A terra, com a discriminação dos seus phenomenos geologicos, o minucioso cuidado de um explicados com polemista que está disposto a aparar e objecções imprevistas; o homem, relevando-lhe as qualidades e as insufficiencias, fazendo-lhe justiça ao destemor patriotico, considerando-o « uma entidade racial, que em nossos dias, repete as façanhas paulistanas e pernambucanas da época

bandeiristica». A Amazonia — «terra carecedora da ultima mão de obra que a consolide entre as duas áreas de envelhecidas glebas continentaes, a Guuana e o Brasil», é vista por um observador experimentado, que lhe surprehende e analysa, em face da geographica humana, todos os aspectos notaveis. As suas visões paleozoicas e as suas contingencias physiographicas. O rio Amazonas, os seus affluentes volumosos, a sua funcção como accidente geographico coordenador dos cursos fluviaes de sua extensa concha hudrographica, aliás já arrolados e annotados superiormente, em uma these do engenheiro paraense Henrique A. Santa Rosa (Historia do Rio Amazonas.-1926). Trata da «pororóca», phenomeno tão discutido e sujeito ás controversias de quantos se preoccupam com as coisas amazonicas, e novamente explicado em suas origens e em suas causas. Extende-se, depois, o seu exame esmiucador por outras originalidades do valle, equalmente interessantes. Refere-se, estabelecendo confrontos, ás proporções gigantescas do mundo vegetal, no complexo de suas modalidades phytologicas. Embrenha-se, adentro, na selva, admirando-lhe a exuberancia das vegetações. Allude ao apuyseiro, legendario parasita que destroca e anniquila a arvore, o leit-motiv dos escriptores da Amazonia, delineado magistralmente, na complexidade de sua estructura botanica, pelo sr. Alberto Rangel, em uma das paginas febris do Inferno Verde. Tambem a zoologia da região attrae-lhe

a retina perscrutadora, que se distende pela fauna dos rios e das lagôas, provando que o meio geographico favorece a fauna assombrosa dos invertebrados, e concluindo por estudar a fauna mammifera, com a indicação de seus exemplares principaes. Nada lhe foge á curiosidade scientifica. No tocante ao «muirakitan» e ás palmeiras amazonicas, salienta os trabalhos de Barbosa Rodrigues. Deixa em relevo o nome do eminente sr. Roquette Pinto, citando-lhe a Rondonia e os Seixos Rolados, como grandes fontes de ensinamentos ethnographicos da planicie. Não esquece Couto de Magalhães, autor d'O Selvagem, onde foram estudados os habitantes primitivos do Brasil. Sobre a linguistica da Amazonia, não lhe occulta os aspectos complicados, de vez que são innumeras as nações indigenas, muitas das quaes não lograram ser incluidas nas classificações de Martius e de outras autoridades na materia. Não supprime de sua resenha as contribuições valiósas de Tastevin, Capistrano de Abreu, Colbachini e conde Stradelli, este ultimo com trabalhos relevantes, alguns dos quaes ainda inéditos. Assim como não olvida o nome do engenheiro Palma Muniz, que fez diversos estudos sobre os municipios paraenses, e o de Coudreau, cujas explorações muito serviram na orientação geographica dos cursos fluviaes. Focalizando os aspectos sociaes da Amazonia, faz a nomenclatura das obras de alguns dos seus escriptores, omittindo, aliás, por um descuido indesculpavel, a de Alfredo Ladislau, personalidade mercante, que occupa logar eminente entre os seus maiores prosadores. Como a justificar-se, porém, dessa lacuna, o sr. Honorio Silvestre timbra em salientar a grande figura do naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, de indiscutivel competencia no dominio das sciencias naturaes, comprovada pelos seus estudos anthropogeographicos, muito anteriores ás experiencias de Ratzel, os quaes, se tivessem sido publicados, o acreditariam no mundo scientifico, segundo o seu pensar, como uma das maiores mentalidades do seculo XVIII. Ha, tambem, neste bello ensaio do sr. Honorio Silvestre, uma informação referente ás forças moraes do passado da Amazonia e aos seus historiadores, onde se faz indicação, particularizando-lhe os estudos epigraphicos, da obra do amazonense Bernardo de Azevedo da Silva Ramos Inscripcões e Tradicões da America Latina, cujo valor ainda não foi devidamente aferido pela critica, comquanto represente um dos maiores subsidios, ainda conhecidos, para os seus estudos ethnographicos, linguisticos, geologicos, archeologicos e epigraphicos.

A julgar por esta súmmula imprecisa, poderse-ia pôr em prova a consistencia desse trabalho do sr. Honorio Silvestre, que, sem nenhuma indulgencia, deve ter o nome, desde agora, pela copia de conhecimentos que expoz, debatendo theses de tão difficil vulgarização, a figurar entre os amazonistas que, de facto, conhecem a Amazonia. Mas, se esse estudo do illustre geographo brasileiro, não provasse, sufficientemente, que a Amazonia começa a despertar interesse e curiosidade para as intelligencias do Brasil, ha ainda, vindo a lume mais recentemente (*O Jornal*, do Rio, de 4 de Junho de 1935), este topico de notavel artigo do sr. Assis Chateaubriand, que enternece e commóve a quantos nasceram e vivem na terra distante e relegada:

«Em nenhum trecho da terra brasileira sinto mais o Brasil do que no meio dos nossos compatriotas da região amazonica. Abandonado, esquecido, devastado pela mais inexoravel crise economica, o homem da Amazonia tem um patriotismo tão ardente quanto espontaneo. Eu gostaria de empregar uma boa parte do meu labor de homem de imprensa, de jornalista politico, entre os amerindios do Amazonas, batendo-me pela solução dos seus problemas fundamentaes, ao lado do governo que quizesse sinceramente resolvel-os. A defesa da Amazonia, dentro do Brasil, é uma das causas que mais reclamam a dedicação de um grande politico ou de um homem de jornal».

O ultimo livro disposto na galeria, por ser o mais recente, (1935), é esse fagulhante *No Circo sem tecto da Amazonia*, do sr. Ramayana de Chevalier. Escripto num estylo hypertenso e tor-

tuoso, que enleia nos seus coloridos esbrazeantes, nos effluvios de sua harmoniósa vibração, estulo plethorico, de envolvente sensualismo esthetico, parecido com o dos grandes estylistas da Amazonia, com o de Eucludes, com o de Rangel, com o de Ladislau, e que, no tumulto de suas imagens multifluas e na incandescencia do seu dunamismo, não se confunde, não se assemelha a nenhum outro estylo, - o livro do joven medico amazonense accusa-lhe, de subito, a cultura superiormente seleccionada e absorvida, cultura humanistica realmente invejavel, nesta época atroz de encyclopedistas improvisados, cujos conhecimentos não extrapassam a superficie dos assumptos, e de franca decadencia do ensino, em que os exames se fazem por médias e os diplomas scientificos, nas Academias, se distribuem a granel. Trata-se de um livro unico no genero, que é, a um tempo, uma obra de sciencia, sobrecarregada de terminologia technica, e um romance trepidante, sem irrealidades nem fantasias, onde apenas dominam as forças e as peripecias humanas, através do drama social do seringueiro.

Prosador de primeira linha, o sr. Ramayana de Chevalier não teve apenas o sentido esthetico da Amazonia. Teve, simultaneamente, o sentido heroico dos seus homens. A sua concepção exacta da região não foi, vê-se logo, a consequencia de leituras apressadas que, de outiva, lhe deixassem impressões delusórias e imperfeitas. O verdadeiro

sentido da terra e do homem amazonicos, com o suppletivo da justa penetração na escala de suas dolorosas realidades, lhe advem de um contacto intímo, de longos mezes, que o identificou inteiramente com as suas contingencias. O escriptor não assiste ás scenas que descreve, porque está dentro dellas, sentindo-as, vivendo-as, á feição de sua personalidade artistica. Surprehende-se-lhe, de quando em quando, o élan do estheta que anseia por evadir-se dos horizontes habituaes da forma e do estulo, procurando, a todo transe, dentro das realidades amazonicas, aquella «realidade humana», da classificação de Ortega y Gasset, por ser vivida e sentida por exellencia. Examinando-a, com o proposito de dar o seu testemunho sobre tudo quanto viu e esflorou, intenta apresentar-nos a Amazonia real, nas suas convulsões geogenicas, projectando-se em aspectos que não interessam mediocremente, porque os seus phenomenos, em ultima instancia analutica, por intermedio de um accôrdo completo da intelligencia com a sensibilidade, defluem das observações de um espirito renovador, affeito á disciplina scientifica, e ainda não impregnado dos preconceitos contemporaneos. Veja-se, para testificar a justeza de quanto affirmamos, o estudo que ahi se faz do phenomeno hydraulico do sacado, «geratriz de um complicado systema de colleios», onde vêm explicadas as razões scientificas do apparecimento desse novo conducto por onde o rio, desviado o thalweg de

sua rota, se intromette e desliza, abandonando a antiga curvatura, e dando logar, em consequencia, a um torcicólo a menos e um lago a mais. Ninguem melhor de que o «pratico», o piloto fluvial que conhece, a fundo, todos os roteiros, em labyrintho, da immensa bacia amazonica, será capaz de presentir esses phenomenos, e desviar as embarcações dos obstaculos e perigos delles resultantes. Ainda não se fez, sobre o pratico amazonico, em qualquer outro livro dos que temos lido e consultado, uma pintura tão viva e perfeita. Vêmo-lo, corajoso e quasi stoico, na prôa do «gaiola», defendendo-o das ciladas potamicas, ao sól, á chuva, em noites tenebrosas e de procella, jogando a vida, afrontar-se heroicamente com os elementos desencadeados, afim de livrá-lo de um baixio que, no inextricavel dédalo fluvial, o seu olhar lobrigou, entre a profusão dos canaes. O Sr. Ramayana de Chevalier, com rara acuidade de observação psychologica e com o habito das introspecções, penetra a alma e o coração desse «anatomista hydrographico», detendo-se em escalpellar-lhe as fibras mais intimas, com aquelle prurido scientifico que a cada momento. no seu livro, pelo excesso das diagnoses clinicas, denuncia o medico. A respigar-se-lhe a obra com attenção, verifica-se que quasi todas as suas imagens trazem, indefectivelmente, o cunho do profissional. O rio Amazonas, por exemplo, dá-lhe a idéa de um systema arterial venoso. Alludindo ao «pratico», descobre-lhe, para logo, «o seu neuro-systema

de fibrilas de aço». Referindo-se ao caboclo, affirma que elle se acha sitiado «por todas as phalanges da entomologia hematophaga». O aventureiro destas regiões «é uma onda de systole-diastole financeira da Amazonia». O coração de Gazela é «uma viscera metallica», e o sangue ferve-lhe «urticariamente». «O diabo jauno do plasmodio vem no beijo da anophelina». Summariando as enfermidades que trucidam o homem amazonico, o medico sobrepõc-se ao escriptor: «A doença na jangla é um problema sinistro. Vem em legiões. E sitia de uma vez. E a avaria mergulha no liquor e prepara as devastações neurolisantes da encephalite diffusa; a helmintiase assalta o intestino e degrada o organismo nas hemolises profundas; a plasmodiose chafurda-se no figado, tocaia-se no baco, proteifica-se numa synthese symptomatica, e exhaure o desgraçado na hematuria ou corrompe-lhe o raciocinio na confusão mental. Isto, alem da leishmaniose, do «purú-purú», da ulcera brava e das cirróses alcoolicas frequentissimas, cujo tristissimo cahir do panno é a hydropsia irremediavel e fatal».

Tão eloquente documentação torna irrecusavel a profundeza dos conhecimentos medicos do escriptor, mas é evidente que esse exaggero de nomenclatura scientifica é prejudicial ao brilho da narrativa, diminuindo-lhe consideravelmente a intensidade. Paginas adiante, nos refólhos desse livro estonteador, vamos assistir ao vendaval na floresta, téla assombrosa que parece traduzir a força crea-

dora de um Manet epileptico e genial. Vendo-a, pela singularidade do contraste entre doís estylos, lembramo-nos do autor sóbrio e desencantado da *Amazonia que eu vi*. O escriptor-medico Gastão Cruls é, incontestavelmente, o antipoda do medico-escriptor Ramayana. Que bello estudo a fazer-se, collocando em parallelo a mesma realidade, que se desdobra em realidades multiformes, quando apreciadas por sensibilidades differentes e sob pontos de vista distinctos.

Agora, o homem. Se a trama da scenographia amazonica ahi está, trazendo o cunho sundesmographico dos ligamentos anatomicos, tal a minucia das descripções, o caboclo amazonico, que, á semelhança do nordestino, é o homem que se não afeiçõa nunca ás calamidades que o rodeiam, segundo a conceituação de Buckle, assignalada por Euclydes, n'Os Sertões, de um só traço, nesse livro, vem perfilado, a primor. A sua figura emerge dos motivos physicos e moraes que lhe contornam a estranha constructura: «um athleta mongoloide, opilado e teimoso, cercado de filhos e de féras, lutando e morrendo aos poucos, corpo varado de aculeos, figado pôdre de plasmódios». Depois, como se estivessem atordoados com os papeis que a imaginação hypertrophiada do escriptor lhes confiou, surgem as personagens que representam No Circo sem tecto da Amazonia. Plasticas nas temperaturas moderadas dos sentimentos moraes, como as de Dickens, sob a analyse de Zweig, nas

altas pressões fundem-se, coaquiam-se em odio e arrebentam. A descrevê-las todas, a querer seguirlhes os rastros, a pretender desentranhar-lhes do arcabouco as deliquescencias do caracter e as anormalidades organicas, a intentar delimitar-lhes as configurações, o escriptor amazonense não dá treguas á sua imaginação desenfreiada. O perfil de Zé Raymundo, a figura central do drama, resumbra no painel, pela sua flagrante originalidade: «baixo, quadrangular como um cetaceo, rapido como um golpe de harpéu, musculoso e flexivel, como um abraço lethal de apuyseiro. A sua vóz é mansa e arrastada como o rastejar da sucury e a sua furia, nos transes de indignação insopitada, é semelhante ao estrondejar do nordeste batido entre as traves de lianas e os membros potentes do acapú. Os seus olhos são somnambulicos e longinguos. Quem os vir de frente, empolga-se da nostalgia mediumnica das ocáras. O jaquaretê copiou-lhe a elasticidade tendinosa e o magoary, a indolencia rythmica da marcha». A viscosidade moral de Jacunto Gazéla transparece, nauseante e pegajósa, todos os lances do drama, que se desenrola no interior de um barração, nos sertões amazonicos. O «insaciavel morcegão irracional», que se fez, á custa de tranquibernias, proprietario do seringal Nova Vida, no rio Purús, «burgo mediavel de tiriricas e de mucuins», é um sósia de Juca Tristão, do romance do sr. Ferreira de Castro. Cariz repulsivo, mascara de scelerado, garras afiadas que

estraçalham as entranhas de suas victimas, Gazéla é o farcante tragico e impassivel, que escarnece dos degredados do destino, sob o quante de suas indignidades e humilhações. Juca Borba, outra personagem de relevo do No Circo sem tecto da Amazonia, vive neste retrato, que, nas particularidades grotescas, pelo parti pris de laideur que o deforma, lembra uma caricatura de Forain: «a cara, um velho palimpsesto esburacado, por onde os olhos luciluziam de quando em vez, numa faradica expressão vital: o nariz derreava-se numa chateza nipponica, as orelhas fugiam para os lados, como bambinelas transparentes e a bôcca, retorcida e amarellenta do sarro, entreabria-se de longe em longe, num sorriso alvar e bocaloide, como uma vitrine abandonada e suja de belchior de rua colonial. Olhou-lhe o pescoço, moquiado de sol, os membros longimanos, equaes aos de quasi todos os bohemios da cancha verde, como se o rispido Artaxerxes tivesse semeado por aquellas rechãs, uma progenie degenerada de remadores». Em outra pagina, surge Mané Gato, destrôco de uma vida, arrazada pelo infortunio, mulambo humano, que parece revolvido por insensivel vivissecador de ulceras: «numa clareira o quadro: o dismorfismo de um trapo de gente, embrulhado em si mesmo, alojava-se no diedro das côxas unidas, ossudas e diafisarias, na attitude intra-uterina dos pitecos. A grade costal presidiava-lhe os pulmões chupados, entre os quais um coração arythmado e cruel, teimava num batimento retardado e impiedoso». A figura horripillante de Marcos Bororó, o «Mucura», que foi o matador do pae de Zé Raymundo, é a propria realidade, servida pela aguda penetração de um pintor de deformidades. O resto é todo assim. Figuras e scenarios. Uma imaginação árdega palpitando dentro de um estylo de permanente faiscação.

Mas o livro do sr. Ramayana de Chevalier, que é, acima de tudo, obra de intelligencia e de erudição, será, como tanto desejariamos, um grande livro, um livro completo e perfeito, capaz de resistir, submettido impiedosamente ao crisol da critica? Tal a interpellação que, se nos fôsse feita, teriamos difficuldades enormes para responder. Não que tenhamos duvidas sobre a mentalidade peregrina do escriptor e o valimento consideravel de sua obra. Mas, balanceando-lhe as reservas luminósas, fica-se a pensar como o seu autor, que tanto se empenhou em fixar a synthese magnifica de todas as visões amazonicas, se tenha descurado de escoimar o seu trabalho de algumas singularidades, chocantes ao primeiro exame, e profundamente deslocadas dentro de um livro de tão elevado descortino intellectual. Sobretudo, no que concerne ao idioma, ás vezes sacrificado em proveito de uma locução mais rutilante, que, apparentemente, deu mais realce ás idéas; ou mutilado pelo torneio extravagante de uma phrase, cuja contextura vernacula deixa muito a desejar. Não nos aprazem —

frizemos bem esta affirmativa - as demasias do rigido purismo. O escriptor avezado ás minusculas exigencias grammaticaes, emperrado na descoberta das raizes etumologicas dos vocabulos e bloqueiado entre as tyrannicas determinações do synclitismo pronominal, acaba por manietar as idéas creadoras, inutilizando o sabor dos periodos e a volupia das construcções donairosas, que tanto fulgor imprimem ao estulo. Mas, o conhecimento da lingua, de suas formulas lexicographicas e suntacticas, o respeito aos seus canones inviolaveis, muito importam á correcção e á mestría technica do escriptor. Seria absurdo pensar-se que o prosador vigoroso do No Circo sem tecto da Amazonia, houvesse escripto um livro, incorrendo nas culpas desses leves reparos. Todavia, por influencias do proprio temperamento superexcitante, no presupposto de que as suas imagens não póssam ser traduzidas num vocabulario por demais conhecido, desmanda-se na introducção de palavras novas, as mais das vezes de origem espuria, entresachando a sua prosa refulgente de indesejaveis neologismos-Não depende de grande esforço a comprovação deste assêrto. Do substantivo dichotomia, por exemplo, que, na ordem botanica, significa a divisão de dois ramos ou pedunculos, conforme ensinam os diccionaristas para os que são menos versados em historia natural, o illustre escriptor, a seu talante, arranja o verbo dichotomizar, naturalmente condemnado a ser posto á margem nas obras dos

autores que velam pelos fóros da nossa lingua. E ainda mais. Sobrestantes, contribuindo para esmaecer a vivacidade de certas expressões, os neologismos impertinentes, que causariam as maiores irritações á pituitaria philologica dos grammaticographos deste planeta, refluem de cada pagina, como appendiculos insustentaveis, maculando-lhe a prosa lampeiante: «o coração do serinqueiro tachicardifica=se com alegria; o bacurau morsificava o silencio; o pugmeu microbifica=se; escamejava=lhe o dorso; paladinizaram a cruzada; bisturísava=lhe o costado largo; o chicote colubrejou; formiguejou a prancha». E assim, por todo o livro, legiões e legiões desses verbos extravagantes, de composição hybrida, inuteis e destrambelhados, que em nada contribúem para a vitalidade de sua prosa de requintes aristocraticos. E não é só isto. De vez em quando, inesperadamente, os gallicismos e os anglicismos estapafurdios, desafiando a harmonia da linguagem: para dar a idéa de côr amarella, creou-se o horrendo adjectivo jauna. Do verbo francez piaffer, o movimento feito pelo cavallo, quando levanta as mãos e as deixa cahir precipitadamente, sem avançar, foi construido o mal sonante piafar. O jacaré dos rios amazonicos é designado pelo francesissimo caïman, sem sombra de asteriscos. E mais aggressivos ainda na sua irreverencia, um clauna, para substituir o vocabulo palhaço, já muito gasto e fóra da moda; e um intoleravel estrugle= forlaifismo, que sómente admittiriamos,

mesmo para condescender, na prosa encapellada e ribombante de Vargas Villa.

Somos infenso, radicalmente, á critica de esquirolas, ao geito de Osorio Duque Estrada, que foi, a nosso vêr, um critico mediocre e sem horizontes, aferrado ás questiunculas grammaticaes. No escriptor sómente as idéas e o estulo nos seduzem. Não é possivel, entretanto, deixar despercebidos alguns defeitos, que, imperceptiveis á primeira vista. parecem inconciliaveis com a belleza da obra. Se esse esmerilhamento pueril de virgulas, pronomes, assonancias, hiatos e cacophonias, fôsse da indole de nossa critica, radicalmente desaffeicoada a esses preceitos vulgares e odiosos de julgamento literario, então nos delongariamos ainda mais na pesquisa de outras impropriedades, que se faziam mister expungir do livro. Jámais nos manifestámos de maneira hostil ao neologismos. Ao contrario, em livros nossos, temos concorrido para diffundí-los cada vez mais, de vez que se trata não apenas de palavras que irromperam da linguagem corrente por exigencia de ordem intellectual ou social, mas tambem porque são vocabulos creados por imposições linguisticas, para certas determinações, menos expressivas se fôssem traduzidas por intermedio de outras palavras. É differente, porém, a hypothese do joven escriptor amazonense, que, para desespero dos puristas, se fez um creador de neologismos, por méra fantasia espiritual, sem pensar nas inevitaveis reacções decorrentes de sua

inclusão no idioma. O gallicismo, por sua vez, quando corresponde ás necessidades imperiosas da lingua, no caso de não haver o vocabulo equivalente, susceptivel de reflectir os matizes varios da palavra franceza, é ornamento imprescindivel para a elegancia do estulo e da expressão, em que pese á casmurrice de alguns ineffaveis censores da linguagem. Da mesma sorte, o adjectivo, que é elemento floral e indispensavel no periodo, quando incluido opportunamente, no logar expresso, no momento justo. Mas é um defeito grave, uma falta inexculpavel, abusar do seu emprego, creá-lo caprichosamente, sem attender ás leis da linguistica e sem obedecer, ao menos, a uma rasoavel analogia, desnaturá-lo, por uma significação inexacta e abstrusa, enfileirando-o, aos grupos, atropelladamente, como na literatura torrencial da sra. Albertina Bertha.

Mas o talento, neste livro, opera milagres. Falhas e deficiencias desapparecem, e o leitor não as vê, dellas não se apercebe, hypnotizado pela magia de um espirito que é a propria fascinação. Seja como fôr, trata-se de um grande livro sobre a planicie desconcertante, que não será definitivo, porque a Amazonia, nos seus ouriçados obstaculos, é uma especie de pierre d'achoppement para os que pretendem experimentar-lhe a grandeza e as emoções.

Expuzemos, em galeria, propositadamente, gigantes e pygmeus. Louvores fizemos, impostos pelo valor dos escriptores; e, embora constrangidos

fizemos restricções, indifferentes á advertencia de Tasso da Silveira, quando, num ensaio sobre Plinio Salgado, affirma que «no Brasil a restricção minima é negação absoluta. A menor flexão no elogio, motivo de magua e irritação». Como quer que seja, passámos em revista, com isenção, com imparcialidade, com animo desprevenido, os magnos interpretes da Amazonia. Alguns, effrenés de gloire, levarão á conta de crimes sem dirimente minusculas objecções que lhes oppuzemos ás obras e aos seus objectivos. Outros, menos intolerantes e mais humanos, comprehenderão que, demarcando personalidades e fixando-lhes os attributos superiores, de accôrdo com as modulações espirituaes de nossa época, vezes muitas acceitando factos e conclusões que, a rigor, não seriam acceitaveis, não tivemos outro intuito senão o de lhes definir o pensamento. Julgámos por principios e não por impressões, sem a inquietude critica ávida de descobertas, na obstinação de lhes divulgar as idéas e as formas de arte, examinando obras e homens, épocas e physionomias literarias, através de suas nobres attitudes de intelligencia e de cultura.

## PELA GLORIA DE GONZAGA DUQUE

## PELA GLORIA DE GONZAGA DUQUE

O nome do autor de Graves & Frivolos, que relembramos hoje, revolvendo-lhe a obra envolta no silencio e no esquecimento, evóca uma pagina commovida de nossa mocidade. Gonzaga Duque foi, talvez, um dos idolos do nosso tempo. Porque o outro, especie de fetiche, adorado e cultuado por entre o fervor de enthusiasmos excessivos, era Cruz e Souza. Devemos dizer, nesta hora da maturidade, quando as idéas e as influencias orientadoras do nosso espirito na vida literaria são conhecidas em demasia, que não sentimos nenhum constrangimento em affirmar ter sido o poeta negro a figura mais prestigiosa daquella geração de sonhadores. A gloria do artista dos Broquéis, que era, indiscutivelmente, nas letras patrias, o porta-bandeira do symbolismo francez, então em voga, servia de estimulo ás nossas incipientes elucubrações; e, sob a flammula do seu nome, desfraldada na ardencia de extravagantes recontros intellectuaes, medrava uma literatura mofina, hete-

róclita, indisciplinada, construida de imitações e decalques, que primava pela irreverencia dos escriptores e pelo prosaismo de suas iniciativas mentaes, em contraste, na essencia e na fórma. com a obra luminosa do modelo predilecto. A arte de Cruz e Sousa era o supremo evangelho da religião literaria daquelle bando de mancebos idealistas, cheios de bazófia e cheios de velleidades, que suppunham facil e velludosa a escalada da gloria, e cuia imaginação não concebia a existencia de outro poeta, de surtos mais vertiginosos, nem de outro artista, de mais apurado requinte esthetico. Para a nossa visualidade suggestionada, os seus versos espelhavam a morbidez e a perversão dos versos de Baudelaire, e tinham a musicalidade das estrophes de Verlaine. A sua prosa, de arrepios nervósos e cabriólas electricas, magnetizava como a de Villiers de L'Isle Adam. Taes confrontos, é bem de vêr, não passavam de innocentes arremettidas, para imprimir realce á metaphora, de vez que, nessa phase doirada de irresponsabilidades, não conheciamos os sonetos erotologicos das Flores do Mal, jámais nos correram sob os olhos as redondilhas sonoras e fescenninas das Festas Galantes, nem sequer tinhamos noticia das paginas amargas, ironicamente zombeteiras, dos Contos Crueis. Mas Cruz e Sousa amava Baudelaire, embriagando-se com os seus «asiaticos e lethificos aromas de opios e de nardos»; Cruz e Sousa adorava Verlaine, — «Fauno-Sacerdote a officiar nos Missaes hierogliphicos da suprema volupia da Fórma»; e exaltava Villiers,—«aureoladamente flôr-delisado e excelso». Por effeito desse phenomeno de mimetismo voluntario, a nossa admiração restringia-se á trindade augusta, que a omnipotencia do idolo canonizara. Depois, como se fôsse uma etapa a vencer, acommetteu-nos o prurido exhibicionista, com a idéa da creação de uma cathedral, onde celebrassemos, como nas theogonias antigas, o cerimonial symbolista.

Foi assim que fundámos o «Apostolado Cruz e Sousa», num domingo de sol, resplandecente de claridade, installando-nos na saleta excusa de uma habitação vetusta e solarenga, encravada em rua solitaria da Cidade Velha, onde não chegavam os rumores epigrammaticos dos iconoclastas. Ahi, nesse arrabalde silencioso de Belém, todas as noites, em repetidas esbornias literarias, á meia-sombra de lampadas morticas, ingeriamos o veneno dos periodos refulgurantes do Mestre, que retiniam e rebrilhavam como o entrechoque de laminas florentinas. As orações filigranadas do Missal nos deixavam o sabor de vinhos exoticos e generosos: e sentiamos verdadeiro deslumbramento á leitura das Evocações, de sumbolos trepidantes, que ensurdeciam e allucinavam como uma partitura wagneriana.

Uma vez, porém, fortuitamente, descobrimos nas prateleiras poeirentas de um belchior, uma brochura ordinaria, naufragada havia quasi dois lustros em sua primeira edição. Ostentava um titulo empolgante e trazia na lombada um nome desconhecido: era o romance Mocidade Morta, de Gonzaga Duque. Lêmo-lo de um só hausto, dominados por insopitavel curiosidade. No seu estulo, sem duvida alguma, estava latente o parentesco, de ondulações e tonalidades, com o estulo nervoso do pontifice do «santuario», erigido por nós em divindade. Mas as directrizes literarias eram differentes, notando-se, para logo, que os seus periodos e as suas idéas se revestiam de uma graça de reverberante espiritualidade, a imprimir-lhes um encanto insólito. Houve um alvoroço de abelhas assustadas nos arraiaes vanguardistas. A arte de Gonzaga Duque, de repente, subvertia as nossas consciencias estheticas, abalando a ascendencia do sonetista genial. Dentro em pouco, sem que pudessemos fugir á attracção daquella intelligencia absorvente, sentiamos que a arte pyrotechnica de Cruz e Sousa começava a perder o seu fascinio, constringida nos tentaculos de uma outra arte, innegavelmente mais seductora, correspondendo em tudo á vibratibilidade dos nossos temperamentos. O Missal já não podia ser o padrão da nova escola. Substituia-o Mocidade Morta, em paginas primorosas de apuro technico e harmonia creadora, iamos buscar o combustivel para a fornalha da poesia doidivanas que então perpetravamos. Através das columnas do Oraculo, valvula das heresias do «Apostolado», se mostrava a revulsão das tendencias renovadoras de seus directores; e o espirito dos «decadentes», de indole versatil e capaz de inconcebiveis peraltices literarias, não mais dissimulava as suas recentes inclinações. Commettemos, por essa época, toda a especie de loucuras. Fômos bohemios, por imitação. Abandonavamos os livros e as prelecções eruditas dos professores, deixando desertas as aulas, porque todos os artistas dos «Insubmissos», da Mocidade Morta, -- «um grupo forte de bravos Cavalleiros da espiritualidade, na vigilia d'armas para a Cruzada de Amanhã» — eram bohemios. desperdicavam a vida e o talento ao léo da sorte. faziam arte em noitadas vagabundas, e. sobretudo, porque era bohemio e tinha nas veias o sanque de Murger, esse rebellado e amargo Camillo Prado, o ironico animador do «Zut», o qual se não aventurava a uma digressão sobre as peregrinas manifestações do genio hellenico, sem buscar a scentelha inspiradora em longos tragos de absunthio. O nosso culto por Gonzaga Duque raiou pela obsessão. Graves & Frivolos, que pouco tempo depois, nesse periodo de esturdias literarias, transpuzera tambem os umbraes do «Apostolado». nos impressionava ainda mais vivamente. E' que, tanto no volume de ensaios criticos, quanto no romance da Mocidade Morta, se a sua prosa esmaltada tinha o mesmo fausto verbal, as idéas preponderavam, com evidente superioridade. Dirse-ia que a sua arte era o prolongamento realizado de sua vida interior, dos seus enlevos de contemplador da belleza, de sua natureza cerebralmente apaixonada e sensual. Fômos conquistados subitamente. Começámos a amar a arte de Félicien Rops e de Puvis de Chavannes como se lhes conhecessemos a obra pictural, adivinhando através dessas chronicas lavoradas com excessivos zelos de artista, a vida exgottada e tumultuaria dos pintores, pontilhada de amarguras intimas, na voragem dessa Paris diabolica, que, na embriaguez e no delirio das saturnaes, alimenta esperanças e desfaz, num instante, os mais legitimos sonhos de gloria.

Passaram fugidios os annos da adolescencia, e com elles passou Gonzaga Duque. O «grupo» do «Apostolado» dissolveu-se. As exigencias da vida indicavam os roteiros inexoraveis. Cada um de nós, ás cégas, era levado para o seu novo destino. Retornámos ao Amazonas, nossa terra natal, sentindo os primeiros desalentos, mas com a alma ainda apoquentada de utopias. Os outros dispersaram-se. Alguns venceram, sem esforço, sem obstaculos, tangidos pelo beijo da fortuna. A maioria. entretanto, sossobrou, irreparavelmente. Anonymos, resignados heróes, desappareceram quasi todos, os meus desditosos companheiros de ideal! -- obumbrados no olvido e destroçados pela vida. Nós resistimos, por milagre. Mas, se lográmos escapar ao naufragio, para relembrar-lhes, nesta hora, a odysséa, num parenthesis commovido á margem do nome e da obra de um grande artista, ainda assim não conseguimos evitar as contingencias da derrota, pois não assignalámos um só triumpho na asperrima jornada, e por trophéo das batalhas em que nos empenhámos, nada mais nos resta do que a certeza da inanidade de tanta energia malbaratada e incomprehendida.

Depois, no Amazonas, as nossas actividades iornalisticas nos desinteressaram da actuação literaria de Gonzaga Duque. Sabiamo-lo integrado na imprensa carioca, exercendo a critica de arte nos «salons» de pintura, mas a effervescencia politica do periodismo diario, na provincia, começava a arrefecer a antiga admiração que a obra do estheta impuzera ao nosso espirito. O seu nome, entretanto, permanecia no cartaz dos escriptores consagrados. Ainda por volta de 1908, nas malhas de um inquerito, aberto por João do Rio (O Momento Literario), Mario Pederneiras e Lima Campos, que com o lapidario do Horto de Maguas, constituiam um truptico brilhante, admirado em varios circulos intellectuaes, tiveram ensejo de exaltar-lhe a laureada personalidade. Nada conheciamos, porém, dos altibaixos de sua existencia obscura, a não ser uma allusão, na Kosmos, no decurso de commentarios acerados contra a reforma da Escola Nacional de Bellas-Artes. Ahi, furtivamente, o prosador da Mocidade Morta confessava-se desencantado com as decepções do destino e a injustiça dos homens, referindo-se, ao de leve, á sua vida, sem poder recalcar o incontido amargôr,

- « só, arredio ás « coteries » e inconciliavel com as rodas escolhidas pela fortuna», - lutando com desespero para a subsistencia de numerosa familia. Mezes depois, divulgava-se no paiz a noticia consternadora. Morrera Gonzaga Duque. Paladino de todas as artes, que levara a vida a desvelar vocações e a estimular energias sem vontade, rompendo as muralhas da China da indifferença publica, desapparecia na penuria, singular galardão conferido no Brasil aos homens de intelligencia. Com elle desapparecia o «élan» de uma geração de artistas e pensadores, que as potestades politicas e os bonzos literarios systematicamente deixavam á margem, sem jámais comprehender-lhes as intenções e os alevantados destinos. Teve ainda uma fugaz revivescencia a sua gloria, com a edição, em 1916, do Horto de Maguas, collectanea de contos, de esmerado acabamento, onde resurge, ainda uma vez, a opulencia busantina dessa prosa, de tramas de oiro e pedrarias polychromicas, fagulhantes como escarbunculos. Depois desse livro, de transitoria repercussão, o silencio pesado se fez, e lhe não ouvimos mais qualquer referencia ao nome, immerso na sombra e na tristeza das coisas que passam. Fonte crustallina de fecundos ensinamentos de arte, a sua obra passou relegada pela incultura do tempo; desafogaram-se, alliviados, os cabotinos que lhe não soffriam a justeza da critica, e ninguem mais hoje se lembraria de rememorarlhe a poderosa organização de estheta, para não

incorrer na intolerancia e no desagrado dos seus mediocres imitadores.

\* \*

Contemporaneos, apparecido dezoito annos após a morte de seu autor, é um documento expressivo do talento, da illustração e da sensibilidade esthetica de Gonzaga Dugue. Nesse livro, repositorio dos aspectos proteiformes de uma intelligencia innovadora e original, a sua critica tem a precisão de visada dos lidimos interpretadores das obras d'arte. A acuidade visual do critico, de relance, nas exposições, dentro da premiscuidade dos quadros expostos, accusa o processo dos pintores, as suas influencias e imperfeições, numa pericia extraordinaria de minudencias, que corresponde á sua vastidão de cultura. Assim, através das aquarellas, das pinturas a oleo, das «pochades», das sanguineas, dos «pasteis», das aguas-fortes impressivas, das grandes télas de largos pannejamentos e dos «tableautins» ligeiros, deante de um busto de gesso, de uma estatueta em bronze, ou de um «mouchiste» de figurinhas liliputianas e de paizagens microscopicas, como ao examinar as perspectivas de um quadro sumptuoso, a sua visão descobre, apprehende e fixa os defeitos e as bellezas, com uma intuição surprehendente. Mas não os submette apenas a um rigido e frio exame de motivos. A contemplação visual é apenas o processo preliminar. Seque-se-lhe a hora do estudo,

da analyse, da legenda a proposito, com o penetrar a consciencia do artista, indagando-lhe as ansias e as ousadias, e perquirindo-lhe, em summa, o conjuncto de operações technicas, predispostas para a acquisição dos effeitos necessarios, no intuito de esclarecer-lhe as influencias predominantes. Sensivel á belleza, não comprehendia apenas a superficie, os contornos exteriores. Procurava penetrá-la, traduzir-lhe os fremitos, auscultar os impulsos e os sentimentos dos artistas, graduando-lhe a intensidade, a violencia e a profundeza das emoções. A essa sensibilidade, num esforco de correlata realização, accrescentava a disciplina de uma logica consentanea com as disposições de sua maneira de vêr, de uma coordenação de principios adaptaveis á indole do seu proprio temperamento. E, por essa fórma, conseguia fazer da critica de arte uma applicação esthetica, e não aquella metaphysica especiosa, a que alludem Marcel e André Boll, quando determinam a razão de ser das manifestações da arte contemporanea, que consiste em certos desenvolvimentos literarios fantasistas, por vezes engenhosos, onde se é possivel a documentação historica, falham em absoluto as notações psychologicas. A côr, no seu conceito, como no de Mauclair, autoridade insuspeitavel no assumpto. é apenas o resultado sobre a nossa retina de uma dosagem particular de vibrações luminósas. O que lhe importava, sobretudo era a sensibilidade do artista. Póde-se affirmar, sem perigo de arguições

ou controversias, que ahi está a «originalité maîtresse» dos processos de Gonzaga Duque. Essa qualidade, per si só, definia-lhe a elevação da analyse. Não havia, porém, no seu criterio psuchologico deficiencias de technica. Toda a sua critica pictural nos deixa a impressão de que o critico passou a vida na intimidade dos pintores, havendo-lhes apprehendido a terminologia especializada, tal a floração de «galipettes d'atelier», entresachada em cada um de seus principaes estudos. Quasi todos elles se resentem dessa caracteristica, que lhes dá expressão e vigor. Além disso, ennobrecendo-lhes a moldura, avulta a notavel educação do erudito, adquirida em frequentes e demoradas incursões á historia da arte, com o acompanhar a evolução das idéas estheticas em todos os tempos e em todas as latitudes, no exame constante, pelas galerias, museus e pinacothecas, das differentes technicas dos pintores. Em qualquer dos ensaios de Gra= ves & Frivolos, quer quando estuda uma das facetas da arte de Rops, - « o tarantulesco desenhador das Sataniques, que trazia no estylete do lapis a «morsure» fatal da Luxuria» --; quer revivendo a harmonia plastica das mulheres de Puvis de Chavannes; quer, em outra pagina, retracando a vida e a obra do marinhista Castagneto, ou ainda ironizando a arte dos imagistas nephelibatas, ou, adeante, nessa oblata deliciosa que exalta a formosura das praias cariocas, - não se sente apenas o escriptor, no absoluto dominio de suas

faculdades creadoras, senão, parallelamente, o technico, que, conhecendo a fundo as singularidades do «métier», é susceptivel de annotar a firmeza e as impropriedades do talento de um artista, nos relevos de uma critica honesta, de admiravel clarividencia de analyse e de segura observação esthetica. Não é só. Infenso ao academismo, reagindo contra as formulas consagradas, Gonzaga Duque penetra e observa a obra do artista, vendo-a e examinando-a por si mesmo, pelas tendencias do seu gosto individual, pelas excitações do seu proprio temperamento, despercebido da critica alheia e dos juizos que já houvessem objectivado a obra. O estudo sobre o pintor belga Félicien Rops é um exemplo typico de sua visada original. E' sabido que uma legião de escriptores e criticos, os Goncourt à frente, fez da arte licenciosa do pintor da Buveuse d'absinthe o thema de muitos estudos que por ahi andam e são relidos, ainda hoje, com interesse e curiosidade. Huusmans, no Certains, abrange todas as arestas da obra erotica de Rops, analysando-a, téla a téla, para deduzir que a Luxuria, que jámais concebera uma obra d'arte realmente forte, como a Pureza, que inspirara e immortalizara os grandes pintores christãos, precisaria ter chegado ao nosso tempo, a fim de encontrar em Rops o symbolizador de seus fremitos satanicos. Desviando-se dos pontos de vista do autor do Là=Bas, um outro notavel critico de arte, J. Pradelli, num estudo de vasta complexidade, deixa viva a influencia da mulher e da natureza sobre o talento de Rops, da mulher e de sua perversa tentação, consequindo demonstrar, entretanto, que as duas qualidades preponderantes de seu espirito fôram a pesquisa inquieta da vida e a caça ardente da perfeição da fórma — « la moelle et l'ossature du talent de Félicien Rops». Não seria difficil enumerar dezenas de trabalhos do mesmo genero, exaltando a gloria do pintor belga; sómente La Plume, a celebre revista parisiense que contou com a collaboração das pennas mais illustres de seu tempo, em julho de 1896, consagrava-lhe ainda uma edição especial, considerada para os investigadores um manancial inestanque. Não era para admirar que Gonzaga Duque, perquiridor e erudito, conhecesse todas essas fontes subsidiarias e tivesse perlustrado, de extremo a extremo, as mesmas regiões onde se perderam tantos criticos e escriptores de renome. Viu-as, certamente, examinou-as, penetrou-lhes as bellezas e os mysterios com olhos de quem realmente sabe vêr e aferir valores. Mas, depois da incursão benedictina á obra de Rops, as suas impressões nos revelam, num momento, a personalidade autonoma do escriptor, inadstricta a convenções e preconceitos de ordem literaria, inadaptavel a quaesquer influencias. Porque Gonzaga Duque não se limitava a observar como critico. Preferia vêr, sobretudo, como artista, por estar convencido de que a harmonia natural da obra d'arte não era accessivel a todas as visões. Poderia sentí-la confusamente. como pensava Marquery, o homem dotado de emotividade, e poderia analysá-la o homem cultivado, mas só o artista seria capaz de traduzir essa coisa musteriosa que ella faz obter, revelando-a por um estudo apaixonado da natureza e uma sunthese genial de idéas, de linhas, de superficies, de côres, de sons ou de palavras. A ironia de Rops e o sumbolismo de sua obra, estudados em um dos ensaios de Graves & Frivolos, apparecem-nos como um aspecto inedito de sua physionomia de artista. O nú do gravador belga e a lubricidade viciosa de suas mulheres, são vistos, no prisma verdadeiro pelo qual se lhe inspirou a obra demoniaca, por um exegeta que lhe comprehendeu a fundo o sentido intencional, — aquelle «instincto de perversidade», a que allude Poe.

Duque interpretou como ninguem esse nú libertino, fixando ironias macabras, e, como ninguem, soube differençá-lo, em outra pagina expressiva, do nú caracteristico das lindas, sadias, vigorosas e fecundas mulheres de Chavannes, que surgem para a vida e para a arte como um symbolo animado de belleza procreadora.

Os ensaios de *Graves & Frivolos* identificam-se pelos delineamentos inimitaveis dessa estructura de sombras e coloridos, que traz a «empreinte» do mestre, por entre a magia de seu estylo lavorado, a probidade de seus conceitos, a fórma original de suas sentenças literarias.

Não se póde fazer, deliberadamente, a historia das tentativas de critíca de arte no Brasil, ainda hoje tão falho de criticos e de julgadores de obras d'arte, sem relembrar, com saudade e admiração, a figura inconfundivel de Gonzaga Duque. Não que elle fôsse um grande evocador de bellezas, um resuscitador emocionado das preciosidades da arte antiga, nos moldes de La Sizeranne. Nem o seu nome teria probabilidades para resistir ao cotejo com o de Baudelaire, considerado, por Thibaudet, o maior critico de arte do seculo XIX: ou mesmo com o de Camille Mauclair, o celebre autor de «Greuse et son temps», que julgamos o mais autorizado dos mestres da critica esthetica contemporanea. Trabalhador obscuro, desprotegido da fortuna, blindado contra os amavios da politica, esforçando-se por triumphar de todas as perfidias do destino, vivendo em um paiz novo, que desafeiçõa e desestimula os que intentam subsistir pela intelligencia, e cuio idioma exila do mundo os que o manejam, Duque, por um determinismo ineluctavel, teria que ficar á margem, e o seu nome, fóra de nossa terra, difficilmente poderia consequir maior projecção. Mas, entre nós, é uma profunda injustiça esse doloroso esquecimento que já se começa a fazer em torno de sua obra, que ahi está como um documento expressivo de uma época, reconstituindo idéas e gerações, revivendo figuras e legendas do passado.

Contemporaneos, apesar de ser um livro

feito de chronicas esparsas sobre a arte e os artistas de uma determinada phase de transição literaria, chronicas que já nos tinham deliciado lá se vão uns vinte annos, vem reaccender em nossas lembrancas a chamma quasi extincta. Ahi, em meio a essas paginas, onde existe sempre qualquer coisa de novo e de attrahente, saboreamos com prazer as alternativas rebrilhantes de seu grande espirito, defluindo num estulo a um tempo intenso e flexivel, que era eloquente sem ser declamatorio, que tinha, de vez em vez, o ruthmo frenetico de ondas convulsionadas e apparentava a quietude das aguas mansas de um lago. Todas as artes plasticas, todas as escolas, todos os estulos, são surprehendidos na contextura de retratos magistraes, por um critico de forte personalidade, que foi tambem um creador de arte e um insigne realizador. Vemos novamente essa luzida theoria de artistas nossos, alguns na culminancia da gloria, outros já desapparecidos, e relemos ainda, com o mesmo prazer de outróra, esses conceitos velhos que rejuvenescem sob o prestigio de um estulo que o tempo não conseguiu desbotar. Visconti, Amoedo, Roberto Mendes, Parreiras, Baptista da Costa, Corrêa Lima, Helios Seelinger, Presciliano Lobo, Raul Pederneiras, Calixto Cordeiro -- uma galeria impressionante de pintores, esculptores, estatuarios, caricaturistas, que passam pelo crivo da critica de um raro animador, cuja imaginação ardente lhes adornava a obra de contornos e relevos imprevistos. Sobre cada figura um traço definidor, um julgamento que é uma psychologia, uma visada introspectiva, envolvendo um pensamento subtil, a faculdade singular, em summa, que tinha o critico de revelar a vocação, a maneira, a expressão, o gosto, as influencias, o estylo e as escolas dos artistas, registrando-lhes a temperatura da sensibilidade.

Não é possivel tudo citar desse livro prodigiosamente evocativo. As suas paginas, de fugitiva actualidade, justificam a reputação que teve o velho critico e historiador de arte, hoje quasi olvidado em nossas letras. São paginas que exprimem, no mais alto gráo, as tendencias artisticas de sua época, e que, se parecem diminuidas de valor e originalidade neste momento tumultuario de modernismo exasperante, não deslustram a gloria de seu autor, antes lhe elevam o nome, cada vez mais, no conceito daquelles que ainda não perderam a illusão de que a antiquidade, como proclamava David, não deixou de ser a grande escola dos pintores modernos e a fonte onde elles vão procurar os modelos de sua arte. Gonzaga Duque passou a vida inebriando-se das luzes e das côres que lhe eram o filtro excitador da belleza. Encontrou a alegria dos olhos visionando o panorama sempre novo da pintura antiga. Como critico, não se lhe descobre uma observação artificial ou um conceito dogmatico. A arte do paizagista, como a arte do retratista, por entre a immensa variedade de manifestações individuaes, é sempre estudada por um mestre, que teve o privilegio de «créer l'atmosphère», seleccionando valores e intelligencias. Assim é que, para a sua concepção de critico, á maneira de Léon de Saint-Valéry, a paizagem realizava a belleza de expressão das sensações, sendo o prolongamento, em fórmas concretas, da sensibilidade humana; e o retrato devia transubstanciar a alma de seu tempo, revivendo-lhe as gerações mortas, coordenando-lhe as transmutações da historia, ao revés do retrato contemporaneo, a physionomia humana traduzida pelos pintores de hoje, onde a imagem não é mais do que um systema de deducções psychicas, ou melhor, a idéa feita pelo artista da mentalidade do modelo.

Todas essas singulares virtudes de critico e excepcionaes qualidades de escriptor asseguram a Gonzaga Duque uma situação eminente, quando se fizer a historia dos nossos authenticos julgadores de arte. Gentilhomem das letras, realizou o seu destino, consoante a linda expressão do autor do *Princes de l'Esprit*, referindo-se a Claude Monet, com a serenidade de uma bella arvore que dá suas flores e seus fructos, obedecendo ás leis eternas da dotação humana, tendo amado a vida e a arte com um grande coração ingenuo, uma vontade, uma razão que guardam toda a vitalidade e juventude.

## A CRITICA DE BENJAMIN LIMA

## A CRITICA DE BENJAMIN LIMA

Uma experiencia rapida instituida dentro do problema literario veio demonstrar como um theatrologo notavel póde transformar-se, sem esforco, num perfeito critico. Fê-la o sr. Benjamin Lima, e o exito foi decisivo e consideravel. O seu recente livro Esse Jorge de Lima!... revela-o um julgador que exercita a critica de maneira original, innovando, renovando, abalando em seus fundamentos os rotineiros processos de julgar. Nesse trabalho não se limita exclusivamente ao estudo de um poeta modernista e de suas novas tendencias intellectuaes. Dando-nos a illusão de que apenas se restringiu á superficie, aos contornos exteriores, penetra a fundo a alma e os sentimentos do artista, e, com successo, procura descobrir-lhe as directivas da intelligencia. Ostenta sómente as bellezas e os attractivos da obra, deixando-nos a impressão, aliás erronea, de que lhe escaparam á visualidade muitos de seus segredos e de suas imperceptiveis fragilidades. Sente-se-lhe a preoccupação de não doutrinar, de não estabelecer regras, de não impôr theorias, de fugir o mais possivel ás formulas consagradas, o que não o impede, como juiz, de proferir as suas sentencas com profundeza e rectidão. Expõe os seus pontos de vista com um sorriso amavel, ás vezes levemente ironico, intencionalmente malicioso, mas não chega a susceptibilizar, nem sequer a produzir irritações passageiras no melindre alheio. Não é do seu feitio ir ao cerne da arvore. Deixa-se ficar no cortex, para onde convergem as suas pesquisas, tomado do receio piedoso de que uma ferida mais adentro póssa talvez sangrar. Nota-se-lhe o exaggero das precauções á imminencia de um conceito mais agreste, e não nos passa despercebida a flexibilidade de suas idéas, ondulando subtilmente, indecisas, quasi amedrontadas, toda vez que se faz mister o esclarecimento de uma controversia, delimitada entre angulos obscuros. Através de sua maneira de vêr e da habilidade, que lhe é congenial, de não dizer tudo, existem em perfeito equilibrio as virtudes reaes da obra com as suas lacunas irremediaveis, as suas qualidades com os seus peccados immanentes. Não existirá para esse julgador singular um suppórte falso, da obra em debate, que não esteja escudado em alicerces massicos. Não fará restricções a uma impericia de technica ou a um desvio de directrizes, sem descobrir, para logo, a maneira de contornar as asperezas de suas assertivas, se asperezas se devem

chamar as alcatifas menos suaves na extensão de um caminho de oiro e de velludo. Póde-se dizer que na sua critica «les duretés pleuvent avec les douceurs». São-lhe infensos ao temperamento a analyse severa, a autopsia escalavrante, o rude escalpello que forceja por desaggregar as cellulas do organismo. Ha nelle uma delicadeza quasi feminina no tratar a phrase, quando urge a fixação de um modo de apreciar contrario ao seu. As suas idéas, embora diametralmente oppostas ás doutrinas e ás idéas do livro sob a sua inspecção, se revestem de tal ductilidade, de malleabilidade tão caracteristica, que, sem a previdencia de um exame mais a rigor, somos levados a acreditar que as opiniões divergentes se conjugam e se identificam sustentando identico raciocinio. Mas incidimos em puro engano. Esse critico, de extraordinaria disciplina de espirito, traz comsigo o dom precioso da dialectica seductora, da sophistica inebriante. Não se arroga o direito de aferir valores com a faculdade de divergir completamente. Prefere deixar a apparencia de ter apenas concordado, e consegue discordar, collocar-se em campo adverso, infundindo-nos a convicção de uma illusoria homogeneidade de idéas, de uma irreal fusão de pensamentos. Discute, explana, assevera, contesta, sonda, perscruta, quando no exame á tessitura da obra que lhe cáe sob os olhos atilados, desmembrando-a como se manejasse as peças de machinismo complicado. Não lhe fica por estudar um só de seus

aspectos, uma variante inédita de sua feitura. Em tudo, porém, encontra não a opportunidade para uma despicienda attitude literaria, para uma inutil exhibição de cultura, mas o delicioso pretexto para um traço imprevisto de sua intelligencia fascinante. Assim, construida em capitulos breves, em annotações quasi vertiginosas, em periodos laconicos e incisivos, a sua critica, sem ser sobrecarregada de citações e superabundante de divagações insipidas, se revela sólida, com methodo e profundeza, definindo-lhe a compleição intellectual e exteriorizando-lhe o talento peregrino, as aspirações de sua nobre sensibilidade. E' um prazer dos sentidos acompanhar-lhe, em qualquer direcção, o percurso das idéas. A's vezes, quasi sempre, de permeio com um preceito de arte, através desses fios de seda que lhe formam o estylo, está latente um corpo de pensamentos, de idéas secretamente unidas, realcando-lhe a elegancia e a agilidade do espirito. Não lhe agrada a complexidade. Todo o seu esforço tende para a realização de obra maior com o menor contingente de materia prima. E nesse modo de agir, nada ha de forçado e de superficial. São claras as suas trajectorias, como é transparente e lucida a explanação de suas théses. Espirito synthetico, porque systematico e intuitivo, um traço aligero na sua prosa denuncia-lhe de subito a origem e a filiação das idéas; e um outro traço, perdido no meio do contexto, accusa o pensador, defendendo superiormente as arestas frageis de uma affirmação philosophica, esmerilhando um principio de alta casuistica, explicando uma causa para determinar uma idéa, esclarecendo um desvio de concepção para encontrar a expressão exacta do seu pensamento, desenvolvendo commentario para estabelecer um postulado. Sem duvida, não será por todos bem comprehendido esse escrupulo, que se tornou uma funcção precipua na sua maneira de critico. Já se não ignora que a moda, entre nós, é julgar de afogadilho, commettendo injustiças, opinando perfunctoriamente, sem aquelle exame nitido e intuitivo, imprescindivel ao estudo especial das circumstancias particulares e sensiveis, que imprimem aos homens e ás obras as suas verdadeiras características e os seus impressionantes relevos. Hoje, não se affirma com o lastro de argumentos capazes de sustentar e defender as proposições, de molde a torná-las viris e insuspeitas. Não se deduz por um conjuncto de observações seguras que se constituiram elementos indispensaveis para taes deducções. Não se classifica por um processo equanime e impessoal de aferir culturas e seleccionar intelligencias. As affirmativas são levianas; as conclusões quasi sempre erroneas; as selecções fatalmente negativas. A critica ou se diminúe e desacredita pela impostura de um elogio falso e compromettedor, que lhe denuncia as sympathias pessoaes; ou revela suspeita, capciosa e sem elevação, pela parcialidade aggressiva e injusta, sem esconder

sequer o resaibo amargo da desaffeição que a concebeu.

A critica do sr. Benjamin Lima é muito differente. Não se parece com nenhuma outra critica. Tendo como poucos a faculdade de saber penetrar a obra na complexidade de seus problemas mais indistinctos e menos perceptiveis, não se escraviza, de modo algum, a pontos de vista preconcebidos. Esforça-se por interpretá-la dentro do espirito que a creou, de conformidade com as idéas da época e as causas exteriores das quaes dependeram a sua concepção intima, e colloca-se como julgador acima das proprias paixões, numa atmosphera de consciencia e responsabilidade, absolutamente liberta dessa orthodoxia estreita que proscreve a obra e tenta supprimir o valor, a acção pessoal do escriptor, todas as vezes que os seus conceitos não se amoldem ou não se adaptem ao codigo restricto dos sentimentos e pendores do critico. O sr. Benjamin Lima faz critica por amôr da belleza e da intelligencia, sem ficar adstricto a preconceitos de escolas. Critica que se conserva alheia ás virtudes negativas do escriptor, para contemplar-lhe apenas os horizontes elevados, as idéas nobres e corajosas. Critica clarividente, que sabe definir e julgar na medida justa, sem intolerancias e sem desconformes louvores, mas que não confunde a esthetica do artista com a technica do artifice, e considera a obra literaria como se fôsse, antes de tudo, uma verdadeira obra d'arte.

De accôrdo com esse methodo de analysar, que é uma resultante de sua psyche, ou antes, a faceta reveladora de uma das modalidades do seu temperamento de artista, communicando-nos sempre a vibração nervósa de sua sensibilidade hyperesthesiada, surge a radiósa physionomia literaria de Jorge de Lima, poeta e prosador, vexillario de uma escola, animador enthusiasta de um movimento revolucionario. Não obstante a sua estructura feita em notas suncopadas, verdadeiras maravilhas de sunthese, apesar de esculpturada em imagens sorridentes e fugitivas, a critica, como se fôsse um retrato, embevece para logo, reflectindo, no molde e no apuro constructivo, a feição amavel do seu espirito, desdobrando-se aqui e ali em epigrammas que não magôam e em aphorismos cuja leveza jovial quasi lhes dissimula a indiscreção. O sr. Benjamin Lima traça esse estudo com o impulso do pintor que, dominado por uma força obsessôra, se apaixona pelo retrato, o anima e lhe dá vida, sem considerar-se satisfeito emquanto a eloquencia dos retoques lhe não accusar a perfeição do conjuncto. Os capitulos, plasmados no melhor estulo, são curtos, breves, harmonicos, impressivos. Em cada periodo, entretanto, existe uma idéa, uma exposição núa e fiel do seu pensamento, uma formula superior de suas emoções. Tudo differente dos processos daquelle celebre padre Guéranger, relembrado por D'Aurevilly, numa satura corrosiva contra o principe de Broglie, que publicava nada

menos de vinte e dois artigos compactos, no Monde, para dizer «un petit mot». O seu estulo. ao contrario, é feito apenas de idéas. Nada de ornamental, de escolastico ou declamatorio. Nada que se assemelhe a esse prurido cabotinesco de sobrecarregar os textos de citações inuteis e transcripções inopportunas. As suas opiniões são definidas numa rendilhada tessitura de idéas, das mais lucidas, das mais plasticas e saborósas. E' um escriptor sem circumloquios e cujo espirito não se compraz com a metaphora ou a amphibologia. Admira, por certo, o talento de Jorge de Lima, salienta-lhe as configurações refulgentes, mas não se esquece de annotar-lhe as fragilidades. Surprehende o prosador nos momentos mais culminantes de sua obra e, sem nenhum euphemismo, com absoluta isenção, em nome da disciplina e da belleza, lhe não esconde as deficiencias a corrigir. Acredita, por exemplo, no que existe de futurismo no romance Salomão e as mulheres, do escriptor alagoano, porque está convencido de que esse futurismo é « manifestamente falso». Releva notar que, alludindo aos futuristas, dentro das paginas do livro inteiro, é a unica vez que o sr. Benjamin Lima se nos afigura cruél e sem piedade. O mal de Jorge de Lima e de Plinio Salgado, que são, a seu vêr, dois campeões da esquerda literaria, é terem ambos «as exterioridades do futurismo, o que denuncia nesses autores a preoccupação, seu tanto ou quanto pueril, de passarem por extravagantes e revolucionarios ». Ahi o critico de Esse Jorge de Lima!..., sem temer o perigo de vir a ser lapidado, não tem indulgencia para a mediocridade da maioria modernistas. Hostiliza-os dos escriptores no sulco de deixando entrevêr palavras o gosto dos commentarios humoristicos. Aliás, ainda que vasadas em moldes superiores, taes considerações não representam um libello isolado contra essa corrente renovadora de idéas, cujos defeitos e qualidades o sr. Tristão de Athayde summariou no excellente artigo consagrado a Marinetti. A critica contemporanea, por muitas de suas vozes mais autorizadas, já se insurgiu contra essa literatura anarchica e deformadora, contra essa systematica subversão de valores, normas e principios admittidos, e cuja finalidade essencial é divorciar-se de tudo quanto se relaciona com o passado e com a tradição, destruindo-os, inflexivelmente, em todos os seus aspectos de eternidade e de belleza, para justificar uma visão deformada e falsa do real, para explicar a singularidade de uma attitude charlatanesca e malsã. Outras penintrepidez não inflammadas e da mesma nas têm cessado de clamar contra esse movimento inconsciente e mystificador, que até hoje não conseguiu interessar a nossa intelligencia e a nossa sensibilidade, revelando os preciósos dotes espirituaes de seus legionarios. Porque, em verdade, no Brasil, ainda ignoramos os symbolos notaveis desse movimento novo, dessa literatura que se denomina

modernista, de incriveis maneirismos e ridiculas acrobacias, cuias tendencias são mais destructivas do que constructivas. E' certo que, como bem asseverou Gabriel Brunet, sob o vocabulo «moderno» se confundem duas literaturas muito diversas: «uma que é «bluff» e charlatanismo, e outra que traduz as attitudes novas da alma humana em face de todas as questões eternas. A primeira resolve o milagre de romper com a tradição sem abrir vias novas, mas existe, indiscutivelmente, uma literatura moderna que, sem desprezar os esforços do passado, crê que a série das respostas do Universo á imperecivel curiosidade dos homens não se exgottará jámais». Como quer que seja, não sei se me foi possivel comprehender e penetrar o sentido da época actual, no que concerne a movimentos renovadores, ou melhor, no que diz respeito ás innovações artificiaes das gerações moças, trabalhadas de todos os lados por influencias nocivas e contradictorias, sem que se lhes póssa divisar a finalidade, mas devo confessar que persisto em manter, senão uma postura de indifferença completa, pelo menos de hesitação e scepticismo. Não acredito na amplitude e na força do que se convencionou classificar de « espirito moderno», nem concedo o titulo de obras-primas ás realizações dos seus jovens e inexperientes vulgarizadores. Creio, sim, que o momento é de dispersão, de anarchia e deploravel dissociação intellectual. Caracteriza-o, expressivamente, tacteando em

busca de formulas insólitas, uma corrente tumultuaria, insoffreada e anomala, que investe pretendendo devastar o que ha de grande e de respeitavel na galeria dos escriptores e scientistas que formam o patrimonio de nossa raça. Não se trata, porém, de uma reacção de idéas e de principios. Nada disso. Esses risiveis «menus seigneurs et baladins des lettres» tentam uma demolição «à outrance», de homem para homem, de obra para obra, sem uma forma espiritual dirigente, em defesa de theorias, de escolas e de manifestações literarias que, por anachronicas e sediças, já se encontram sem nenhuma expressão moral ou mental no espirito dos homens de cultura de além-Atlantico.

Longe de mim, todavia, o proposito de reconstituir neste instante, em torno da obra do illustre critico brasileiro, todo o movimento de idéas e de opiniões que a corrente modernista suggeriu e despertou nos mais altos circulos intellectuaes do paiz. Tão pouco se inclúe na ordem das minhas cogitações o valor do artista, que esteve em causa durante essa formósa peregrinação literaria através dos livros e das literaturas, como tambem me não enleia a perspectiva de discutir se a admiração do sr. Benjamin Lima pelo autor de Essa negra Fulô!... é merecida, e se, devéras, deve ser considerada legitima tal nomeada. Fazendo parte da galeria dos medicos-escriptores que se notabilizaram em nossas letras, o sr. Jorge de Lima sobre ser, nas hostes modernistas, umas das figuras de mais destacado realce, pelo seu enthusiasmo de renovador e pelas ardentías do seu espirito, tem as excellentes virtudes do animador. Mas o animador, no sentido raro desta palavra, cuja visão esthetica, quando deformada e falseada do real da vida e da arte, como no caso do seu modernismo, á maneira do satanismo de Baudelaire e do sno= bismo de Proust, justifica apenas uma attitude paradoxal, de vez que, ao lado do revolucionario, do modernista subversivo, installado voluntariamente, caprichosamente, na desintelligencia de seu tempo, subsiste, produzindo effeitos singulares, num conflicto de duas personagens no mesmo homem, o artista verdadeiro, o poeta de inspiração e sensibilidade, o letrado erudito cujas idéas escapam ao prosaismo das curiosidades artificiaes, á banalidade das controversias correntes. Se, comtudo, todas essas nobres prerogativas impostas pelo talento não bastassem para consagrar-lhe os renomados meritos, o formoso ensaio critico do sr. Benjamin Lima, em definitiva, operaria o prodigio. Na sua critica, porém, não ha apenas o panorama da vida intellectual contemporanea. O seu estylo e a sua sensibilidade não significam tão sómente a moldura que faz a fortuna do retrato. Observando, criticando, refutando, negando, tomando partido, timbrando de rigor em exhibir as preferencias da esthesia refinada, automaticamente, por sua vez, expõe as suas proprias idéas ás aventuras da critica, estimulando uma floração de interpretações e

debates. Consente-se em escutar-lhe as destemidas assertivas, em seguir-lhe em todas as direccões a finura do espirito, mas fica-se a suppôr que a sua critica, ao geito da de Gide, é um méro pretexto, um momento inquieto de sua emoção e de sua idéa, uma necessidade incoercivel de quem vive pelo cerebro. Fingindo procurar um autor, com traduzir as angustias metaphysicas, psychologicas, moraes e sociaes de nossa época, a si mesmo é que se procura, é a si mesmo que projecta, com aquelle «poder reflector» a que alludiu Proust, definindo o genio. Assim, no espirito do livro que analysa vae encontrar o cabedal que lhe serve ás impressões e ás hupotheses, para deixar ás claras, com indomita bravura, os seus pontos de vista, e defendê-los com galhardia. Inconciliavel com o logar-commum dos conceitos que já se reduziram a «clichés», não intenta apparentar a expressão individual do seu pensamento; e, não obstante o estadear de uma admiração, talvez um pouco excessiva e convencional, pelo autor que lhe offerece motivo ás digressões eruditas, não está de accôrdo com o rythmo de suas exaltações. Quando allude a Proust, por exemplo. Rompendo com as convenções tacitas respeitadas até hoje por todos os grandes biographos e analystas da obra do autor do A' la recherche du temps perdu, não vê nenhum inconveniente, ou antes, faz mesmo questão fechada « de não dissimular o seu completo indifferentismo pela obra prousteana». As théses do sr. Jorge de Lima, para disputar em concurso a cathedra de literatura do gumnasio alagoano, pódem ser de optima feitura e revelar-lhe uma aresta fascinante da intelligencia. Tudo isso e mais alguma coisa o critico não contesta. O que, porém, lhe não está de conformidade com as exigencias do gosto, são os conceitos que, em torno de determinadas figuras literarias, a erudição e a cultura do seu autor ahi deixou fixados. Marcel Proust, no seu entender, «é um escriptor que nada innovou, absolutamente nada, nos methodos de psychologar, de narrar»; e Mario de Andrade pretendeu, «pelo menos, haver arremettido contra todas as licões dos antecessores. No primeiro, continúa o sr. Benjamin Lima, o que se vê de inédito, na melhor das hupotheses, é a exaggeração dos processos classicos, levada ás raias de um minudencismo que lhe deu direito de ser proclamado «le prince des raseurs», em todas as épocas e em todos os paizes: no segundo, o maximo que é licito vislumbrar-se de interessante, para lhe ser gentil e... ao sr. Jorge de Lima, é a obstinação, decididamente doentia, de subverter o mundo da esthetica, e inverter as regras todas de composição literaria».

E' impressionante o desassombro de taes opiniões. E ainda mais impressionante é a franqueza aggressiva pela qual, inicialmente, despercebido do effeito que o seu julgamento póssa produzir, o ensaista do *Esse Jorge de Lima*!... estabelece uma concepção opposta a tudo quanto

se tem dito e escripto a tal proposito, sem se arreceiar da alude de anathemas que poderia desabar-lhe sobre a cabeça. Por maior que seja a minha espantosa incomprehensão deante de certas obras que já mereceram o suffragio universal, voto um respeito sagrado, á mingua de coragem, - que perdôem a covardia desta confissão! — aos arestos inappellaveis da posteridade. Comtudo, assim estimulado, no tocante á obra de Proust, eu propendo a subscrever integralmente todas as proposições do sr. Benjamin Lima. Em consciencia, não me é licito affirmar, sob pena de incorrer em flagrante escandaloso de inverdade, que já experimentei a gloria de haver transposto, de extremo a extremo, as suas paragens impervias e inextricaveis. Mas foram innumeraveis as tentativas fracassadas que me extraviaram no emmaranhado dessa immensa vegetação stendhaliana, para onde fui attrahido, insensivelmente, pelo enthusiasmo contagioso dos ardentes reveladores de seu genio, sem que me fôsse outorgada a graça infinita de descobrir-lhe claramente, nitidamente, a belleza e os sortilegios. A despeito do resplandor de sua gloria, tudo o que ha de grande e admiravel nas paginas desse singular psychologo do peccado - a sua faculdade excepcional de pintar os estados d'alma e de esquadrinhar os recantos ennublados da vida interior, o seu esforco instinctivo para harmonizar o inconsciente e a consciencia, para coordenar a sensibilidade e o pensamento, para solidarizar o coração e a intelligencia,—em summa, todo o aspecto numeroso e genial de sua obra, permanece empannado por essa tendencia morbida para a analyse, traduzida na affectação enervante do seu estulo, que lhe foi uma tortura e continúa a ser um supplicio para os que lhe tentam apprehender as idéas, estylo que «fouille et farfouille les travers », de estafantes e morósas divagações, capazes de fatigar e fazer adormecer o leitor mais prevenido. Seja como fôr, de lado as deficiencias do estulo, é consideravel a influencia do seu genio nestes ultimos tempos. Creio que foi o sr. Gaston Rageot, tentando mostrar os elementos novos e profundos de sua personalidade, constituindo-lhe o renome e a gloria, quem descobriu haver varias categorias de leitores de sua obra: os que não a leram, porventura os mais enthusiastas; os que apenas a leram em parte, em trechos esparsos, formando o grupo dos indecisos; e os que a leram inteiramente, entre os quaes se orgulhava de enfileirar-se o sumptuoso ensaista de La Beauté, Depois do innominavel sacrificio que presumo haver feito o sr. Benjamin Lima, esflorando de volume a volume essa obra exhaustiva e extenuante, para com segurança impôr-lhe tão severas restricções, em detrimento dos falsos idolatras, ninguem lhe poderá recusar insuspeição no julgamento. E' mistér frizar, entretanto, que esse heroismo de affirmar, reagindo contra a petulancia e a pedanteria de certa casta de eruditos, que exalta por suggestão de terceiros, na inconsciencia do valor intrinseco da obra, não é peculiar a todos os escriptores, a todos os criticos. O sr. Paul Morand, no seu bello livro L'Art de Mourir, refere que só em seus ultimos momentos, já desenganado pelos medicos, sem nenhuma probabilidade de escapar á morte, com absoluta certeza de que não sobreviveria á sua confissão. Lope de Vega teve a coragem de bramir uma apostrophe em calão, traduzindo a sua repulsa ao Dante. Verdade é que outros escriptores, fiando-se na celebridade dos proprios nomes, jámais pensaram em esperar o momento final para deixar transparecer as suas aversões literarias. Stendhal não tolerava Goethe. Taine não comprehendia o genio de Hugo, e Lamartine chocarreava das «facécias» de Rabelais, arrevessando injurias a Byron.

No sr. Benjamin Lima, porém, é innata essa faculdade de imprimir ás idéas a sua physionomia verdadeira, resistindo a todas as forças e a todos os elementos dissolventes que collaboram em dispersar a alma do critico e lhe envilecer as opiniões. Constitúe a expressão individual do homem, de seu temperamento, de suas affinidades espirituaes, a resultante de uma experiencia unica e intransmissivel da integridade do seu pensamento. Nada obstante, sem a menor intenção de irreverencia, confesso que, nem mesmo ás portas da morte, como o prosador espanhol, eu me revestiria do animo sufficiente para revelar tudo o que sinto e tenho recalcado sobre as idéas e o estylo da obra

de um dos maiores romancistas da nossa lingua, cujo nome estaria consagrado pelo consenso unanime de todos os homens de letras do paiz, se, isolando-se em uma excepção, a autoridade de Sylvio Romero não tivesse averbado de refalsada, illegitima e improcedente a superstição collectiva. Nem mesmo na hora extrema-tal o poder inhibitorio de minha reconhecida inidoneidade, - eu me aventuraria ao risco de ser queimado ainda vivo, manifestando o meu scepticismo pela grandeza dessa obra, que nas suas monotonas e invariaveis apparencias, nas suas esvanecidas perspectivas constructoras, deixa em relevo, sem duvida alguma, o cunho do vernaculista de polpa, do amoroso do idioma, não consequindo realizar, entretanto, aquelle milagre de perpetuo renovamento, que é o indice, a scentelha vital das creações de genio.

Ha ainda outros aspectos de alta belleza no ensaio de critica do sr. Benjamin Lima. Todos lhe definem o talento, lhe explicam a tendencia das idéas, a expressão superexcitante de uma aguda sensibilidade. Filão precioso, que para ser efficientemente explorado requer o cultivo dos livros e a intimidade dos mestres, a critica é a flôr do pensamento, a orchidea esquisita e rara que só germina e desabrocha nos campos onde existem as semeaduras das idéas; e se, para Hello, foi, antes de tudo, a consciencia literaria, para o autor de Esse Jorge de Lima!... é tambem uma festa do espirito, uma voluptuaria alegria, uma arte de

fremitos e de belleza, onde os sentidos se exaltam ao contacto da vida, e as idéas, exuberantes de saúde, lhe são a decorrencia de um prazer esthetico que senhoreia todas os fórmas de cultura.

Se não fôsse do meu intuito delimitar o ambito destas circumvoluções literarias, que não poderiam extender-se a todas as encruzilhadas de sua complexa personalidade de escriptor, força seria alludir, nesta hora, ao jornalista, á elegancia espiritual, á distincção aristocratica de seus commentarios politicos; e não esquecer a figura do conferencista insigne, que tem a arte luminósa de dizer e o instincto surprehendente de pensar e de fazer pensar, deixando que, no fluxo e refluxo de suas palavras, as idéas se espraiem em todas as direcções, como uma lumpha crustallina que rolasse, transluzente e polychromica, por entre escarpas e penedias. E seria forçoso reconhecer, simultaneamente, o dramaturgo. Nestes dominios, então, a figura de Benjamin Lima alteia e domina, vigorósa de autoridade, de ascendencia espiritual, de seducção magnetica. Em nossa literatura theatral, na actualidade, é um dos nomes de maior lustre. Tendo sentido, como nenhum outro escriptor de sua geração, as tenazes da vida, nas emocionantes alternativas da amargura e do soffrimento, a golpes de provas redobradas conheceu todos os refólhos da alma humana, todos os meandros do coração, e assim conseguiu vislumbrar o homem no espelho da introspecção, no musterio interior do seu destino individual. E desse tirocinio demorado, a inquietude infatigavel de sua imaginação creadora construiu symbolos vivos e immortaes, typos eternos projectados do rythmo frenetico da vida moderna.

Benjamin Lima é o mais genuino florão da nobreza intellectual amazonica. Os loiros de seus triumphos deve-os à metropole, é certo, foram conquistados com energia, sacrificio e serenidade, em escaladas penósas e torturantes, rompendo os assedios da mediocridade e do despeito, no turbilhão da Cidade Tentacular. Mas foi na Amazonia gigantesca e genetriz que se abriram para a vida os seus olhos deslumbrados. Foi sob a adustão de seu clima e a trama selvagem de suas florestas que se fertilizaram as sementeiras de sua intelligencia e se lhe amadureceram as faculdades de conceber e de crear, e onde se formou o seu espirito e se educaram as qualidades mestras do escriptor e do artista, para o surto das idéas e as realizações gloriósas de sua obra.



## UM DICCIONARISTA LITERARIO

Impuzemo-nos a tarefa de ler, da primeira à ultima pagina, com uma curiosidade sempre crescente, um livro que nos chegou do Porto, e que faltava entre os nossos livros: o *Diccionario Universal de Literatura* (bio-bibliographico e chronologico), edição portugueza de 1934, e da autoria do sr. Henrique Perdigão.

Se não temos o habito de ler diccionarios, aliás dos habitos mais virtuosos e proficuos, tambem não recusamos elogios ao serviço inestimavel que nos prestam esses silenciosos auxiliares de todas as horas. Compulsando-os, quando se faz mister esclarecer uma duvida ou firmar um conceito, apoiado em alicerces de maior estabilidade, nunca nos limitamos á materia que nos fez procurá-los nas estantes. Alongamos amiude os olhos pelos artigos subsequentes e perdemo-nos em trajectorias differentes, esquecidos, as mais das vezes, dos motivos da primitiva consulta. Os diccionarios, quanto a nós, são insubstituiveis condensadores de idéas

e de opiniões, reservatorios de verdades, que illuminam, de chôfre, a intelligencia, dando-nos uma alegria semelhante ao alvoroço do mathematico que surprehende subitamente a incognita de uma equação impenetravel. Lê-los-iamos, artigo por artigo, com voluptuoso prazer dos sentidos, se vagares nos sobrassem para tão deliciósas peregrinações. Porque estas viagens amaveis, através do ambiente universal do espirito, sempre nos conduzem a imprevistas descobertas. Nunca se deve considerar perdido o tempo consagrado á pesquisa erudita dos diccionarios. No contacto delles, entre as formulas coordenadoras dos seus pontos de vista, o nosso espirito se amplia, distendendo-se sobre horizontes de maior elevação, no intuito de perquirir, com um golpe de sonda profundo no interior das idéas que a encyclopedia encerra, o conjuncto de accessorios particulares que serão de interesse especial para o objecto do nosso estudo. Parallelamente, não se deve confiar, de modo irrestricto, na integridade dos diccionarios. Seja qual fôr o credito de seus autores, não apenas a complexidade da obra e a universalidade a que ella aspira seriam factores determinantes de inevitaveis senões; mas, principalmente, na analyse e na critica das obras, os pendores e as influencias geraes ou immediatas que contribuiram no desenvolvimento de suas idéas. Camillo, alludindo ao diccionario de Littré, cuja autoridade, em lingua franceza, é insuperavel, assignala varios erros, evi-

dentemente levados em conta de typographicos, por onde se testifica o perigo que existe em confiar nas assertivas dos diccionarios. Como quer que seja, o trabalhador intellectual não póde prescindir, em qualquer hypothese, desses grandes auxiliares de sua memoria e da sua cultura. E o diccionario, nos moldes do que acaba de elaborar, depois de quasi tres lustros de investigações e de estudos, o illustre sr. Henrique Perdigão, constitúe, devéras, elemento cooperador que, de prompto, automaticamente, esclarece e elucida o nosso pensamento, imprimindo-lhe orientação definitiva. Tivemos a felicidade de acompanhar de perto, embora descrente e sceptico, os primeiros planos constructivos do notavel emprehendimento, desde as vacillações dos bosquejos iniciaes, quando as idéas do autor se assemelhavam a estonteantes e fugitivas fantasias, que depois se transmudaram, como larvas que se crustallizam, na realidade fecunda e magnifica de hoje. Não que mantivessemos duvidas a respeito da intelligencia, da energia, da cultura e da capacidade receptiva e assimiladora do sr. Henrique Perdigão. Conhecendo-o, intimamente, quando, em Manáos, era outro o genero suas preoccupações, em rumo opposto aos novos itinerarios que o seu espirito lhe indicava, nós previramos, com lucidez, avaliando a responsabilidade da tarefa pela obstinação de sua força de vontade, o tamanho do esforço a ser dispendido, por entre contingencias exhaustivas e inquietas,

para que fôsse levada a termo a ousada iniciativa. O sonho realizou-se, o Diccionario ahi está, como um trophéo da memoravel batalha, mas o seu labor foi cyclopeo. O sr. Henrique Perdigão, isolado, sem nenhuma outra assistencia intellectual que não a da propria inspiração e das reservas de sua cultura individual, tomou a hombros, corajosamente, o grandioso commettimento, dando-nos a lembrar, nos primeiros instantes, pelo ardor com que se desobrigava do compromisso assumido comsigo mesmo, a insania daquelle alchimista que tinha a illusão de dominar o mundo com o pechisbeque de suas combinações chimicas. Nada mais difficil, quando dirigida por uma só cabeça, do que a feitura de um diccionario. Além da somma de conhecimentos exigidos e postos em prova, por entre experiencias continuas e repetidas, no decurso de sua composição, limitando-lhe a visada ao circulo de estreitas especialidades ou circumvagando-a no terreno da mais ampla generalidade, o seu autor, se quizer divergir e separar-se do modelo de seus predecessores, terá necessidade de imprimirlhe o cumho pessoal de observações que lhe sejam o indice da visão cultural. Via de regra, quasi todos os diccionarios, assim os mais antigos como a maioria dos contemporaneos, representam o fructo de um emprehendimento collectivo, exercitado com escrupulo e mestría, por um grupo de homens de notoriedade e valor reconhecidos, em collaboração permanente. Sem embargo, não obstante a direcção de multiplas intelligencias, esses diccionarios não têm tido a efficacia que seria de esperar, tal a morosidade do trabalho coordenador, condicionado á harmonia de pontos de vistas entre individuos de culturas differentes. Nos dominios da pratica, major efficiencia têm revelado os diccionarios submettidos ao criterio erudito de um só autor. Paradigma desse processo, demonstrando-lhe exuberantemente a superioridade, é o Diccionario da Lingua Franceza, de Emile Littré, soberbo monumento de erudição e de cultura, onde se condensa, em cinco etapas gigantescas, que são os seus quatro volumes, o saber encyclopedico de varias épocas e de innumeras gerações. Citariamos ainda, em consonancia com os nossos argumentos, o famoso Diccionario Universal, que, no seculo XVII, o abbade Furetière, notavel lexicographo francez, compôz, sósinho, em mais de quarenta annos de esforços ininterruptos, e o Diccionario Historico e Critico, de Bayle, interessante sob todos os aspectos, tal a exposição e as correntes de idéas que nelle existem, em torno dos problemas theologicos, historicos e philosophicos. Se insistissemos em dar outro padrão, testemunhando a justeza dos nossos assertos, bastaria indicar o Diccionario Philosophico, que é construcção de uma só intelligencia, e onde o espirito de Voltaire, impulsionado por implacavel sectarismo, investe contra a religião catholica. Não é difficil deixar em relevo a excellencia e o merecimento desses diccionarios sobre a maioria dos que por ahi existem, attestado precario da tradição de saber de renomadas academias e corporações eruditas.

O sr. Henrique Perdigão, com um destemor que faz jús aos louvores mais eloquentes, atreveu-se a levar de vencida, a sós, os obstaculos que se avolumaram, gradativamente, á proporção que a sua obra crescia e tomava corpo. Os auxilios immediatos, por mais rudimentares e comesirecusados, quasi por acinte. nhos. lhe foram Desconfiou-se-lhe da energia e da intelligencia, que provocavam interpretações suspeitas. As suas intenções eram desvirtuadas com aquella risivel ironia dos que não comprehendem e não discernem as nobres intenções. Porfiava-se, systematicamente, desdenhosamente, em negar-lhe os informes que aos nucleos culturaes de toda parte do globo eram solicitados com insistencia, no intuito generoso de evitar que o seu diccionario, quando tivesse de fixar as figuras contemporaneas da literatura universal, incorresse em possiveis lacunas e omissões. A despeito dessa luta desesperada e sem treguas, que o autor, á guisa de prudente e judiciosa resalva, nos descreve nas paginas brilhantes da introducção de seu livro, o animo do sr. Henrique Perdigão não soube descoroçoar, e o seu esforço, desafiando a maré montante da hostilidade ambiente,-«esforço unico de um homem que não teve a auxiliá-lo, sequer, um simples copista»-, foi grandemente contrabalançado pelas victorias

que obteve e vae obtendo, não apenas da critica, cujos suffragios valeram por lauréis que lhe engrinaldaram a obra, senão, e com absoluta justiça, da doutissima Academia de Sciencias de Lisbôa, que, por força do parecer exarado sobre os meritos do *Diccionario*, se tornou virtualmente fiadora do notavel trabalho do encyclopedista portuguez.

Não sabemos de outro triumpho mais decisivo e indiscutivel. É obvio que, em obras dessa natureza, com o decorrer dos tempos, alterações e transformações sobrevirão. Difficilimo, quasi impossivel, collocá-las a salvo dessas metamorphoses inevitaveis. Entretanto, senhor das proprias responsabilidades, é o autor o primeiro a sentir, conscienciosamente, o imperio da contingencia, propondo-se a acceitar, desde logo, a collaboração informativa de quantos lhe póssam traçar um novo rumo ou supprir qualquer omissão involuntaria, no dominio exclusivo das finalidades do seu *Diccionario*.

A obra do sr. Henrique Perdigão não é, porem, de modo nenhum, como elle pretende, num gesto que diz muito bem com o seu temperamento retrahido, desaffeito ás posturas exhibicionistas, "uma fonte summaria de elucidações biographicas e bibliographicas". Trabalho pensado e composto com a penna na mão, durante longos annos de reflexões, por entre os livros, as literaturas e a densidade cultural dos mestres de todos os paizes, a sua faculdade critica, para planejá-lo e executá-lo, exerceu aquellas duas operações, de

sentido quasi inverso, a que se refere Thibaudet, analysando os processos da critica de Brunetière. A realizadora de idéas criticas, cuias obras seriam uma applicação, e a que realiza obras, cujas idéas criticas não passam de commentarios. Destarte, o seu Diccionario não é uma fonte, representa, antes, um manancial de erudição, onde, através de um mundo de conceitos, se aprende a cada passo, sem fadiga, sentindo a caricia de suaves resonancias, como se estivessemos embalados pela cadencia e pelos ruthmos das estrophes de um poema didactico. Não lhe discutiremos, nesta hora, os minusculos defeitos, os imperceptiveis deslizes, inherentes á propria dimensão da obra, á sua universal complexidade. Ao sr. Henrique Perdigão era impossivel, a menos que não intentasse fazer um diccionario em muitos volumes, reflectir em todos os artigos a mesma elegancia de fórma, pureza e expressão, além do luxo de pormenores ahi fixados sobre o homem e a obra, resultantes de uma longa e aguda exegése de suas migrações espirituaes, como acontece quando se occupa do Eca, de Ortigão, de Blasco Ibañez, e, sobretudo, de Guerra Junqueiro, cujo perfil equivale á impressiva apologia. Da mesma sorte, a annotação sobre o nosso grande Euclydes é das melhores do livro, deixando-nos uma imagem perfeita do estylo abrupto e incandescente do prosador d'Os Sertões, com a transcripção que faz de uma pagina de Coelho Netto. Não havia exaggero se affirmassemos que o sr. Henrique Perdigão teria o mesmo empenho de realçar a personalidade de todos os escriptores, no caso de ser outro o espirito de sua obra. Perfis literarios dessa envergadura enquadrar-se-iam, á justa, num trabalho de critica historica ou nas paginas de um manual de literatura. Jámais em um diccionario bio-bibliographico, que é empresa de menor folego e de intuito diverso, ainda quando sómente os mortos tenham sido catalogados. Mesmo assim, de modo geral, as linhas mestras de sua orientação critica e literaria, por traçadas de bôa fé e sem preconcebido dogniatismo, não deixam de satisfazer, tornando-se mais interessantes, uma vez expungidas de gualquer observação em falso, ou de qualquer ponto de referencia em desaccórdo com as idéas consagradas e as directrizes exactas que porventura subsistam sobre a materia em apreço. É indiscutivel que, abrangendo um conjuncto de assumptos limitrophes, poder-se-ia, á vontade, delimitar o circulo das investigações e dos commentarios, no interesse de conservar uma disciplina que lhe fôsse consentanea á propria estructura. Ao homem e á obra, porém, cumpre julgá-los-frizemos bem este ponto - de conformidade com a sua feição característica, e de nenhuma fórma com as admirações pessoaes do julgador. Ha, no Diccio= nario Universal de Literatura, alguns retratos exuberantes, plethoricos de informes bio-bibliographicos, onde, em cada traço, mal se dissimula a alegria sorridente e o enthusiasmo do retratista,

contrastando com muitos outros, cujos desenhos se perdem na imprecisão das perspectivas. O de Proust, por exemplo, que além de resumidissimo, é de incomprehensivel deficiencia, nesta época em que, ás rebatinhas, dezenas e dezenas de biographos procuram esclarecer os insólitos aspectos da vida e da obra desse discutido psychologo do vicio. O artigo sobre Rostand resente-se da mesma pressa. E' um bosquejo rapido, onde apenas difficilmente é possivel lobrigar a gloria do poeta dramatico francez. E o que diz respeito a Saint-Victor, para lembrar sómente tres nomes na galeria dos mais modernos, é uma allusão de afogadilho, que está longe de reproduzir o diametro e a conformação espiritual do insigne estatuario das letras francezas. Existem, simultaneamente, em varios de seus artigos, ligeiras omissões e corrigíveis lapsos bibliographicos, que não nos dariamos ao trabalho de respigar, se o elogiavel escrupulo do diccionarista, na ultima pagina do seu proprio livro, não condescendesse em acceitar as rectificações que lhe parecam justas e acertadas. Assim, data venia, assignalámos no artigo concernente ao Conde de Gobineau, entre as notas bibliographicas, a falta de referencia ao livro Renaissance, premiado pela Academia Franceza, composto de impressionantes scenas historicas dos tempos de Savonarola, Cesar Borgia, Julio II, Leão X e Miguel Angelo. Comprehender-se-ia o esquecimento, voluntario ou não, de Abbaye de Typhaine, romance historico, do

mesmo autor, no genero de Walter Scott, obra de mocidade, e hoje rarissima. Mas supprimir Renais= sance, que passa, e com razão, por ser um dos seus livros de maior vulto, parece indesculpavel num diccionario bibliographico. No artigo sobre Ruskin, onde se lhe fixou a obra e a vida, com apreciavel intuição critica, resalta, entre os seus biographos, a omissão do nome de Robert de la Sizeranne, cuio livro - Ruskin et la Religion de la Beauté-é o traco de união entre esses dois maravilhosos evocadores de bellezas. Por motivos identicos, não se póde justificar a exclusão summaria do nome do grande estheta que foi uma das mais legitimas glorias da França contemporanea, e cujas obras - Miroir de la Vie, Les Masques et les Visages e La Peinture Anglaise Contemporaine—, para indicar apenas as que conhecemos, bastariam para situá-lo entre as mais fórtes expressões da critica de arte do seu paiz se outros livros não existissem para celebrar-lhe o espirito. Da mesma sorte, consideramos inferior á contextura intellectual do famoso poeta francez, o artigo sobre Mallarmé, que, evidentemente, não teve em sua factura os accessorios e os subsidios de Mauclair, o seu maior e mais extraordinario biographo. Referindo-se a Baudelaire, é claro que, sómente por distracção, o seu livro Curiosités Esthétiques foi classificado entre as suas traducções de Poe, quando é certo que se trata de uma collectanea de criticas sobre pintura e esculptura dos "salons" de Paris, publicada pelo artista das *Fleurs du Mal*, de 1845 a 1859, com o supplemento de um bello ensaio sobre a essencia do riso e o comico nas artes plasticas, estudados como factores da caricatura.

O nome do padre José Severiano de Rezende, fallecido ha alguns annos, em França, não foi mencionado no Diccionario. Nem mesmo no artigo em que se tratou da vida e da obra de Eduardo Prado, que lhe mereceram demorada analyse, num livro de reaqueada penetração - Eduardo Prado, paginas de critica e de polemica. E não era nenhum favor relembrar-lhe o nome, quando outras figuras de muito menor projecção ahi se acham catalogadas, em caminho da immortalidade. Severiano de Rezende, que depois abandonou a sotaina para fazer vida esturdia de bohemio, em Paris, sem perder, comtudo, o habito de frequentar as altas atmospheras intellectuaes, sendo, por ultimo, um dos collaboradores do Mercure de France, era um escriptor autonomo, com uma intelligencia astuciosa e improvisadora, servida por methodica e constructiva cultura; e era, sobretudo, um polemista sarcastico e acicateante, temivel demolidor de idolos, tendo deixado varios livros, dos quaes se destaca O meu Flos Santorum, onde á « orthodoxia de sua arte, segundo o Visconde de São Boaventura, que lhe foi o prefaciador, soube alliar a orthodoxia de sua religião ».

Entre os nossos escriptores mortos, tambem não figura o nome de Lima Barreto, o grande

romancista carioca que, realista por excellencia, foi um agil observador dos nossos costumes, com a faculdade singular de reproduzir fielmente a vida nos seus aspectos lancinantes ou pittorescos. Pinturas curiósas e extremamente variadas do homem e da sociedade do seu tempo, são os livros que escreveu—Triste fim de Polycarpo Quaresma, Recordações do escrivão Isaias Caminha, Vida e morte de J. M. Gonzaga de Sá e Numa e a Nympha, — reveladores, simultaneamente, do seu talento ironico e das agitações incoerciveis de sua natureza intima.

Outros nomes, de não pequena projecção mental, escaparam á nomenclatura do Diccionario. Se quizessemos ainda alongar um pouco esta enumeração, indicariamos, colhidos á ventura, os de Alberto Torres e Nestor Victor. O primeiro foi um dos mais eminentes servidores da sociologia brasileira, e a sua grande obra, em syntheses translucidas que systematizam as doutrinas do mestre, está superiormente demarcada num livro recente do sr. Alcides Gentil — As idéas de Alberto Torres; e o segundo, Nestor Victor, foi um escriptor de idéas, que experimentou todos os generos literarios, e se alçou ás mais elevadas temperaturas espirituaes. Alguns outros ainda, de relevo em nossa literatura, poderiam estar incluidos sem desdouro. O de Julia Lopes de Almeida, a notavel romancista brasileira, cujo nome subsistiria galhardamente num parallelo com a escriptora portuguesa Guiomar Torrezão,

fundadora do Almanach das Senhoras, que mereceu, «et pour cause», tão carinhósas referencias do diccionarista. No silencio do esquecimento ficaram tambem mergulhados os de Papi Junior, autor do Simas, Domingos Olympio, do Luzia Homem, e Alfredo Ladisláu, o fascinante paizagista amazonico da Terra Immatura, todos tres escriptores de raça, com o instincto da harmonia e da belleza. Compensadoramente, - e para o enlevo da nossa perenne saudade! - não foi olvidado Annibal Theophilo, o refulgurante artista patricio, nosso desditoso irmão em sonhos, que, com um só livro de versos-Rimas, nivelou o seu nome ás glorias poeticas maiores da nacionalidade. Mas assim como não deve merecer reparos a exclusão das figuras literarias de Medeiros e Albuquerque, João Ribeiro, Coelho Netto, Alberto Ramos, Ronald de Carvalho e Antonio Torres, que desappareceram quando o Diccionario devia estar no prélo, é de esperar que venha incluida, em sua proxima edição, a de Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, archeologo, epigraphista e numismata, nascido no Amazonas, em 12 de Novembro de 1858, e fallecido no Rio de Janeiro, em 5 de Fevereiro de 1931, autor do volumoso trabalho Inscripções e Tradições da America Prehistorica, especialmente do Brasil, mandado editar por deliberação do Congresso Nacional. Demonstrando erudição copiósa de archeologia classica, e, através da assyriologia e da egyptologia, fazendo profundas e aturadas investigações scientificas, essa obra estabeleceu inicialmente a thése de ter havido uma civilização precolombiana no continente americano, contemporanea da phase expansiva dos phenicios e dos gregos, outorgando ao seu autor, glorioso emulo de Champollion, os fóros de real e legitima competencia em taes estudos. Poderia o escrupuloso diccionarista, se quizesse, objectar-nos que Bernardo Ramos não era propriamente um homem de letras. Mas era, sem duvida alguma, na accepção rigorósa do vocabulo, um homem de sciencia, que procurou enriquecer o patrimonio intellectual do Brasil, e cujo nome não deslustraria as paginas do *Diccionario*.

Essas levissimas falhas, entretanto, em nada diminúem o merito da iniciativa consideravel do sr. Henrique Perdigão. E se ficam agui accentuadas, é por termos julgado que, predominando nella a biographia, não parecia justo excluir de nossas cogitações os factos e as circumstancias que contribuiram para o seu desenvolvimento. O retrato não é genero muito accessivel em literatura. Sainte-Beuve era de opinião que o critico biographo deveria realizar, por uma analyse sagaz e penetrante, o que o artista representaria divinamente sob a fórma de symbolo. Compara-o, por esse motivo, ao estatuario que, a seu modo, é um magnifico biographo, por ter a faculdade de fixar no marmore o momento em que o modelo se assemelha mais a si mesmo. A estatua, consoante

a lição do mestre dos Portraits Littéraires, terá que reproduzir o tupo objectivado, apenas com leves modificações nos estadios successivos de sua vida, como em uma série de baixos-relevos. Isso não significa que estejamos a exigir que o Diccioz nario, do sr. Henrique Perdigão, fôsse uma galeria de retratos, onde em cada um delles estivesse presente, através das inducções legitimas de uma critica que lhes estudasse e definisse as complexas modalidades, o espirito do escriptor. De modo nenhum. Desejariamos tão sómente que as variantes do seu genio, embora em conceitos breves, ahi sobresahissem, cultivados por uma critica de combinações lentas e meticulosas, susceptivel de lhes deixar em destaque os aspectos polymorphicos. Sem duvida alguma, a critica, assim, só poderia ser exercida pelo concurso e pela diversidade de pontos de vista de muitos criticos, da controversia de julgamento dos quaes resultaria, fatalmente, com exactidão e equilibrio, o julgamento verdadeiro. Sem presentir, todavia, a conveniencia desse processo de sentenciar, que talvez se lhe figurasse um depoimento negativo para a validade dos conceitos, o sr. Henrique Perdigão, receioso do esforço e do labor enorme que lhe adviriam de taes pesquisas. preferiu restringir a selecção dos valores que relaciona em seu Diccionario ao criterio de dois ou tres escriptores de sua predilecção, em detrimento dos arestos seguros de outros criticos e do juizo de diccionaristas e commentadores, sobejamente ver-

sados na materia, que lhe não subscreveriam, sem restriccões, as precipitadas assertivas. Um unico exemplo bastaria, por agora, para comprovar o quanto de verdade existe no que affirmamos. Tratando de Homero, que é o primeiro nome, em ordem chronologica, de que se occupa o Diccio= nario, o sr. Henrique Perdigão assevéra que «nada se sabe nem a respeito de sua vida nem mesmo sobre a sua patria». Ora, se consultarmos o Diction= naire Universel des Littératures, encontraremos annotação bem diversa no artigo nelle inserto (pagina 1024) sobre o legendario épico. Depois de agitar a guestão em torno da existencia do rhapsodo grego, o seu autor, Gustave Vapereau, reputado erudito francez, cujo parecer, até hoje, universalmente, faz autoridade em assumptos bibliographicos e em controversias historicas, apesar de já não corresponder a sua obra (edição de 1876), ás exigencias do espirito moderno, esclarece, circumstanciadamente, firmado em documentação probante, o que se tem por legitimo, após dezoito seculos de excavações historicas, no que diz respeito ao nascimento, á vida e á morte do cantor da Illiada e da *Odysséa*.

Na critica biographica, estudando a literatura e perfilando os homens de letras do nosso paiz, o diccionarista escolheu exclusivamente a Ronald de Carvalho para arbitro de suas decisões. A cada passo, quasi diriamos, de artigo para artigo, o nome aureolado do artista, do prosador e do critico brasileiro, é a formula coordenadora que arrima os seus conceitos. Ronald, de cuja perda recente o Brasil ainda não teve tempo de se conformar, foi, realmente, um raro, subtil e impressivo aferidor dos valores intellectuaes de nossa historia literaria. Não se póde, por isso, negar encomios á visualidade de quem, estribando-se na sua opinião. deseja estar apoiado em supportes firmes e resistentes. Mas é preciso considerar que outros historiographos notaveis dominam a nossa critica literaria e philosophica, e entre elles resalta, num plano de innegavel superioridade, a figura de Sylvio Romero, que mereceu, no Diccionario, um artigo de vigor inexcedivel, pelo colorido dos commentarios e pela justeza da analyse bio-bibliographica. Nada obstante, a sua autoridade de critico, de pensador e de philosopho, jámais foi invocada, em abono de qualquer julgamento posto em causa. como tambem foi esquecida e relegada a autoridade insuspeitavel de Agrippino Grieco, a maior expressão de cultura critica e literaria no continente, autor notabilissimo de varios volumes, dos quaes Evolução da Poesia Brasileira e Evolução da Prosa Brasileira seriam roteiros seguros, guias prestimosissimos para a fixação de typos indecisamente situados na historia de nossas letras. Por equal fórma, não se consultou nem se appellou para o espirito privilegiado de Tristão de Athayde, que nas cinco séries de seus Estudos, revela o panorama da literatura contemporanea do Brasil,

(de 1927 a 1931) e em toda a sua grande obra dá o exemplo de uma cultura sociologica e philoscphica ainda não ultrapassada nesta época. Nem sequer o seu nome foi lembrado, mesmo quando se evocou a personalidade de Affonso Arinos, em torno da qual a sua penna traçou a mais viva e interessante das monographias. (Affonso Arinos—Companhia Editora Nacional de S. Paulo).

Não é difficil observar-se, outrosim, que a bibliographia é elemento precipuo em quasi todos os artigos do Diccionario, com a declaração dos titulos das obras, do numero de suas edições, data das publicações, traducções que dellas se fizeram, e outras notas informativas, de caracter essencial para o perfeito acabamento do retrato. Ora, nestas condições, seria preferivel que o diccionarista, ao invés de transcrever os conceitos esparsos e fraamentarios de um ou dois criticos, fizesse a indicação, sobre cada figura, em notas elucidativas, no final dos artigos, dos autores e das obras que delle se occuparam. É o que o francez chama «la source bibliographique», indispensavel, a todos os respeitos, ao compulsador que, procurando fazer o estudo da obra, se detivesse mais demoradamente na investigação das correntes de idéas e das forças preponderantes que influiram na formação do escriptor.

Limitamo-nos apenas a suggerir, reconhecendo a hypothese quasi inaceitavel, de vez que, necessitando de um campo de pesquisas menos superficial e de travessia mais perigosa, e exorbitando desde logo dos planos da obra, refugiria á moldura exacta delineada pela experiencia e pela sabedoria do seu autor, nas paginas sensatas da introducção. O nosso fim, entretanto, examinando detidamente o trabalho do insigne letrado portuguez. não foi colligir defeitos, que não existem, a não ser, a rigor, o de haver enaltecido o nome obscuro do ensaista provinciano, sem a mais exigua parcella de autoridade, e que logrou a honra de varias vezes ser citado no Diccionario. Nem subrepticiamente fazer restriccões inadequadas, medindo a obra pelo estalão vulgar dos que deprimem e envilecem essa luminósa actividade da intelligencia-Antes, o nosso designio foi provar que por ella nos interessámos desde o primeiro instante, e, no seu contacto, não resistimos ao prazer de discutirlhe o espirito, dentro de seus objectivos e nos limites de sua orientação. Não poderiamos fazer mais bella homenagem á intelligencia e á cultura do conceituado polygrapho lusitano, sem alludir, demonstrando a sinceridade dos nossos elogios, aos seus peccadilhos veniaes.

É natural que, por um phenomeno constante, nas transições por que vae soffrendo, o *Diccionario Universal de Literatura* fique exposto a modificações não pequenas, como succede a qualquer trabalho da mesma indole e com identica organização. Provavelmente virão depois, pelo exame intrinseco e pelas observações mais prolongadas,

as contribuições que se integram no corpo de trabalhos analogos, os retoques imprescindiveis, as correcções inevitaveis, enxertando ou supprimindo no texto tudo o que houver de excessivo, de vago e de indeterminado, e lhe não seja compativel com a perfeita unidade de fórma, de estylo, de visão e de processos culturaes.

A qualquer aspecto, porém, o sr. Henrique Perdigão excedeu-se a si mesmo, conseguindo lançar os fundamentos de uma obra de immenso valor intellectual, que nos descortina, através de seus grandes homens, assim na evolução da historia literaria contemporanea, como no cyclo remoto das civilisações desapparecidas, o genio de uma raça e de um povo na inconsciencia creadora de suas forças collectivas.



## PERFIL DE UM ESCRIPTOR D'ANNUNZIANO

I

Antes de examinar a obra de um escriptor e de um estheta da alta linhagem espiritual de Jayme Cardoso, importa, inicialmente, discutir-lhe o coefficiente de sinceridade e os factores intellectuaes que contribuiram para a sua formação. Mas, no intuito de explicar os fundamentos de seu legitimo renome, torna-se imprescindivel fixar, tambem, na superioridade de suas attitudes de intelligencia, essa nobre figura de pensador moço, que tem o culto da lingua e do rythmo, e cuja vida se dilata num exclusivo sentido de belleza.

O autor de Essas Vidas Inquietas..., romance que foi para a minha emoção uma hora intensa de deslumbramento, é um prosador de élites, com o requinte do gosto e da cultura, indispensavel á realização das obras perfeitas. E' um escriptor que, insensivel ás fraquezas e á mesquinhez do ambiente social, fez da vida e do estudo um sacrosanto

apostolado. Com a vocação instinctiva de pensar, através dos relevos crustallinos do estulo, de onde fluem e refluem as claridades, os enthusiasmos, a exuberancia de sua imaginação de artista, transparece-lhe a faculdade typica de associar e dissociar repentinamente as idéas. Ao geito do autor do L'Immoraliste, multiplicando as emoções, consegue que o ruthmo da phrase não se restrinja ás formas exteriores, para ondular, insinuando-se por entre as curvas do pensamento, correlacionadas por um fio subtil, quasi imperceptivel. A pompa das imagens é o característico immanente do seu verbo peregrino. Mas é o prestigio das idéas que lhe empresta um valor mais significativo e permanente. Ama-se o artista por esse prodigioso excesso de colorido. Admira-se o pensador que sabe raciocinar com elevado descortino, e o escriptor que não lavra os seus periodos de oiro pela volupia de exprimir livremente o pensamento, senão pelo impulso irresistivel de um creador da belleza. Todavia, o que surprehende e magnetiza nessa obra notavel, é o equilibrio integral que nella existe entre a intelligencia e a sensibilidade. A sensibilidade de Jaume Cardoso! Não será esse o maior sortilegio de suas télas de colorista e de suas idéas de pensador? Todas as emoções lhe resultam da capacidade supersensivel de vêr e analysar; e as reacções particulares que lhe modificam o raciocinio e lhe fazem realcar os cambiantes do estylo, definindo-lhe a personalidade, se produzem

por effeito de uma repercussão prolongada. As tendencias que regem o seu espirito, o rythmo sensual que as domina, o seu modo de interpretar os sentimentos, a transcendencia de suas imagens, todas as vibrações da vida, em summa, que a sua prosa reverbéra, caracterizam a delicadeza e os refinamentos do artista.

Não é de hoje, attrahido por essas raras virtudes, tão esporadicas em nosso tempo, que eu admiro Jayme Cardoso, a sua intelligencia de incomparavel lucidez, a sua arte de nobre serenidade, seguindo, através dos livros e dos homens, os roteiros do escriptor, observando-lhe as sensações decorrentes do seu contacto com outras mentalidades, espreitando-lhe os rumos das idéas, adivinhando-lhe as influencias. No seu verdadeiro livro de estreia. - Fronde Inquieta, á meia sombra reveladora, nos devaneios da adolescencia, já se discerne e já nos impressionam os primeiros anseios inquietos do cutharedo. Depois, esta mesma sensibilidade é um impulso irrefreavel, tanto no ensaista, de exigente apuro vernaculo e de esquisito atticismo de expressão, dominando discrecionariamente o idioma, desobstruindo-lhe as difficuldades e manejando-o como poucos; quanto no critico, pesquisador infatigavel, de cultura fecunda e excepcional, autonomo nos seus arestos, que, via de regra, escapam ao convencionalismo das «claques» systematicas. As suas chronicas, dissipadas na imprensa quotidiana, se não exprimem, quasi sempre, confidencias intimas que denunciam o zelo de uma solitude contemplativa, fixam um momento de sua esthesía, indicam uma configuração original do seu pensamento, uma paizagem interior, um estado d'alma. Eu conheco, de Jayme Cardoso, certos estudos que, em volume, fariam a gloria de qualquer escriptor. Os seus retratos psychologicos não evocam apenas figuras conturbadas ao influxo de profundas diátheses moraes, mas, animados pelo enthusiasmo e pela vibração do artista, reflectem a convulsão de grandes e irremediaveis destinos. O de Clemenceau, por exemplo. No perfil singular do tempestuoso gigante de Grandeurs et Misères d'une Victoire, está a synthese de sua acção politica, de seus heroismos de homem e de patriota, o transumpto da energetica constructiva desse titan indomavel, que, já no limiar da morte, faz estarrecer o mundo com as ameacas e as ousadias de sua dialectica. Na collaboração esparsa pelos jornaes, existem ensaios notaveis que o calor de sua imaginativa inflammada redobra de vigor e de eloquencia. Um poeta de ante=hontem é um dos mais primorósos. Só um critico do porte de Lemaître, com aquella arte sensual de penetrar e excitar a sensibilidade das obras, teria recurso para focalizar, ainda uma vez, de maneira inédita, o espirito de Samain, as inquietudes de sua alma de poeta, a fatalidade do seu destino, a sua vida e a sua arte. innumeras vezes revolvidas em monographias insipidas e despiciendas, abarrotadas de annotações biographicas e bibliographicas, como a de Gohin, que não equivale a esse trecho isolado de emoção e de cultura. Em outro ensaio, não obstante estar convencido de que só a penna de Emil Ludwig, o monographista carluleano de Napoleão, Gœthe e Bismarck, se arrojaria a tentar a synthese da vida convulsionada do principe Von Bulow, em uma unica pagina definitiva, de visão larga e profunda— Germano e latino, Jaume Cardoso estereotupa os angulos e os polygonos rutilantes de sua existencia de estadista. Vivendo uma época de irreverencia e desencanto, nem por isso se confrangem as suas faculdades admirativas. Em outra pagina insigne, transluz a gloria de Malheiros Dias, considerado, no excesso de sua admiração irrestricta, o maior prosador vivo de Portugal, com grave injustiça, talvez, aos nomes de Laudelino de Figueiredo, o notavel polygrapho, creador de Cinzas do Tedio, e de Anthero de Figueiredo, o lapidario nervoso d'O Olhar de Jesus, dois escriptores que honram a literatura portugueza contemporanea. Ahi, commovidamente, elle recorda os brazões literarios do romancista d'A Paixão de Maria do Céo, e descreve-lhe a vida de incomprehensivel isolamento, na «teia indecisa de um spleen amarqurado». Com a mesma projecção fagulhante, nesse mesmo logar, destaca o vulto de Trindade Coelho, «filho dilecto de D'Annunzio e de Barrès», que o seu panegyrico consagra ardorosamente. Ironizando a inanidade da gloria posthuma, o scepticismo de Jayme

Cardoso, « que acha tudo indeciso em materia de conhecimento e que julga tudo improvavel em materia de esperanca», faz justica á obra de belleza de José de Alencar. A espiritualidade radiósa de Raul de Leoni, «filho legitimo de Athenas», é o leit-motiv de uma chronica delicadissima. De outra. - O Divino Imaginario, emerge, no esplendor de sua fascinação, a figura bizarra do poeta da Dansa das Horas. Celso Vieira, o esculptor do Endumião, quando do apparecimento de Anchieta, mereceulhe uma pagina impressiva, onde a harmonia das linhas se nivela á solidez da correcção plastica. Bilac resuscita em outra pagina, de turbida magia, onde Iaume Cardoso não dissimula a sua revolta contra os falsos numes e as mystificadoras consagrações. A proposito dos escriptores do norte, os seus conceitos, decorrentes da rebeldia de um espirito incapaz de transigencias, são repassados de travo: «O norte pensa melhor do que o sul. Pensa-se melhor na orla da floresta amazonica do que nos contra-fortes da Serra do Mar. Ao longo das pittorescas regiões em que se alastra o Brasil septentrional lateja todo um mundo á espera de melhores dias ». Affirmativas corajosas, o reverso da medalha de Cruz e Souza, que com a legenda «Brasil-Sul», inscripta no Missal, denunciava, já naquelles tempos remotissimos, a existencia de um preconceito absurdo, em detrimento daquelles que, sossobrados por estes longinquos e esquecidos barrancos, ainda se perdem em lucubrações mentaes. Saudando a

apparição do Fogo=Fatuo, em Terra de Chanaan, faz um epinicio ao prosador excelso de nossa lingua, e, talvez sem o sentir, nos entremostra o espelho de seus pendores de artista, de suas preferencias intellectuaes, ostentando o thesouro da propria cultura e as fontes nativas da propria sensibilidade.

Jaume Cardoso aborda com exito todos os generos literarios, e dos motivos sumbolicos de sua arte tira effeitos consideraveis. Ha chronicas, como aquella dos Sinos de Mafra, que valem por evocativas symphonias crepusculares. São incontaveis os seus ensaios sobre diversos assumptos de esthetica e de literatura, onde o critico e o imaginativo se equilibram e se fortalecem. Quando allude aos seus contemporaneos, observa-se que o escriptor está mais á vontade e mais satisfeito com as attitudes de sumpathia. Isso não significa, porém, que a sua penna, quando necessario, se abstenha de fazer restricções inflexiveis, que se transformam em summarias e inexoraveis execuções. Prefiro referir-me apenas aos elogios, que não desejo reaccender a furia de irritadas susceptibilidades. Mas onde iria eu, discriminando as perspectivas isoladas de sua obra literaria, se pretendesse commentar-lhe a complexidade dos aspectos? O essencial é affirmar, antes de qualquer juizo sobre o seu primeiro romance, que Jayme Cardoso, alma cosmopolita formou a sua mentalidade de escriptor, de artista e de critico, por um verdadeiro instincto de solidariedade humana, no contacto das almas e dos genios de todos os paizes, e no espectaculo de suas idéas, de suas artes e de suas letras. Fez um inquerito sobre o mundo de suas leituras, procurou deslindar a trama dos raciocinios abstractos e. dominado pelos enlevos da vida, nas ardencias da juventude magnifica, quiz vêr todos os continentes, quiz ler todos os livros e quiz sentir todos os fremitos da belleza. No convivio dos escriptores antigos e dos escriptores modernos fixou os alicerces de sua cultura, sem precisar de modificar a personalidade, nem deformar a sensibilidade original. Mas, ainda por instincto, por temperamento, por affinidades de raça, a sua alma inquieta foi alliciada para a fórma grave da intelligencia franceza. No seu demorado percurso estudando França, as phases evolutivas de sua literatura e de sua arte, surprehendeu todas as seducções do espirito gaulez. A faculdade de analyse subtil, o dom da synthese fulgurante, a nitidez da execução, o genio da invenção psychologica, a delicadeza da sensibilidade esthetica, a penetração, a medida, a clareza, o equilibrio. A curiosidade do pensador fez milagres na sua faina pesquisadora, ao mesmo tempo que a inquietação do artista «cherchait des parfums nouveaux, des fleurs plus larges, des plaisirs ineprouvés». Viveu na intimidade dos aédos que floresceram em todas as épocas da literatura franceza, e fez tudo para contagiar-se da expressão harmoniósa dos grandes mestres plasticos da lin-

qua. «A labareda doirada do genio francez» (a imagem é de Jayme Cardoso) resplandece, por entre a belleza da fórma e a belleza das idéas, em cada periodo ultra-colorido, na prosa desse fascinante ensorceleur. As suas preferencias são francezas, o seu gosto é francez, os seus conceitos literarios esclarecem-lhe subitamente a genese das idéas. Jayme Cardoso, aliás, não occulta essas predileccões, ostenta-as, pelo contrario, diffunde-as, orqulha-se até de possuí-las. Ama a Franca sobre todos os paizes, ama Paris sobre todas as capitaes. Analysando o livro de Léon Daudet, não tem limites a sua ternura: «em companhia de Daudet, eu percorri uma vez mais Paris, a bem amada, Paris, a santa, Paris, a peccadora, Paris, a heroica, Paris, a milagrosa - flôr mais pura da civilização latina, trevo de quatro folhas entre os trevos das grandes capitaes do mundo». Adduzindo commentarios ao problema das relações internacionaes, refere-se «Nossa Mãe França», numa exhortação vehemente: « que uma vez mais a victoria proteja a França, e uma vez mais, no ruthmo dos seus cantos e no esplendor das suas cidades, ella continúe a perturbar-nos deliciosa e maravilhosamente. com a alleluia da sua civilização, a vitalidade de seu progresso e o esplendor da sua felicidade.» Em outro artigo, sobre «A Emoção na Historia», allusivo á ultima obra de Camille Iullian, o cyclopeo constructor de L'Histoire de la Gaule, faz uma confissão decisiva: «Perante a historia de toda a civilização latina mantenhamos aquella attitude de respeito e culto a que obrigam os tabernaculos. Mas, perante o da terra franceza, em
particular, conservemo-nos tal qual nos approximassemos dos vasos sagrados, temendo o sacrilegio, amemo-la e sigamo-la». Que outras provas
seriam precisas para patentear-lhe o culto á cidade
bemdita que, como Athenas, foi «a metropole
eterna do espirito e da graça?».

Nesta hora em que o seu novo livro assignala um momento excepcional de nossas letras, excitando a colera modernista e desafiando a petulancia dos Pécuchets contemporaneos, louvemos sinceramente o idolo amado desse culto, que fez de Jayme Cardoso o artista maximo, o grande artista de sua geração.

II

Essas Vidas Inquietas são o milagre supremo do seu espirito de artista. A vida e o pensamento se uniram, se harmonizaram e se confundiram de tal fórma nesse livro de belleza, que dir-se-ia se terem congregado e solidarizado para uma demonstração expressiva das eminentes qualidades do escriptor. De pagina em pagina, o espectaculo do movimento e das sensações da vida se reproduz em gloriósos panoramas, em symphonias de côres, de perfumes, de vinhos e de crystaes. Pintor, é-lhe innato, como em Rembrandt, no dizer de Mauclair, aquelle dom de transformar a côr em linguagem ideologica e lurica, e de fazer evocar do colorido uma especie de calor surdo que penetra as almas, fascinando-as e abrazando-as. Cinzelador e ourives, o relevo brilhante do estulo lhe advem do cuidado meticuloso de retocar, polir e repolir as palavras, incrustadas no periodo com os requintes de um mestre da Renascença. Subarita da expressão de velludo e purpura, Jayme-Cardoso, que não dissimúla o seu horror sagrado ao «cliché», não tolera da mesma sorte, o vocabulo «cotonneux, filandreux et flasque», indice dos escrevinhadores de estulo «pantouflard», que os epigrammas de Wilde immortalizaram. Prefere-o no seu donaire captivante, esvelto, desenvolto, original, mas lhe não dispensa o luxo de severas credenciaes. Na sua prosa é de mister que o vocabulo seja de legitima linhagem, sem filiações espurias ou pudendas bastardias. E' assim o artista, que nos deslumbra no seu instincto creador, que transfigura a vida na volupia dionusiaca, no ruthmo sensual de um idullio pagão. Sobretudo, nesse livro de que poucos saberão apprehender as intenções, é a excepcional maturidade das idéas o que impressiona, desde logo, sabendo-se o escriptor, vibrante de forças e de mocidade, apenas no inicio de sua carreira.

Como a de Flaubert, sob o imperio da harmonia e da perfeição, a sua arte, que é um resplendor consecutivo, no romance, tem o poder de accelerar as crises, conturbar os transes, desencadear as paixões, num frenesi prolongado de extases e paroxysmos. A vida, para a sua visão de escriptor, é uma volupia indefinivel. Sente-se-lhe, descrevendo-a, a tensão nervósa dos periodos, contrahindo-se e retesando-se sob o impulso das emoções. Os seus heróes e as suas heroinas palpitam, frementes, deixando vêr os sentimentos interiores, que latejam á caricia espasmodica da carne e do peccado. Ha, por todo o livro, aquella « festa perpetua do espirito e do sentido», que Paul Souday descobriu na poesia d'annunziana.

Não é facil, porém, balancear-se, através de uma obra, as idéas mestras, as tendencias estheticas, os sentimentos moraes e as influencias que predominaram no espirito do seu autor. Taes influencias, no romance que nos preoccupa, se não parecem definitivas, são, pelo menos, indissimulaveis. Um escriptor da polpa de Jayme Cardoso, pela sua cultura universalista, pelas suas emoções, pela sua sensibilidade, sem de qualquer modo despersonalizar-se, estará, por isso mesmo, a ellas adstricto. Ha, no Prétextes, uma conferencia sobre a apologia da influencia, onde as idéas convencem pela agudeza e diaphaneidade. Gide affirma que temer as influencias e a ellas se subtrahir, importa, tacitamente, em confessar pobreza de alma. E explica que ellas agem por semelhança, como espelhos que nos mostrassem não o que já somos effectivamente, mas o que somos de um modo latente. Compara-as a certo principe, de uma peça de Maeterlinck, o qual vinha accordar princezas, em tudo identicas ás que vivem ignoradas e adormecidas em nós mesmos, á espera que um simples contacto ou uma simples palavra magica as despertem. A imagem é exactissima. Os livros que nos commovem são justamente os que reflectem as nossas idéas e a nossa sensibilidade; e as suas emoções perduram indefinidamente em nosso espirito, desapparecem por algum tempo, para repontarem depois, consciente ou inconscientemente, na hora creadora.

Dois grandes espiritos latinos, é irrecusavel, exerceram singular prestigio na evolução mental de Jayme Cardoso: Gabriel d'Annunzio e Remy de Gourmont. Não se póde, sem duvida alguma, estabelecer uma estreita correlação entre as estheticas, de tendencias e formulas differentes. desses dois prodigiósos mestres do estylo e do pensamento. Todavia, sob a inspiração da belleza e da vida, um rythmo sensual as domina. Em D'Annunzio, o surto esfuzilante das metaphoras, as concepções grandiósas, a sublimidade da imaginação, de asas desapoderadas, revolvendo as profundezas da alma humana, resultam de seu genio tumultuario. Em Gourmont, o vigor dialectico, a translucidez das idéas, a pureza da lingua, as fulgurações do estulo, -tudo procede do concerto da sensibilidade com o raciocinio. Em ambas, porém, a obsessão sensual é identica. Assim acontece na esthetica do escriptor patricio. Vejam-se as suas mulheres. São da raça d'annunziana. A lubrica Maria Clara, deliciósa na sua obstinação e nos seus impetos voluptuarios, se consegue refrear as arremettidas sensuaes do esculptor, não o faz por sentimentalismo, como Maria Ferres, uma das heroinas do Il Piacere. cumpre apenas uma promessa; e o seu espirito de renuncia e de sacrificio, lembra, vagamente, o de Silvia Settala, outra amorósa, que se estorce de angustia nos lances convulsivos da Gioconda. Apesar de não ter cedido, nem por isso se lhe póde negar, parallelamente, o seu parentesco com a Foscarina, do Il Fuoco, essa magnetizante creatura «avvelenata d'arte, carica de sapere voluttuoso, col gusto della corruzione nella bocca eloquente ». A formósa e superexcitante Maria Helena não esconde, psychologicamente, as suas affinidades com diversos tupos d'annunzianos. O seu temperamento tem qualquer coisa dos ardores lascivos de Helena Muti, da luxuria sadica de Isabella Inghirame, do Forse che si forse che no, ou do desvairo sensual de Ippolita Sanzio, do Trionfo della morte. Assim os seus heróes. O esculptor Mario - « sensibilidade esthetica de perdulario encaminhada no sentido epicurista da vida sem preoccupações » — é da genealogia d'annunziana. O voluptuoso Alberto Freixal -- « que possuira todas as mulheres que desejára sem dar a uma unica as prerogativas do amôr» -- pertence á linhagem de Stellio Effrena e

do conde Andrea Sperelli Fieschi d'Ugenta. Tem-se a impressão, ao contacto das personagens de Essas Vidas Inquietas, que, indiscutivelmente, as semelhancas existem, mas a arte milagrósa de Jayme Cardoso fê-las, apesar de tudo, originaes e humanas, com psychologicas proprias, talhadas directamente do modelo da vida. Da mesma sorte, os seus ambientes fescenninos, os seus paineis incendidos, os seus decorativos scenarios, os seus fris= sons de artista creador. Reflecte um bello momento de sua arte de colorista aquella scena do banho no mar: «Rasgaram finalmente a cêra lustrosa das aguas. As ondas, em jactos, fraldejavam regaços frouxos de espuma no rebate liquido do ar e multiplicando metalicamente o fluxo sonoro dos ruidos cerziam de uma gaze leve e de uma transpiração incandescente a pelucia da baía arabescada, sobre o azul, de formilhamentos cálidos de prata. E dentro das ondas, como se bailassem dentro da inspiração sonambula de um escultor divino, aquelles tres corpos sujeitavam-se ás mais extraordinarias reproduções dinamicamente quardadas e desfeitas no choque destruidor das aguas. Mario, torcionado em agilidades de impetuoso acrobatismo, deslumbrava-as: Maria Clara via nelle uma escultura em febre, Helena um corpo que conhecia-e sentira no seu corpo, intimamente. Enfadavam-se, como rivaes. Desejavam que uma desapparecesse na concha duma onda mais forte-e, logo a seguir, davam-se as mãos, voavam conjuntamente descrevendo na crueza ácida da luz tons brancos de pássaros, nadando. Helena aproximara-se de Mario e em longos mergulhos parecia beber passageiras gotas de volúpia. Deslizavam na cumplicidade invisivel de pequenos contactos... e eram quédas provocadas por desequilibrios em cuja risonha confusão Maria Clara, todos percebiam estratagemas lúbricos de gôzo».

Não será preciso insistir, transcrevendo outros topicos extrahidos, ao acaso, do romance, para demonstrar que as sensações visuaes e auditivas do artista trazem a « empreinte » do genio d'annunziano.

Mas o indice luminoso de sua obra é a sensibilidade. Todas as suas idéas originam-se de uma sensação. Dahí, as affinidades intímas com Remu de Gourmont. De facto, não é outro o prestigio do pensamento desse insoffrido cacador de emoções, seja na sua obra de ficção, onde as personagens não parecem accionadas por força motriz differente; seja na obra de critica, em que, por exigencias do temperamento, o julgador experimenta a necessidade permanente de estabelecer o criterio da sensação nos seus arestos, excluido qualquer outro arbitrio para determinar o valor de um trabalho; ou seja, ainda, através dos problemas de esthetica e de linguistica, que tanto absorveram o espirito desse insatisfeito revelador dos mysterios e encantações do seu idioma. Em Essas Vidas Inquietas, livro que incita a viver e faz amar a vida, estão patentes as vibrações da sensibilidade

qourmontiana. Essa mesma sensibilidade, que não differencia a emoção esthetica da emoção sensual, serviu, tambem, de formula ao romance L'Art d'Aimer, lidimo breviario do amôr sensual das idéas, no qual Jean de Gourmont, que foi uma empolgante e mallograda vocação de escriptor, pretende illustrar as theorias e as doutrinas do seu irmão genial. Remu considera a belleza de tal modo sexual, que, para a sua visualidade de critico, a legitima obra de arte será sómente aquella que exhiba, em nudez absoluta, o corpo humano. Por esse motivo, não comprehende a arte sem o amôr. que é a sua unica razão de ser. « A arte é cumplice do amôr, está escripto no Le Chemin de Velours, e desde que se exclúa o amôr, desapparece a arte, da mesma fórma que se fôr excluida a arte, o amôr não passa de um imperativo physiologico ». No Sixtine, romance da vida cerebral, existe uma personagem que, sobre as reminiscencias de um extase esthetico, cria um novo romance, evocando as horas carnaes, as horas de volupia delirante que teve com uma estatua. Nas Lettres d'un Sature, firma o conceito de que as antennas da volupia são as mesmas da intelligencia. O cerebro e o instincto genesico de Antiphilos, «symbolo da revolta contra a esterilidade das sciencias», não se exaltam apenas á visão lubrica da nudez de Cydalisa. O seu espirito, sobretudo, dilata-se e desabrocha sob as frementes impulsões da carne, « A belleza do amôr é ser profundamente animal».

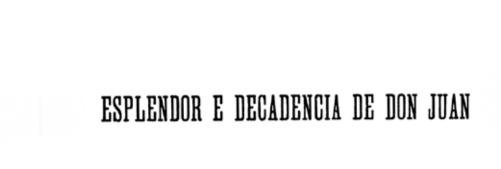
eis um axioma do *Physique de l'Amour*. Dentro do livro *Culture des Idées*, o seu pensamento é mais claro e mais explicito: «A idéa da belleza não é uma idéa pura: está intimanente unida á idéa de um prazer carnal».

Esse mesmo rythmo da sensualidade gourmontiana cadencía todas as scenas e anima todas as personagens do Essas Vidas Inquietas. Maria Clara, deliciosamente intellectualizada, tem nas veias o sangue estuoso de Néobele, dos Chevaux de Diomèdes. Helena, incapaz de qualquer esforço de abstracção, creatura violenta e impulsiva, consciente de seus impudores e de sua belleza, a trescalante Helena, que é uma dessas mulheres, « que odeiam o raciocinio como as flôres odeiam um sol excessivo», está impregnada da lascivia inebriante de Claude de la Tour e de Anna des Loges, do Songe d'une Femme. Nos lances maiores do romance de Jaume Cardoso, a emoção sensual predomina, estabelecendo a paridade das duas estheticas. Nesse livro, porém, que se lê com todos os sentidos, em um instante de sobrehumana belleza. taes suggestões nada mais representam do que os dunamos propulsores de uma intelligencia, susceptivel de realizar os mais desnorteantes prodigios.

Essas Vidas Inquietas traduzem o talento do escriptor, no apogeu da força e da vitalidade. Talvez que a sua imaginação se tenha inspirado e embevecido em demasía nas telas de outras épocas, nos exemplos de outras civilizações,

no culto de uma vida estranha, em tudo differente da nossa. Embora! Será, se guizerem, um homem de hontem, mas um homem cujo espirito vislumbra horizontes indescortinados e tem a previsão divinatoria do amanhã. Aliás, já se disse, com muito acerto, que, algumas vezes, uma idéa perdida na antiquidade se torna o alicerce de um monumento immortal. De qualquer fórma, o pensamento, as idéas e as directrizes estheticas de Jayme Cardoso são expressões vivas dos tempos modernos, reflectem a cultura contemporanea, evidenciando-lhe o esplendor e a potencialidade do espirito. O seu livro, dos mais notaveis e dos de mais alta resonancia no actual momento literario brasileiro, poderá suscitar os mais singulares e disparatados julgamentos. A meu entender, é o brazão mais heraldico do seu armorial de artista.

1930.



## ESPLENDOR E DECADENCIA DE DON JUAN

Abre um dos ultimos livros de Ioão Grave -O Amôr e o Destino, uma novella consagrada a Don Juan Tenorio. O escriptor luso, que foi dos maiores romancistas da moderna geração portuqueza, não viu por onde se pudésse tratar de tão nobre assumpto, sem alludir, preliminarmente, á figura dominadora desse homem, que outra coisa não fez na vida senão amar todas as mulheres, desarvorando destinos e corações. Os que perlustraram a obra do grande prosador peninsular não lhe desconhecem os recursos inexpottaveis da fantasia. Ainda assim, desviando-a para os atalhos que levam aos beijos fementidos dessa trefega Melusina, que é a lenda do Cavalleiro Andante das Paixões, onde se frustraram, mallogrados, tantos versos ardentes e innumeraveis paginas de arte, a propria fantasia fica exposta a inevitaveis ciladas, capazes de esmaecer-lhe as refulgencias. Para tentar a resurreição, ainda hoje, seja como fôr, no romance ou na comedia, no poema ou na novella, no drama ou na tragedia, da figura do irresistivel Seductor, sem repetir-lhe, novamente, a vida e as facanhas, por demais conhecidas, é de mister haver emprehendido uma viagem por entre os livros de todas as literaturas, no intuito de distinguir-lhe, nas infinitas modalidades de sua estructura psychologica, precisamente aquella que ainda não foi vislumbrada pela imaginativa dos escriptores e pela visão dos criticos que delle se occuparam. Porque Don Juan, «como um deus da India, passou através de um mundo de encarnações, de patrias e de destinos successivos . Em analyses diversas e profundas, reflectindo temperamentos e raças differentes, já foram varejados os latibulos da alma complexa desse conquistador e idealista, que a tradição nos representa como um sanguinario espadachim, desbaratando honrarias e preconceitos, nas suas incursões diabolicas. Don Juan, póde-se affirmar, é uma personagem classica de lenda, que, no decorrer dos seculos, attentando na fatal evolução do seu caracter e nas transformações de sua physionomia moral, a propria lenda desnatura e corrompe. Dá-lhe prestigio, de comeco, envolvendo-o em um halo radioso de belleza, que é como a projecção de sua vida de pagão lyrico - inquietante polygamo, sensualizado ás manifestações da carne e da volupia, eternamente illudido na chimera de pretender achar o infinito no amôr terreno. Depois, de variante em variante, no curso de numerosas transmutações, como para tirar effeito desse contraste ou desse paradoxo, desvirtua-o, desmoraliza-o, arranca-lhe os ouropeis, despojando-o dos attributos romanescos que lhe foram os gloriósos trophéos.

A vida de Don Juan Tenorio y Salazar, conde de Maraña e senhor d'Albarren, como a de todo heróe de lenda, teve as suas vantagens e desvantagens, os seus triumphos e as suas derrotas, o seu grande esplendor e o seu declinio. Os feitos innominaveis, as emboscadas, os desafios, os duellos, os amôres e as perfidias do fascinante galanteador, foram os motivos de uma literatura inteira. Cinzelaram-se poemas; conceberam-se dramalhões tetricos, de capa e espada; correram mundo, torpemente affrontósos á moral e ás bôas letras, os romances genero Escrich, dos quaes sobresáe, pela sua intrincada urdidura, o Don Juan Tenorio, de Fernandez y Gonzalez. A comedia antiga foi buscar interesse, movimento e sensação, reproduzindo-lhe a historia salpicada de lama e tarjada de sanque. Celebrizaram-lhe as mulheres e o escudeiro. Sganarello, sem a sombra de Don Juan, seria um symbolo desvitalizado. Ninguem saberia de suas covardias e de suas baixezas, que ficariam no nivel commum das baixezas e das covardias contemporaneas. Toda a formosura moral de Doña Ines não teria realce, sem esse impeto de paixão, que a leva, de rojo, para os braços conspurcadores do bem-amado. Da lenda tentadora nada ficou por desbravar. Don Juan foi o alvo predilecto da imaginação dos poetas e prosadores de todas as nacionalidades. Esse homem, dotado do genio da seducção, talvez, jámais tivesse pensado que, depois de sua morte, á porfia, fôsse disputada a gloria de visionar-lhe a figura legendaria. Fizeram-lhe diagnóses para o espirito morbido, estudando-lhe, de conjuncto, o instincto, a educação sensual, a esthetica fescennina, com um louvor vehemente ás correcções plasticas de seu corpo de Apollo de Belvedère. Era o archétupo do encantador, no apogeu da masculinidade e da força, da dominação e da belleza. Grandes paginas da literatura universal são devidas ao influxo do «sombrio heróe». Transportaram-no para a nossa época. A sua vida foi o espelho do donjuanismo moderno, que não era apenas a expressão reflectida de seu feitio libertino, como entendiam certos moralistas desavisados. Mas o Don Juan, consoante o retrato de Marcel Barrière (L'Art des Passions), que participasse, essencialmente, de tres naturezas do homem: o conquistador, o artista e o philosopho, ou, em outros termos, o homem de acção, o homem de gosto e o pensador. Celebrando-lhe a fama os poetas e os artistas emprestam a maravilha de seus versos á obscura chronica castelhana. Tirso de Molina, no El Bur= lador de Sevilla y Combibado de piedra, dá-nos a primeira variante da lenda -- um Don Juan sacrilego, depravado e bravateiro, decalcado posteriormente por Molière, que, na sua comedia, lhe fixa os traços definitivos do caracter, ostentando-lhe a impiedade, a insolencia, a ingratidão e a hypocrisia. O classico francez, procurando interceptar quaesquer outras irradiações, epilóga o seu drama com a morte de Don Juan, fulminado pelas iras do céo, sob a crispação das apostrophes de Sganarello, que sorri satisfeito, bemdizendo a punição tremenda. Byron, nos dezeseis cantos do seu poema, amplia e pormenoriza a sua vida amorosa, desnudando-lhe as paixões e os avatares, desde as primeiras inclinações do adolescente, quando escapa á furia de um fidalgo truculento e cornifero - « el señor don Alfonso»—, escondido em baixo do proprio leito da adultera. Zorrilla, vertido em lingua portugueza nos lindos versos de Julio Dantas, e depois interpretado na sua essencia philosophica-religiosa, por César Camargo y Marin (Un Triptico sobre Don Juan), reproduz os mesmos episodios das lendas primitivas, alterando-a, porém, na scena final. Don Juan vae ao cemiterio dos Tenorios retribuir a visita que lhe fizera a estatua de Don Gonçalo, uma das victimas de sua atrocidade. No camposanto, sob a vingança implacavel do Commendador, é condemnado a morrer, assistindo, ainda em vida, ao seu proprio enterro. Salva-o, nessa conjunctura, o amôr de Ignez. A estatua da infortunada amorosa estremece e fala, quando cingida pelos braços súpplices do peccador, dizendo-lhe que Deus o perdoara, para unir-lhes as almas como lhes unira a vida, porque «Deus ouve sempre as mulheres que muito amaram no mundo». Todavia, na comedia de Zorrilla, através da pureza dos versos do poeta do Nada, o que mais impressiona é o episodio, sinistramente hediondo, da aposta feita entre Don Juan—«le plus grand scélerat que la terre ait jamais porté»—(a classificação é de Sganarello), e Luiz Mejia, outro façanhudo birbante, da craveira moral de seu adversario. Saint-Victor, contornando Molière, quando allude ao Don Juan, de Tirso de Molina, define-o assim, na coruscação do seu estulo esbrazeado: «O Don Juan espanhol é um peccador, no sentido catholico do vocabulo, mas não é um impio. A reflexão nunca se fixou em seu espirito feroz e versatil. E' a sensualidade que se fez homem. A embriaguez do sangue, a victoria da carne, o animal instinctivo e espontaneo do meio dia, no seu ardor indominavel. Dá-se apenas ao trabalho de tentar as mulheres, atacando-as como a uma presa. As suas conquistas assemelham-se a estupros. Ouve-se, a cada instante, no drama, o grito de nymphas violadas por um saturo, nos desvãos de um bosque. Tudo marcha vertiginosamente nessa natureza inflammada: o amôr, o desejo, o esquecimento e a colera. Em um dia só, elle consome mais sensações do que as necessarias a um homem do norte para alimentar sua vida inteira». Este retrato, tracejado a chispas, valeria, por mais cem annos, sobre tudo o que se póssa escrever em torno da singular configuração desse temperamento de homem e dessa alma de cannibal. Mas os poetas consequem velar-lhe as sinuosidades da estructura moral, e fazem-no viver nos seus poemas com um traço inesperado de nobreza e superioridade, descobrindo no Seductor um legitimo « artiste ès passions », que sabia animar os seus madrigaes com a mesma intelligencia artistica, o mesmo enlevo affectivo, a mesma sinceridade de emoção com que lhes brotavam do genio creador as estrophes delirantes. Musset e Théophile Gautier tentaram, assim, imprimir uma feição inédita á figura do « summus artifex » das amorósas seduzidas e abandonadas.

O Don Juan, de Junqueiro, por sua vez, assignala uma época na lenda do fatal galanteador.

Baudelaire, em *Don Juan aux enfers*, vinte versos immortaes das *Flôres do Mal*, que por ahi circulam traduzidos e interpretados por bons e por maus poetas, revela ainda uma singular variante da lenda, na qual «sobre a chamma sombria das abobadas infernaes», o artista peregrino de *Émaux et Camées* divisou «um painel de grandeza tragica, em colorido sóbrio e magistral». (Théophile Gautier (Prefacio de *Les Fleurs du Mal*). Baudelaire concebe Don Juan descendo aos infernos, sob a maldição de suas victimas, tendo a acompanhá-lo, no declive tragico, a sombra de Elvira, que lhe supplica um supremo sorriso «onde brilhasse a doçura do seu primeiro juramento».

Ha no Verão, de Martins Fontes, o refulgurante poeta nosso, um soneto incomparavel: Don Juan e as mulheres que elle amou. É o seu julgamento perante Deus, ao clamor das creanças infelicitadas

por sua maldade, dos orphãos reduzidos á penuria. que o condemnam ao castigo do remorso eterno, por entre as labaredas infernaes. Não se arrepende o formoso rebellado, que enfrenta as creaturas sacrificadas ás suas paixões, sorrindo e blasphemando. Novamente, como na scena do cemiterio dos Tenorios, as mulheres interferem em seu amparo, exorando ao Senhor que perdôe ao Poeta maldito, que ellas tambem, sendo a encarnação da graça e da belleza, tinham perdoado a Don Juan, porque «na vida impura, só podiam amar aquem as fizesse soffrer». Oscar Lopes, em conferencia que é um primor de plasticidade e elegancia vernacula, desdobra a lenda donjuanesca, esmaltando-a com a malicia do seu commentario. Ahi, de pagina em pagina, sente-se-lhe a vida perturbada e perturbadora, até á tristeza do seu ultimo lance - já enclausurado num convento, por ter revestido o burel de benedictino, para a absolvição dos seus peccados. quando a morte o arrebata, já prompto o seu epitaphio, dictado por elle proprio, e inscripto na sua sepultura, em Sevilha, á margem do Guadalquivir: «Aqui jazem a cinza e os ossos do peior homem que já houve no mundo». A Coelho Netto deve, tambem, a lenda de Don Juan, uma prodigiosa pagina de arte («Don Juan de Maraña» — A bico de penna). Na prosa peregrina do escriptor brasileiro quasi que se não descobrem mais os vestigios da lenda, já passada pelo crivo de tantas outras imaginativas. Tendo-se inspirado na reminiscencia de uma leitura de Merimée, a propria pagina do escriptor francez lhe não resistiria ao confronto, tal a modelação sumptuosa do seu estulo. No portico da novella, está a descripção do tumulo de Don Juan, não á margem do Guadalquivir, mas no limiar da Egreja da Caridade, em Sevilha, com o seu epitaphio no original: «Aqui yace el peor ombre que fue en el mundo». Depois, sob a lucilação dos periodos esculpturaes, a chronica das proezas de Don Carlos, pae de Don Juan, campeador da linhagem nobre dos Marañas, até á realização do seu casamento, já enfarado das aventuras guerreiras, com uma dama sevilhana de velha nobreza, « mais branca do que as imagens de seu oratorio». Vem, em seguida, o memorial da vida de Don Juan. O seu baptismo, o inicio de seus estudos, as suas estroinices quando estudante na Universidade de Salamanca, desviando-se, a horas altas da noite, pelos lupanares, audaz e temeroso, e pelas serenatas trovadorescas, enxovalhando virgens e prostituindo esposas timidas e castas. Nada amainava a lascivia desse «jeune roi de la concupiscence». Certa vez, na irreverencia sacrilega de um delirio sensual, como um logico remate á serie de infamias que commettera, desafia o proprio Deus, tentando ultrajar-lhe uma serva ingenua e pura. Das peripecias desse rapto, tramado com alicantina e perfidia, que teve um desfecho fantastico - Don Juan presenciando espavorido, o seu enterro, perseguido pelas sombras das victimas immoladas á sua ferocidade, — imaginou Coelho Netto uma assombrosa téla de colorido hoffmaniano.

A lenda donjuanesca, por essa fórma, decantada em prosa e verso por uma legião de escriptores e poetas, attinge o seu maximo fastigio. Depois... É a hora do declinio. A lenda, de tanto revolvida e desbastada, começa a desmerecer, perde o conceito, diminúe-se, despe-se do fulgor de seus attrativos immanentes. A ninguem mais commovia a historia do arrojado fidalgo, que fizera tremer de pavor Sevilha e Salamanca. Era preciso, entretanto, que a lenda, com a sua procissão de sumbolos anachronicos, não succumbisse de exinanição. Don Juan tinha que viver, embora com o sacrificio de Don Juan. Que importava que a sua mascara fôsse outra, que lhe mutilassem a formosura apollinea, corrompendo-lhe o fluido seductor, se o desbarato redundava ainda em proveito da lenda, a unica a lucrar na transição dolorosa? Os poetas não hesitaram e tiveram a cumplicidade dos artistas. O Don Juan, de Jean Roc, -poemas em prosa, de rara virtuosidade versificadora --, é como que o inicio da vindicta contemporanea. O seu typo galhardo começa a passar pelas forcas caudinas da mystificação. Vêmo-lo bisonho, desconfiado de sua nova indumentaria, inoffensivo, quasi annullado. É um Don Juan honesto e inhabil, fugindo aos perigos, cumpridor de deveres, detestando a farra e a impiedade. Apenas continúa insaciavelmente

amoroso, mas o seu amôr é uma fórma lyrica do desejo. Não tem fremitos, nem violencias. paginas de Roc deixam a convencida impressão de que, em cada um de nós, ha um pouco dos desejos e das paixões de seu heróe, de suas fraquezas, de seus temores, de suas puerilidades. Rostand, logo depois, por entre a filigrana dos versos de La dernière nuit de Don Juan, desmoraliza-o ainda mais. É profunda a sua inverosimilhança. Don Juan, ahi, é apenas uma lembrança vaga do heróe legendario, despojado de todos os lauréis que lhe corôaram a fronte, em successivas transfigurações. É um Don Juan innócuo e desencantado, que se deforma de estancia a estancia, reduzindo-se a um fantóche, de movimentos automaticos, indesejavel para o proprio Diabo, que não o quer no seu inferno. O poeta do Cyrano submette-o a todas as humilhações, até obrigá-lo a descer da allegoria e da tragedia, para cahir nas facécias do comico e do burlesco. Henry Bataille, divorciando-se inteiramente da lenda, completa essa obra escarninha de demolição. Todo o talento do comediographo, que, no L'Homme à la rose, consoante a sua propria affirmativa, se divertiu a gravar uma aqua-forte, esteve ao servico da genial caricatura. De scena para scena, sentimos-lhe o desprestigio e a decadencia. Bataille, magistralmente, aliás, concebe a figura de um Don Juan «raté», um requestador velhusco e inerme, especie de Chantecler castrado, que passa despercebido e sob o motejo das mulheres que mais o amaram. Não obstante, creando para a arte a sua personagem, ás avessas da lenda, Bataille excedeu-se na perfeição dos contornos, e traçou-a com a segurança e a omnipotencia dos creadores de obras-primas. Na sua comedia, todas as linhas constructivas da figura do heróe são rigorosamente acabadas. A Morte procura Don Juan, mostrando-lhe as illusões da vida, mas encontra-o estarrecido. O Lazaro. resuscitado, asphixia e quer voltar á tumba, porque a Vida o desvaira. É uma renuncia integral de todo o seu orgulho de homem e de macho. Desce, acocóra-se, acovarda-se. Os seus derradeiros amôres são os amôres mercenarios da creada da taverna, a fogosa Pepilla, que, exhibindo-lhe a carne moça, tarifa o preço da volupia, e, por piedade, concede um abatimento... Misérrimo Don Juan!

Mas João Grave, creando o seu Don Juan Tenorio, d'O Amôr e o Destino, não foi tão inflexivel para a lenda desmoralizada do fascinador impenitente, que, na sua novella, já não consegue seduzir, sendo, todavia, attrahido ainda uma vez—a ultima!— para o amôr. A mulher, porém, que o captiva, sensualizando-o, accendendo-lhe as velhas luxurias de fauno desenervado, é o fantasma da Morte, no seu estrambotismo allucinante. O peccador transido, banhado em lagrimas, fóge para a egreja mais proxima, indo buscar, de joelhos, no silencio das naves e no olhar indulgente das imagens, o consolo para os seus remorsos e o perdão para os seus peccados.

## ELOGIO DE UMA INTELLIGENCIA

## ELOGIO DE UMA INTELLIGENCIA

José Maria de Heredia tinha na sua vida literaria, antes do apparecimento dos Trophéos, a originalidade de ser, simultaneamente, na época em que floresceu, quasi inédito e quasi celebre. O fixador deste reparo, Jules Lemaître, que não pudera refugir á fascinação do nome resonante e da arte admiravel desse todo-poderoso evocador das edades heroicas, contornando-lhe a obra e os symbolos luminósos, refere um episodio dos seus annos de adolescencia. No collegio, quando ainda estudava a historia da literatura franceza, verificou que, entre os aédos da «Pleiade», a figura de Ponthus de Thyard, mais do que a de seus companheiros de gloria, exercera singular influencia sobre o seu espirito. O impressionista dos Contemporains acreditava que o portador desse nome gentil, de tão captivante sonoridade, devia ser um authentico sacerdote de Mnemósina, vivendo na companhia dos deuses, como um fauno amoroso, fecundando scentelhas e maravilhas. Um dia, fortuita-

crepanti», admiram e exaltam. Vivendo emparedado na provincia, sentindo e desprezando aquelle «surdo, obnóxio rancor da mediania contra as intelligencias superiores», para aproveitar-me de um de seus proprios conceitos, exarado em pagina lapidar, indifferente ás tentações do cabotinismo, fazendo da vida uma sunthese de energias e de vontade, esse joven e cavalheiresco campeador das idéas, por determinação imperiósa de um fatalismo psuchico, prefere ficar á sombra, abandonando as paginas immortaes de arte e de cultura que, perdulariamente, tem dispersado pelos jornaes, e conservando inédita a obra volumósa, de profunda finalidade social, que bastaria para reflectir-lhe a disciplina de sensibilidade e de razão que lhe coordena o pensamento. Ainda no esplendor da juventude, poderia ter dez livros, se assim o entendesse, e, devéras, estivesse persuadido de que a grandeza numerica das bibliographias é o indice do merecimento do escriptor. Porque, em realidade, não se póde acompanhar-lhe os movimentos e os itinerarios mentaes nos sectores, nas zonas e nos continentes por onde se espraiam as suas idéas e sentimentos, sem um penetrante instincto metaphysico. Não sei, em toda a Amazonia, de outra intelligencia, com esse poder animador e suggestivo, que tenha, através dos problemas contemporaneos, estudado as inquietações moraes e as aspirações intellectuaes de sua geração. Não sei de outro espirito, com egual capacidade de depuração meditativa,

crepanti», admiram e exaltam. Vivendo emparedado na provincia, sentindo e desprezando aquelle «surdo, obnóxio rancor da mediania contra as intelligencias superiores», para aproveitar-me de um de seus proprios conceitos, exarado em pagina lapidar, indifferente ás tentações do cabotinismo, fazendo da vida uma synthese de energias e de vontade, esse joven e cavalheiresco campeador das idéas, por determinação imperiósa de um fatalismo psuchico, prefere ficar á sombra, abandonando as paginas immortaes de arte e de cultura que, perdulariamente, tem dispersado pelos jornaes, e conservando inédita a obra volumósa, de profunda finalidade social, que bastaria para reflectir-lhe a disciplina de sensibilidade e de razão que lhe coordena o pensamento. Ainda no esplendor da juventude, poderia ter dez livros, se assim o entendesse, e, devéras, estivesse persuadido de que a grandeza numerica das bibliographias é o indice do merecimento do escriptor. Porque, em realidade, não se póde acompanhar-lhe os movimentos e os itinerarios mentaes nos sectores, nas zonas e nos continentes por onde se espraiam as suas idéas e sentimentos, sem um penetrante instincto metaphysico. Não sei, em toda a Amazonia, de outra intelligencia, com esse poder animador e suggestivo, que tenha, através dos problemas contemporaneos, estudado as inquietações moraes e as aspirações intellectuaes de sua geração. Não sei de outro espirito, com equal capacidade de depuração meditativa,

possuindo, a um tempo, o descortino doutrinario do sociologo, a intuição do philosopho e a clareza expositiva do escriptor, mas o escriptor que, antes de tudo, conhece a sua lingua e sabe manejá-la com elegancia e mestría.

É um prazer rememorarem-se os estadios de sua intelligencia, analysando-lhe as metamorphoses das etapas evolutivas. O adolescente, cuja existencia mal se esbocava, e cujo espirito apenas refloria, por entre devaneios e fremitos, começa a receber as primeiras impressões fugitivas dos homens e das cousas, no contacto dos livros e das idéas. Dominado por insaciavel curiosidade, os seus anseios parecem traduzir as inquietudes da alma contemporanea. Depois, como um barco desarvorado, já singrando para os vagalhões do alto mar da vida, empolgado pelo ardente de uma concepção nova de arte, de accôrdo com as exigencias do seu temperamento, vae procurar na approximação intima de outras intelligencias e de outras sensibilidades, a seiva espiritual de sua cultura. Mas a paixão da belleza é a alegria creadora, o permanente enlevo que lhe absorve todos os sentidos. O seu sensualismo imaginativo extasia-se com as visões e as allegorias do passado. Foi helleno. Foi romano. Devota-se, de corpo e alma, ao mytho antigo e á historia greco-romana, fonte nutriz do lyrismo, das tragedias e da eloquencia. Os seus olhos deslumbrados assistem ao desfile maravilhoso dos deuses e dos heróes. Intentando comprehender a inspiração das obras-primas da antiguidade, que resistiram á devastação e á poeira dos seculos, o seu espirito penetra o genio do paganismo, revolve a cinza das edades classicas e esfalfa-se por descobrir o mysterio das velhas cosmogonias, reconstituindo, pelo estudo e pela obstinação, as fontes eternas da arte e da vida. Taine, com a visão prophetica de um predestinado, revive-lhe as grandiosidades da civilimostra-lhe os genios zacão hellenica. Leconte gregos, de Eschylo a Euripedes. Com Chateaubriand, no dealbar do Romantismo, esmerilha as magnificencias do Christianismo. São-lhe uma festa para a intelligencia os surtos de Hugo e os lampejos imaginativos de Michelet. Lendo Flaubert, estonteado pela magia do estylo e da fórma desse «exacto calculador de rythmos e de syntaxes», avalia o martyriologio do artista, as torturas inquisitoriaes a que se submette para attingir os requintes da perfeição. Em companhia de Sainte-Beuve, aferindo o valor das idéas, aprende a raciocinar e contempla a amplidão dos horizontes da critica. Gautier, com as facetas plasticas de sua arte de escrever, é o paradigma preferido para as suas primeiras tentativas literarias. O seu maior prazer intellectual consistia, por essa época, em resuscitar o esplendor das edades remotas, num desejo sensual e immoderado de senti-las e comprehendê-las. Mais tarde, como por uma fatalidade inconsciente e dominadora, o seu espirito busca evadir-se para outros climas intellectuaes, e o artista cria para si uma atmosphera de belleza, e experimenta a necessidade de perscrutar as inquietações da alma moderna. Indefinivel sensação! Domina-o a morbidez espiritualizante da arte de Wilde. Estuda-lhe o caracter esthetico e sumbolico do genio, por entre as configurações moraes e artisticas de sua obra. Vem dahi essa pagina admiravel -«O vicio de Oscar Wilde»-, um dos trabalhos mais impressivos que ainda se escreveram sobre o singular estheta do «Retrato de Dorian Grey». O espirito, o dandusmo, as excentricidades, os paradoxos desse inflexivel derrocador de convenções, formam o colorido vivo dos conceitos expendidos pelo joven escriptor, cuja penetração original de visada, neste ensaio, quasi chega a exceder André Gide. De dia para dia, augmentam e se avolumam as suas curiosidades estheticas. Leopoldo Péres, que não é insensivel a Baudelaire, absorve, de um só hausto, os entorpecentes das Flôres do Mal; e, guiado por François Porché, erra piedosamente através das encruzilhadas de esbornia, crapulice e intemperança da «vida dolorosa», atormentada de episodios sadicos e sacrilegos, desse principe da poesia franceza. Frequenta, depois, Mallarmé, magnetizado pelas secretas transcendencias da arte difficil do L'après-midi d'un faune. À sombra do espirito de Lemaître, «en marge des vieux livres», perlustra as literaturas classicas. Balzac abre-lhe, de par em par, o hospital das

teratologias humanas. A convivencia do velho Anatole, «nas silenciósas orgias da meditação», ensinalhe a amar os livros, surprehender as impaciencias do seculo e conhecer a arte subtil de introduzir a volupia nas sensações do espirito. Não é só. Faz novas incursões por literaturas desconhecidas. Tenta approximar-se dos grandes modeladores de obras-primas, para sentir-lhes os desejos, as febres, os pendores e as inquietações. Saint-Victor, na pompa de um estulo crispado, recorta-lhe a grandeza do genio de Shakespeare, «infinito e universal». Cervantes interpreta-lhe os ridiculos e os heroismos da alma cavalheiresca da velha Espanha. As atrocidades das paixões desenfreadas da vída, no relevo das ampliações sobrehumanas de Alighieri, infundem-lhe pavor á imaginação superexcitada. A obra dilacerante de Dostoiewski agita-lhe a sensibilidade e deixa-lhe o torpor de inenarravel angustia.

Taes os roteiros luminósos de sua iniciação literaria. Dahí por deante, o seu espirito e a sua cultura desviam-se para outros rumos, dirigidos pela orientação do pensamento gourmontiano. Sob a vigilancia de Nietzsche e Bergson, intenta innumeras pesquisas através dos systemas philosophicos, as quaes contribúem directamente para a sua formação definitiva. Leopoldo Péres, ao geito de Stendhal, faz da mocidade um campo de experiencias, que lhe não deixaram jámais a alma desencantada. E, coisa curiosa, manteve sempre intacta a

sua personalidade de escriptor, complexa e polyedrica, resistindo a quaesquer influencias. Transformou a vida num silencioso apostolado de idéas; e a sua obra quotidiana do jornal, tracejada com invejavel casticismo de estulo, em vernaculo purissimo, reflecte-lhe a pertinacia constructiva, demonstrando, á evidencia, que se trata de um escriptor moco, mas de talento sem analogia na sua geração, talento de fecundas possibilidades, servido por uma cultura que não é commum nestes tempos melancolicos de incompetencia e exhibicionismo. Referi-me, linhas acima, á complexidade de seu espirito. Nada mais verdadeiro. O polemista é de uma galhardia inexcedivel. Ainda ha pouco, em torno da figura de Ruy, na pujança de seus attributos de pensador e sociologo, discipulo de Alberto Torres, defrontava-se com a autoridade de João Leda, imprimindo um sainete de galanteria ás pugnas espirituaes, que, no Brasil, têm por epilogo o doesto e a objurgatoria. O orador, por sua vez, não é menor. A sua eloquencia meridional e o seu verbo rutilante lhe definem a temperatura das exaltações tribunicias. Aquelle discurso notavel sobre a individualidade de Oliveira Lima, proferido em uma assembléa de provincia, honraria os annaes do parlamento nacional ou de qualquer outro parlamento, e firmaria, de subito, uma reputação. O jornalista politico é da estirpe de Salamonde, de Assis Chateaubriand e de Azevedo Amaral, Nenhum ponto de vista objectivado sem descortino e profundeza. O seu artigo, de superficies brilhantes, seja qual fôr o problema em apreco, é sempre um corpo de doutrina, taes os processos dialecticos em acção e a excellencia da cultura accumulada. Nada se compara á firmeza e a claridade dos seus argumentos, contra os quaes, impotente, se dobra a furia das invectivas. Jámais perdeu a serenidade e, no mais acceso da contenda, o revide não vae além do epigramma, ás vezes afiado como a lamina de um punhal de Toledo. Lembra-me, perfilando a figura de Leopoldo Péres, e focalizando, entre as linhas mestras de sua estructura mental, as faculdades atiladas do visionador politico, este trecho dardejante, que se refere á mediocracia, indice triumphante dos homens politicos de nosso paiz, em todos os tempos: «Um Rivarol brasileiro teria ahi, nesse scenario de perplexidades e improvisacões as mais audaciosas, material precioso para justificar-lhe a assertiva de que a fortuna politica, maximé si resultante dos golpes violentos da cirurgia revolucionaria, não guarda nenhuma relação logica, antes o documenta inversamente, com o valor dos homens que beneficia. O phenomeno foi, aliás, argutamente observado, ainda ha pouco, por Stefan Zweig no retrato politico de Fouché, biographia dramatica « d'un être absolument amoral », por onde se prova como o destino dos agglomerados humanos o mais das vezes se processa, sob obscuros determinismos, com abstracção absoluta das individualidades superiores e á mercê dos caractéres duvidosos e mentalidades limitadas, que a inconsciencia das proprias responsabilidades conduz á primeira plana da acção decisiva, nas horas culminantes. De resto, o Brasil politico-administrativo viveu sempre, hontem como hoje, — de um ponto de vista de conjuncto e feitas, ainda aqui, largas e justas restricções á regra enunciada, — no clima da mediocridade. Uma vasta mediocracia antes de ser um vasto hospital. Donde, a certos aspectos, o derrotismo, o desalento e, por fim, o animo subversivo de que se deixaram empolgar as ultimas gerações, perdendo o sentido de sua vocação construtiva».

De um de seus discursos, aquelle proferido em saudação ao grande Nelson de Mello, presidente de honra da nossa Academia de Letras, em agradecimento aos serviços prestados á terra amazonense por esse nobre e glorioso soldado, que é tambem um ardente animador de intelligencias, transcrevo esta pagina de anthologia, abordando a questão da supposta inadaptabilidade dos homens illustres ás culminancias do poder publico: «Residuo inerradicavel de um vélho e absurdo preconceito, generalizado entre os que se apoderaram do regime, e o desfiguraram sem piedade, logo ás etapas iniciais do seu advento, nada obstante a suntuosa armadura constitucional em que o procurou estruturar o visionarismo juridico do Patriarca,ficou e ainda hoje se conserva, com irrupções iterativas, no entendimento empirico dos seus detentores, o presuposto execrando de que os homens de pensamento e de cultura não se adaptam e são, bem ao revés, de todo em todo inassimilaveis ás situações e ás responsabilidades do poder. E' o estribilho da incompetencia. E' o aforismo da incapacidade. E' a exaltação do demerito. Inverteram-se as guardas ao crédo civico do mestre. E daí, necessariamente, a proscrição santificadora mas iniqua em que morreu Ruu Barbosa, apesar dos seus cincoenta annos de coruscante e indefesso batalhar pela sublimação dos instinctos republicanos, ao servico do direito e das mais nobres e levantadas aspirações da consciencia humana. Dai, por via de consequencia, o desalento incuravel das nossas gerações desta centuria, já de si deshematosadas, deshumanizadas, desmoralizadas pela infiltração agnostica, pelo relativismo, pelo imediatismo, pelo materialismo da hora presente, - « gerações desertoras», sem norte e sem ideal, que perderam o sentido de sua finalidade historica e se deixaram. como se deixarão arrastar, dócilmente, ás mais arriscadas experiencias subversivas».

Um critico apressado que pretendesse, em poucas linhas, dar uma idéa do escriptor, no rythmo do estylo envolvente, na impressiva severidade dos methodos de analyse, no gosto e na elegancia de sua cultura aristocratica, na penetração do seu espirito, que lhe traduzem as variantes harmoniósas da intelligencia, citaria apenas este periodo isolado de um de seus melhores ensaios, aquelle referente

á «vida luminósa de Araujo Filho», em que o joven pensador estuda a funcção intellectual e sentimental do biographo contemporaneo, com a determinação dos requisitos essenciaes e indispensaveis á força de persuasão imaginativa para suggerir e construir: « Diante do espetáculo de uma vida. da tragedia de uma existencia que mereça perpetuada no monumento lapidar de uma biografia, o dever do memorialista, não se poderá mais reduzir á transposição objetiva dos episodios que a envolveram, dos cenarios e circunstancias em que se conduz a ação, nem, muito menos, á seriação esquemática dos temperamentos, dos complexos afetivos, dos sistemas psicologicos. Esses eram os metodos da psicologia classica, que as sinteses da psicanalise e do intuicionismo bergsoniano relegaram á congerie dos anacronismos inaturaveis. Na biografia contemporanea, bem ao contrario disso. ha que atender, precipuamente, á multiplicidade na unidade, á heterogeneidade no todo homogeneo, ha que perquirir, á margem da noção simplista dos caractéres paradigmários, o indice oculto dos fenomenos, a vida misteriosa dos sêres, nos subterraneos, já hoje não de todo inescrutaveis, da consciencia psíquica e moral, -o movimento insondavel das almas em continuos e indefinidos avatares. Examinar o documento humano, não como uma péça rigida e indesmontavel a qualquer esforço introspectivo, sinão tambem como uma atordoante colmeia de sentimentos, pendôres e inquietudes,

«um polipeiro de personalidades diversas» e, não raro, contraditorias e adversas. Mas examiná-lo, sempre, sob o criterio ético da veracidade e da certeza,—la recherche hardie de la verité, que denuncia, conforme a Maurois, o requisito primacial nessa ordem de cogitações, a saber,—reconstituir os acontecimentos e os homens sem lhes omitir o substrato ideologico, mas, antes de tudo, sem os despojar dos elementos de belleza moral, da vis heroica que os transcendentaliza e exalta».

Para fixar nitidamente outro aspecto rebrilhante da cultura omnimoda de Leopoldo Péres, sob o calor de um julgamento que poderia, talvez, para os que lhe não conhecem as radiósas modalidades da intelligencia, ser arguido de suspeito, não hesito em trasladar para estas paginas um excerpto do seu discurso de recepção ao escriptor Anisio Jobim, na Academia Amazonense de Letras, no qual, com superior intuição critica, estabelece o parallelo entre Bergson e Farias Britto, examinando as affinidades intimas entre a doutrina do philosopho francez e as correntes de idéas que dirigiram e orientaram o espirito do grande pensador patricio: « A Farias Brito, com quem nasceu a filosofia brasileira, consoante á justa e recente observação do Sr. Tasso da Silveira, cabe a gloria de ter sido, em nosso país, o precursor do renascimento espiritual do mundo moderno. Sua filosofia, representa uma antecipação admiravel ás diretrizes mestras do espirito do nosso tempo, que

tem, como é sabido, na doutrina bergsoniana sua mais alta e radiosa expressão. No meio da desordem e da esterilidade a que nos haviam conduzido. no findar do século passado, os excéssos do materialismo cientificista e agnostico, a atitude de Farias, isolado entre as correntes da «ditadura positivista» de Augusto Comte e do evolucionismo integral de Spencer, marcou uma etapa culminante. Era como a de Bergson uma atitude singularissima de reação: uma trincheira inexpugnavel do espirito. Ha, aliás, entre a filosofia de Bergson e o pensamento de Farias Brito, sob numerosos aspectos, as mais fundas e sugesticorrespondencias. Numa como noutra, o mesmo sentido do transcendente, a mesma inspiração de infinito, a mesma intenção creadora, a mesma «perspectiva de eternidade». Numa como noutra, a superação dos valôres absolutos sobre o relativo, o contingente, o efemero. Não irei ao ponto de tentar o paralélo entre uma e outra. Bem sei que, até pelas circunstancias do meio, do ambiente em que viveu, e da lingua em que se lhe fixaram as idéas e as amarguradas reflexões em torno aos enigmas do nosso destino, a obra do escritor brasileiro não teve, não poderia ter, a extraordinaria repercussão da obra bergsoniana, considerada o cimo do pensamento contemporaneo, a maior construção especulativa do nosso tempo, depois de Kant.

«Fundando sobre os dados imediatos da cons-

ciencia um novo realismo metafisico, - a metafisica da experiencia, a doutrina da intuição supraintelectual, a filosofia da duração e da evolução creadora. e retomando assim, no pleno surto de uma geração que pretendêra «organizar cientificamente a natureza para depois organizar Deus», - Taine e Renan, entre os principes dessa religião da ciencia, em que Deus passava a constituir a «categoria do ideal». -- a grande tradição espiritual a que se haviam ligado, como chefes e condutores, Ravaisson, Lachelier e Boutroux, coube a Bergson demonstrar, como o fizéra, antes dele, o insignissimo Maine de Biran, que o espirito humano é capaz de, nas suas mais altas interiorizações, atingir o Absoluto, que é Deus em definitiva, extrapassando as fronteiras artificiais da razão, da inteligencia discursiva, - os limites do fenomenal, da aparencia e do erro.

«Nessas remontadas esféras, o metafisico de L'Evolution créatrice foi, autenticamente, um fundador de sistema, um porteur de flambeaux,—
«o fundador de um espiritualismo novo», como lhe chama Farias Brito. Bergson — reconhéce noutro logar o autor da Finalidade do mundo—
«teve o poder de dar uma nova direção aos espiritos. Houve um toque de rebate nos arraiais do pensamento e sentiu-se que alguma coisa nova pairava no ar. Foi o suficiente para que se quebrassem todos os laços da antiga conveniencia. E o que é verdade é que partiu daí um movimento

estranho e dominador, e é a esse movimento que se prende o renascimento da filosofia do espirito». Sua obra, através da qual passa um fremito continuo de belesa e de vida, de alegria creadora e dinamica - « une immense efflorescence d'imprévisible nouveauté» - significando, em suma, um grande, generoso esforco «pour dilater la pensée humaine en quête de l'infini», sem abdicar da inteligencia sinão para a descristalizar da materia inerte e reabsorver nas fórmas liberadoras do espirito, vale, com efeito, toda uma reação fulgurante contra o racionalismo infecundo, nas escravizantes limitações de uma «concepção antropocentrica do Universo». Ha na origem da vida uma supraconsciencia, que a ilumina e organiza: Deus. Eis a palavra definitiva e consoladora da filosofia bergsoniana. Deus é aí, como em Platão, o supremo ordenador. «Le monde séparé de Dieu, esclaréce o mais eminente dos seus discipulos, Jacques Chevalier, - n'est qu'obscurité: et nous aurons beau multiplier, à chaque pas et à chaque instant, les lueurs falotes de nos lanternes,-nous ne parviendrons jamais à éclairer l'immensité, ni même notre chemin».

E mais adeante, ainda nesta mesma oração academica, estudando o espirito brasileiro, é assim que desenvolve o seu pensamento, sob as fórmas rigorósas da analyse critica: «Não creio, como o sr. Baptista Pereira e tantos outros escritores de renome, que a consciencia brasileira se possa considerar, já hoje, definitivamente constituida, muito

menos desde a guerra holandeza, com os jesuitas. Heresia intelectual inqualificavel fôra, sem duvida, a minha em desmerecer a significação radiescente, negar a latitude, a belesa épica, o altruismo da obra missionaria, na hora indecisa em que o Brasil amanhecia, no instante crepuscular de nossa antemanhã como povo. Muito longe disso, com o abstérso panfletario de *Civilisação contra barbarie*, nada vejo tambem «de estavel e fixo no espirito brasileiro (tomada a expressão com as devidas restrições) sinão o fundo ancestral da formação catolica», e por isso mesmo é que propugno tambem como uma exigencia impreterivel desta hora o retorno á tradição cristã de nossa gente.

« Mas o fundo ancestral da formação catolica, o que dos jesuitas nos ficou no subconsciente da raca, na instintividade primitiva do povo, não chegou, não poderia chegar, atenta a mesma complexidade do processo sociologico, a polarizar a consciencia do Brasil, que só agóra se está fixando, que só agóra se está caracterizando sobre os valôres permanentes da continuidade historica. Porque, na realidade, para crearmos uma pragmatica nacional, um senso de orientação do nosso destino, como quér o sr. Baptista Pereira, o de que ainda carecemos é justamente desse «sensorium espiritual comum», a que se refére o preclaro escritor, — a unidade psiguica e moral, a solidariedade consciente. o sentimento das afinidades profundas, sintese das consciencias individuais bem definidas

na consciencia do conglomerado etnico e social, de que somos parcéla. Uma sociedade é uma consciencia viva, disse Espinas, e uma patria, concluío Renan, é uma grande solidariedade moral. Uma e outra, infelizmente, nos faltam. Ha que falar, quando muito, no instinto do Brasil. Á nossa geração, ás gerações que se transmitem neste momento os postos de vanguarda do Brasil, tóca, de consequinte, uma responsabilidade indeclinavel: a de cooperar, em todos os sentidos, sob todas as fórmas, por todos os meios eficientes, no bom exito final da reação espiritualizadora, de que Farias Brito se fez glorioso ainda que desajudado pioneiro. Formar uma consciencia brasileira, integralizar o espirito brasileiro no sentimento onividente de um destino comum, seja na decadencia ou no esplendor, na bôa ou na má fortuna, mas não somente de um destino comum sinão tambem de um alto destino espiritual, - eis o problema que urge conosco, firmando a vocação historica das camadas humanas a que pertencemos. Esta a nossa taréfa. Esse o nosso dever, o tema do nosso tempo, para falar com Ortega y Gasset, -esse o compromisso cultural da nossa atormentada geração ».

Como jornalista, para salientar-lhe a «virtuosité hors nature», recordarei um episodio typico. Escolhido para entrevistar a Eugenio Noel, o insigne embaixador da cultura iberica, que nos honrava com a sua visita, instou commigo para que o acompanhasse na desobriga dessa incumbencia. Neurasthenico, apathico, vencido por incomprehensivel displicencia, o agitador de idéas do *España*, nervio a nervio mal aflorava os assumptos em causa, com a palavra enredada, quasi immobilizada, na trama do systema nervoso em desordem. Foi, porém, um primor de estylo e de conhecimentos historicos e sociaes, a entrevista publicada no dia seguinte, devida á penna do ardoroso publicista, que, versado em Unamuno e Ortega y Gasset, não podia ignorar e tinha elementos para se estender em commentarios sobre as tendencias estheticas e as modernas correntes renovadoras do pensamento espanhol.

Ha a considerar ainda o advogado, de excepcional probidade, que faz de sua profissão um sacerdocio, e o politico, homem de acção, de energia e de principios, incapaz de uma apostasía ou de qualquer transigencia menos digna. Que dizermos, afinal, do conversador empolgante, da linhagem de Barbey d'Aurevilly, vivo, imprevisto, scintillante, paradoxal, que faz da palestra «un feu roulant de mots d'esprit», reanimando as palavras, transformando-as em sumbolos e dominando-as discrecionariamente? Nesta hora climacterica da maturidade, essa prodigiósa intelligencia é ainda uma ascensão solar, tentando a universalidade da vida, por entre rythmos e harmonias. Dá a lembrar nos seus impetos desmesurados, aquelle carillon= neur, da obra de Rodenbach, que dos coruchéos da cathedral de Bruges, relanceava a tristeza da

cidade morta e, vibrando a arte polyphonica dos sinos, creava a belleza e dominava a vida. E, que outra coisa significa, para os incontentados superiores, dominar a vida e crear a belleza, senão transformar o espirito, como na satyra genial do demolidor das *Diaboliques*, em aguia vingadora, que paira nas alturas, heróicamente, gloriósamente, desdenhósa das baixezas e das contingencias terrenas?

## O FASCINIO DA CONDESSA DE NOAILLES

## O FASCINIO DA CONDESSA DE NOAILLES

A morte, em Paris, da Condessa Mathieu de Noailles, cujos versos peregrinos são dos maiores deslumbramentos da poesia franceza, leva-me a reconstituir-lhe as vibrações da intelligencia, não apenas evocando-lhe o fremito da inspiração vertiginosa, que traduziu os lances da vida em symphonias e imagens, sob o tumulto de sensações profundas, senão revivendo-lhe a figura dominadora de mulher, que tão só pela magia de seu talento, attrahiu e enleou os artistas e pensadores mais eminentes de uma época.

Varios retratos, de physionomias differentes, em diversas quadras, espalhados em livros e revistas, parecem assignalar, num rythmo de successivas resurreições, os estadios de sua gloriosa carreira de escriptora. Vêmo-la aqui, numa lithogravura polychromica, no primeiro reflorir da vida, ainda adolescente, quando os poemas do *Cœur innom* brable, seu volume de estreia, já despertavam

indisfarcavel curiosidade nos circulos literarios de Paris. Aureolada de fina espiritualidade, o seu vulto velado de sonho, no ardor dionysiaco da juventude, emerge de «l'intimité du chez soi». onde num ambiente de meditação e estudo, era o idolo muito amado de uma côrte fervente de poetas sensiveis ás idéas e á eurhythmia de seus versos. Ahi, nessa atmosphera impregnada de aromas, na profusão multicolor dos mobiliarios aristocraticos, harmonizando-se os livros, as photographias, as sêdas, as rosas, os tapetes da Persia e as amphoras etruscas, evola-se o pensamento de Anna-Elizabeth, princeza de Brancovan, que empresta ás flores, aos contornos e ás nuanças, o perfume de sua sensibilidade. Seus olhos scismadores deixam transparecer-lhe a immensidade e a eternidade de um sonho feito de extases.

Vêmo-la ainda, de perfil, na «plaquette» de Masson, heraldica na galanteria dos seus trinta annos luminósos, «arabe aux yeux de loup», irmã moderna da Schéhérazade, de Tristan Klingsor, tal como a classificou um poeta enamorado, alludindo-lhe ao temperamento aventuroso.

Mme. Romaine Brooks, em magnifico retrato a oleo, reproduzido por toda a parte, imprime-lhe á physionomia a volupia inquieta do amôr e da morte. Um de seus mais apaixonados biographos, referindo-se aos primores dessa téla, affirma que a unica legenda que lhe conviria, á justa, era o titulo do livro de Barrès: Du sang, de la volupté

et de la mort. Porque, ahi, a belleza de seu rosto, como em nenhum outro retrato, não revela apenas a intelligencia, representa o symbolo ardente do amôr: «O que mais empolga e fascina é a bocca: o sangue; — os olhos immensos, de fundas olheiras, febris, maravilhósos: a volupia; — o pescoço delgado, semelhante ás longas hastes flexiveis dos jacinthos: a fragilidade».

Vêmo-la de novo, illustrando o ensaio de Jean de Gourmont, ao lado de um cortejo das mulheres de maior espirito de França, no puro esplendor de seu fascinio. O lapis de Forain, nesse instante fugitivo, estampa-lhe nas faces o pallôr com que a realidade da morte, na consciencia da vida, deforma e desfigura as almas e os sentidos. Aquelles olhos, que puderam fixar o sol e amaram a vida com frenesi, ensombram-se de tristeza e desencanto á visão da morte, sentindo desapparecer aos poucos, na agonia crepuscular de um mundo de sonhos e de illusões, toda aquella intensa alegria de existir, que os seus versos celebraram.

Em outra photographia, de corpo inteiro, reproduzida em L'Illustration, por occasião de ser desvelada a correspondencia de Proust, com um prefacio da Condessa, que é uma obra-prima de enlevo admirativo, a poetisa dos Eblouisse=ments, como se fôsse uma pintura de Rubens, perturba-nos com o rythmo impeccavel de seu talhe senhoril, de sua cabeça de contornos transfi-

guradores, de seus olhos mysteriosos e dolentes, de seus cabellos ondulados, cingidos por um diadema de rainha. Uma especie de aguia real, fatigada de emoções, e desdenhosa das alturas, é o seu ultimo retrato, o mais recente, de 1931, quando lhe outorgaram a insigne honraria, jamais concedida a qualquer outra mulher franceza, de promovê-la a «Commandeur de la Légion d'Honneur».

Os seus retratos parecem definir um momento de sua obra de surprehendente belleza, sem duvida de valor desegual, mas com a virtude rara de ter enriquecido o patrimonio e a gloria literaria de seu paiz. Cada um, per si só, equivale, por assim dizer, á annotação de um trecho de sua vida, de um fremito de sua intelligencia creadora, de um sonho de sua imaginação, de uma exteriorização de sua alma de poeta, a historia, em summa, de um passado, entresachada dos capitulos de tristeza e de alegria que o animaram. Tal attitude denuncia um estado d'alma, que os seus poemas descreveram, a obstinação sentimental esquecer e não desejar ser esquecida, a ambição de querer ser amada além do tumulo, a loucura de pretender immobilizar a vida, pelo pavor da morte, que foi uma de suas maiores obsessões; tal outra, em frisante contraste, é uma fuga perpetua para o amôr e para a alegria, um delirio de perpetuo renovamento, o anseio de extrahir do perecivel, que é transitorio, da existencia, que é célere, de um gesto ephemero que outro gesto

mais ephemero ainda não poderia fixar, — a realidade, a profundeza, a essencia da vida.

Foi revendo os retratos de Mme. de Noailles que eu pude evocar-lhe a vida e a obra, que são uma grande pagina da literatura franceza. Vida singular, constellada de apotheóses, desde os primeiros passos nas letras, através de tentativas indecisas. Sua intelligencia hupnotizava, de repente, todas as intelligencias. Seu talento, no espectaculo de innumeras e vivazes manifestações, subjugava os mais inflexiveis iconoclastas. Os criticos mais pessimistas sentiam-lhe a vertigem do surto. Os proprios scepticos reconheciam-lhe a predestinação. Fez época e ficou celebre uma phrase desse mestre do gosto e da sabedoria, que era o velho Anatole, certa vez, ainda antes do seu casamento, no «salon» de Mme. Caillavet, surprehendendo-lhe, na palestra, a agilidade do espirito, lampejante de paradoxos e epigrammas: «Cette petite jeune fille a du génie». Remy de Gourmont, alludindo aos seus primeiros romances, elogia-lhe a frescura da prosa e as ardentias do estulo. Referindo-se ás alternativas de seu temperamento de poeta, Bourget affirmava que «sa sensibilité n'était jamais au point mort». Jean Moreas chamava-a, lyricamente, a «abelha do Hymetto». Em contacto com os seus poemas, Sully Prudhomme não hesitava em discernir-lhes a elevação e a espiritualidade. Maurras, se lhe fez graves restricções, em Romantismo Feminino, exaltou-lhe a esquisita sensibilidade, «que, talvez não fôsse propriamente a arte, mas era, sem duvida, a materia-prima da arte». Em sua pagina de critica literaria, hebdomadaria, no *Gaulbis*, Régnier saudava em Mme. de Noailles um authentico poeta, para quem a poesia não era jamais um divertimento passageiro, nem uma distracção espiritual, mas uma funcção permanente do espirito.

Esse acolhimento excepcional da critica era um prenuncio commovedor. A deusa da fortuna collocava-lhe o destino literario sob sua égide protectora. Vieram outros livros e, com elles, surgiram novas admirações, tendo o seu nome obtido o suffragio quasi unanime dos maiores mestres julgadores. Como porta-bandeira desse movimento de sympathias intellectuaes, destacava-se a figura de Souday, que, no Le Temps, analysa as differentes modalidades do talento da escriptora e poetisa, estudando-lhe as etapas da obra, para descortinar-lhe o prestigio e a superioridade. Thérive, como um propheta e annunciador, preconizalhe a gloria e determina a evolução poetica de sua obra, cujo idealismo, apparentando-se ao de Schopenhauer, estava impregnado de uma philosophia que, por derivar da tyrannia sensual agindo fortemente sobre o espirito, se mostrava mais desesperante do que a de Berkeley. Robert de Montesquiou, a cujo prestigio Mme, de Noailles devia a publicação, na Révue de Paris, dos seus primeiros poemas, considerava Prière devant le soleil (consoante as revelações da correspondencia intima

do autor de Sodome et Gomorrhe --- «a mais bella coisa que se escreveu desde Antigona, julgando-a ainda mais bella do que Sophocles». Em conferencia publica, com uma assistencia de escol, onde refulgia a presença da homenageada, Gaston Rageot confessava que, em sua vida, apenas dois seres humanos lhe tinham dado a impressão viva e calorosa do genio: - o philosopho Bergson e a Condessa de Noailles. Marcel Proust, ainda no claro-escuro de uma celebridade que mal se deixava adivinhar, apaixona-se pela sua arte e envialhe um epistolario, publicado depois de sua morte, onde transverberam, de conjuncto, na subtileza de conceitos revelados quasi a medo, o seu culto á artista sumptuaria, e a sua irrefugivel admiração pela mulher. Em uma das cartas dessa corresponcia, «aveuglé par la tendresse», (a expressão é da propria Condessa de Noailles), refere-se á emoção que o dominava, quando via o «tumulto disciplinado» de sua letra, que elle comparava, numa linda formula profundamente lurica, «ás magnificas volutas de um mar infinito e ruthmado do seio do qual, flammejante como Aphrodite, emergia o seu pensamento tão divino e tão bello».

E não foi só. Os poemas de Forces Eternelles fizeram-lhe conquistar o grande premio de Literatura da Academia Franceza; um concurso disputadissimo, entre as élites intellectuaes de França, outorga-lhe o titulo de « Princesse des Lettres françaises»; e, coroando-lhe a gloria, a Academia Real de Lingua e de Literatura Franceza da Belgica concedia á «harmoniosa Condessa» a insigne distincção de elegê-la, por unanimidade, membro da illustre Companhia.

Que mais poderia ambicionar a altissima poetisa, - festejada, acclamada, invejada, lida e traduzida como nenhum outro poeta contemporaneo para a conquista definitiva da gloria? Nem mesmo lhe faltou a reserva prevenida e hostil de alguns profissionaes da critica, que, julgando-a com extrema severidade, se manifestavam alarmados com tal exuberancia de louvores. A gloria, para esses intolerantes Aristarchos, ultrapassara de muito ao merecimento da escriptora, de vez que a sua obra, de evidente inanidade, não deixava margem para tão inconcebiveis excessos. Dentre os libellarios, que não eram poucos, avultava Pierre Lièvre. Numa das paginas de suas Esquisses Critiques, embora reconhecendo que a poesia de Mme. de Noailles evocava irresistivelmente Chénier, e tinha affinidades com os grandes mestres de outrora - Homero, Virgilio, Malherbe e Corneille – que lhe deixaram o sulco de suas influencias, censura, com agrestia de conceitos, a intemperança desordenada, que esboroava a obra, ainda em méro esboço constructivo, trabalhada com retalhos e fragmentos, fragil no seu contexto, repetida a cada passo, imitada de si mesmo, de livro para livro, como se a sua sensibilidade fatigada não agisse senão sob o imperio de novos excitantes.

O critico Roger Allar, numa execução summarissima, lhe não tolera sequer o falso lyrismo, e allude, irreverentemente, á «sua arte mystificada, na qual se intenta fazer passar o vidrilho por pedras preciósas».

A imaginação saturica de Renée Benjamin, com o intuito, aliás, de contribuir com uma palma de louro para o altar de sua gloria, em um livro que na época fez sensação, porque irritou o idolo e os idolatras. - Sous l'œil en fleur de Mme. de Noailles, expõe indiscretamente, pontilhando-os de maliciósos pormenores, de um sabor intencionalmente ironico, a vida intima, as ídéas e os pendores da fascinante socerdotiza das Musas, sob uma atmosphera de admirações frivolas e de admiradores de um comico exasperante. Nesse retrato biographico, que a facecia quasi consequiu transmudar em caricatura, Mme. de Noailles apparece «en pantoufles et en robe de chambre», tal como um fantoche accionado por uma «ficelle» de vesicante mordacidade.

É evidente que o rumor de taes controversias concorria, sobremodo, para augmentar a curiosidade em torno de um nome que já conseguira reputação universal, nivelado á gloria dos maiores nomes do seculo. Ainda hoje, quando com a morte de Mme. de Noailles a sua obra vae começar a ser apreciada serenamente, sem «parti pris» de escolas, sem a febre dos enthusiasmos que referveram sob o influxo de sua intelligencia e de sua mocidade, afigura-se-nos difficil, sem prevenir temerariamente os arestos da posteridade, situar o verdadeiro logar que o seu nome deve ter na historia das letras francezas. Seria mister, para fixar-lhe a individualidade, que fôssem estudados o ideal esthetico que lhe dominou o pensamento, e as influencias, de ordem literaria, que lhe preponderaram no espirito, determinando-lhe a orientação do gosto e o sentido da belleza. A sua vida e a sua raça, as suas origens, a indole de suas filiações intellectuaes, o meio em que viveu e as correntes que lhe determinaram a inspiração poetica, seriam tambem, a rigor, as balisas para indicar os itinerarios da obra de Mme. de Noailles.

Embora correndo-lhe nas veias o sangue romano e o sangue grego, a poetisa nasceu e educou-se em Paris, viveu na França desde o alvorecer da vida, procurou de preferencia ambientar-se sob o calor e as claridades da literatura franceza: e, por isso mesmo, a sua obra, tendo a melancolia das almas occidentaes, deveria estar imbuida dessa alegria pantheistica das paisagens ensolaradas do Oriente. A sensibilidade que lhe animasse a poesia traria o estigma luminoso dessa dupla herança, onde se confundem os fremitos, os ardores e as paixões dos que nasceram e viveram naquellas regiões banhadas de luz, com a tristeza e o amargor da vida, «da vida excessiva e triste». Por todos esses motivos, se os seus poemas fazem refulgir o genio de sua raça, revelam tambem a sensibilidade e a fidalquia da alma franceza. Mas, a todos os respeitos, elles lhe reflectem o espirito de aventuras, a insaciavel curiosidade de vêr e de sentir sob o influxo das idéas e das civilizações, a ansia de conhecer a alma das cidades antigas e o veneno das capitaes modernas. Foi, per isso, espiritualmente, uma viajante solitaria e infatigavel, á maneira de Alain Gerbault, com a differença apenas de parecerem as suas viagens simples periplos imaginativos, para a delicia de uma fantasia inquieta. Pelas mãos dessa sulphide seductora, penetrando-lhe o imo da poesia, fizemos superexcitantes peregrinações de cultura e de belleza por todas as cidades do mundo, por todos os recantos do Universo. Deante das mesquitas e dos minaretes de Constantinopla, contemplámos o esplendor das visões turcas. Os «fjords» da Noruega fôssem alvinitentes como se appareceram-nos blocos de sonho. Palmilhámos os caminhos esmarridos e as areias adustas do Senegal. Soffremos a inclemencia canicular de Marrocos. Perdemo-nos pela India dos fakires, na infinidade de seus artificios e encantamentos. Excursionámos através da China e do Japão. Fômos á Persia, á Islandia e á Suissa, onde nos detivemos deante das sumptuosidades do Leman. No contacto das terras de Espanha, sentimos o desvairo amoroso de suas mulheres. Percorremos a Hollanda, admirando-lhe os mestres da pintura. Vimos a Grecia resurgir das brumas da historia e do passado. Isolámo-nos na Sicilia, ouvindo os sarcasmos e os dithurambos do mar. A imaginativa exaltada de Mme. de Noailles nos levou por toda a parte. Passeiámos Vienna e Bucarest. Evocámos as noites luminósas da Italia. Extasiámo-nos com a magnificencia de Veneza, a sensual maravilha do Adriatico, cidade dos doges, das gondolas e dos caprichos sentimentaes, que D'Annunzio amou como ninguem, que Wagner escolheu para dormir o seu ultimo somno, cidade do amôr e da insania, que serviu de moldura para o episodio romantico da Domination. grande poema em prosa que lhe consagrou a reputação de escriptora. Viagens maravilhósas, que nos deixaram surprehender as efflorescencias de uma cultura classica delicada, e os refinamentos de uma sensibilidade romantica, que lhe definiam o lurismo apparentemente contradictorio, sobretudo encarando a natureza, a guerra, o amôr e morte. Porque é justamente por essa dualidade de temperamento e de cultura, que se explicam e se esclarecem as multiplas modalidades do seu pensamento poetico. Com effeito, Mme. de Noailles passara a adolescencia na companhia dos classicos. perscrutando-lhes o sentido da belleza e a essencia pura do genio, com o interpretar-lhes a significação e a profundeza das obras, delineando-lhes as faculdades constructivas. Viveu na intimidade de Racine, de La Fontaine, de Rousseau e de Voltaire. Mas foram, sem duvida alguma, os romanticos que agiram mais directamente sobre a sua

imaginação. A obra de Mme. de Noailles é fundamentalmente romantica. Pelo ardor de suas concepções, pelo sentimento de suas idéas, pela intuição de belleza da alma das coisas. Não ha negar as affinidades estreitas entre a sua poesia e a dos maiores poetas romanticos da França. O lyrismo de Lamartine, a sensibilidade de Vigny, a ternura de Musset, perfumam-lhe as melhores estancias. E a sua inspiração poetica é sulcada pelo fluxo e refluxo das metaphoras hugoanas. Sente-se que o genio do gigante da Légende des Siècles passa e repassa na sua poesia, imprimindo-lhe um traço de grandeza e majestade. Ademais, como os romanticos, a Condessa de Noailles amou immoderadamente a natureza. Amou-a com volupia, sensualmente, com todas as fibras de sua alma de poeta. Esse vivo sentimento, porém, não se parece, ou melhor, nada tem de commum com o dos romanticos. Em contacto com a natureza, não lhe desvela as fórmas, nem lhe descreve as configurações plasticas: é um culto pantheistico que se esforça em reviver, por intermedio do poder expressivo de seus versos, apenas o instante de uma sensação. O «sentido da terra», da concepção nietzscheana, nenhum outro escriptor contemporaneo, de sua raça, a não ser Marie Dauguet, nos madrigaes vergilianos das Pas= torales, apprehendeu melhor do que a poetiza de Forces Eternelles. A natureza, nos seus poemas, é uma delirante festa dos sentidos. Não se contenta sómente de vêr-lhe as perspectivas inopi-

nadas, de ouvir-lhe as palpitações, de haurír-lhe os aromas penetrantes, que repontam no tumulto da vida universal. Sente-lhe a fascinação, excita-se voluptuosamente, desnuda-lhe a belleza com a lascivia de um desejo carnal, e absorve-a num irreprimivel paroxysmo. Ha como que uma collaboração harmoniosa de todos os sentidos para a integração perfeita do seu temperamento lyrico. Traduzindo os matizes da natureza, requinta-se-lhe singularmente a importancia das notações affectivas, tacteis e gustativas. Os sentidos, realmente, têm uma acção preponderante na poesia de Mme. de Noailles. A natureza, vista através de sua emoção de visual e auditiva, impressiona mais pelos perfumes, pela sensação de seus relevos, pelo gosto de seus fructos, e até mesmo, á maneira baudelaireana, pelo sabor de suas paizagens. O amôr, por sua vez, visionado pela objectiva dessa favorita dos deuses, ainda vem separá-la dos poetas romanticos, sem comtudo delles divorciá-la, ao revés, prolongando-lhes a tradição com estranha originalidade. O amôr, glorificado em seus versos, pertence á liturgia de uma religião de exaltações e sensualismos. Os seus poemas não são apenas um epithalamio ás alegrias da vida, do sol, do mar, das arvores, das celagens, dos rios e das montanhas, nos infinitos aspectos de seus renovanentos e metamorphoses, senão o arrebatamento, o fervor do sangue, - um appello instinctivo á sexualidade, ao amôr physico,

ás rebeldias da carne. Não se trata de um amôr contemplativo, de linhagem romantica, ungido de ascetismo e contrição: ao contrario, é a inquietação romanesca, a força do desejo, a ansiedade da volupia:

«C'est par la volupté brûlante que l'on touche O monde, à ton âme sans fin».

Póde-se dizer que estes dois versos de *Prière* du Combattant são uma especie de abreviatura que lhe resume a metaphysica do amôr.

Os seus tres unicos romances e quasi todos os seus livros de versos, traduzem-lhe, simultaneamente, a concepção psychologica e ideologica do amôr humano, nas suas impulsões violentas e nas suas loucuras. Alguns dos perguiridores da genese da obra da Condessa de Noailles, sem pretender, todavia, estudar-lhe as razões physiologicas da mentalidade amorosa, justificam-lhe as ardencias do temperamento com as doutrinas e as idéas de Nietzsche, que saturavam o ambiente esthetico do tempo em que abrolharam as suas primeiras elocubrações poeticas. O ideal de Zarathustra resumia a finalidade de todos os espiritos. A intelligencia da poetisa desperta sob os effluvios de uma geração ultraromantica. Masson, fixando em duas linhas o panorama desse momento intellectual, assignala que a literatura estava no cio, dando-nos a lembrar uma floresta de Pans e Sylvanos lubricos. O instincto da vida ardente e livre se sobrepunha a

tudo: — « a hora era de liberdade, de egoismo dançante, de anarchia enthusiasta dos sentidos ».

Seria natural que Mme. de Noailles, cuio nome se irradiava com o advento de Cœur Innom= brable, não podendo resistir ás influencias do meio e do momento, se contaminasse das manifestações literarias dessa época. E assim aconteceu. Não poucas de suas attitudes lyricas são decorrentes de incursões philosophicas pelas searas do autor de Par delà le bien et le mal. A terceira parte de um de seus melhores livros de versos. Les Forces Eternelles, denominada « Poème de l'esprit», é bem uma evocação nietzscheana. Todavia, nos romances, são typicamente romanticas as suas fontes de inspiração. Nas paginas de Domination, a figura d'annunziana de Antoine Arnault, amado, cobiçado e requestado por todas as mulheres, inclusivè a propria cunhada, é uma creação caracteristica. Em Nouvelle Espérance, outro romance que é um poema de amôr e sensibilidade, a heroina suicida-se, á maneira romantica, por não ter tido a gloria de ser amada exclusivamente pelo homem a quem se devotára de corpo e alma. «Sabina,—refere a Condessa de Noailles,—representava o prazer e a morte, de um modo agudo e simples, pelo gosto que tinha da tepidez e pelo medo do fremito ». No Visage Emerveillé, de cadenciados periodos lyricos, avulta uma sóror, ardente e sensual, profundamente amorosa, virtualmente romantica.

E' assim a sua prosa. E não havia exaggero

em dizer que tambem a sua poesia, do mesmo passo, se resente de identicas influencias. Ahi, no emtanto, a sua imaginação, os seus enthusiasmos, a sua sensibilidade fremente e cheia de inquietações, lhe são o indice das tendencias modernas, denunciando, de quando em vez, as furtivas analogias com os mestres de hoje. Ao geito de Régnier e de Griffin, os seus versos cantam, em freneticas effusões, a alegria pagã e a harmoniosa vida dos sentidos. As exaltacões de sua «âme faunesse», nos poemas pastoris e idullicos de L'Ombre des Jours; o seu culto á natureza, aos jardins, ás hortas, ás folhas, ás flores, aos fructos e ás estações; e o seu enlevo pela alma das paizagens, pelos horizontes campestres, fazem-nos lembrar a arte de Francis Jammes. Ainda mais: os seus impetos e as suas inquietações, o sensualismo dementado torvelinhando sobre o seu pensamento de artista, nos deixam o travo de Baudelaire; e o rythmo, a côr, o perfume e a melodia dos seus versos, a sua deliciosa musicalidade, evocam o echo redolente das estancias verlaineanas. Como quer que seja, é difficil encontrar-se um mais ardente interprete de amôr.

A guerra, nas suas horas de angustia, nos seus instantes de soffrimento, alanceou-lhe a alma de franceza, e tambem lhe foi, nos ultimos livros, o leit-motiv da inspiração conturbada. Reflectiu-lhe, em Vivants et les Morts, a pura belleza dos sacri-

ficios, traduzindo-lhe, em Honneur de Souffrir, os heroismos e as atrocidades, com aquella faculdade viva de sentir que lhe era o traço característico do temperamento. Os poemas iniciaes de Forces Eternelles foram também consagrados ás suas visões tragicas.

Em outros livros posteriores, são de outra ordem os aspectos do talento de Mme. de Noailles. Mas persiste o seu poder extraordinario de transpôr os estylos e unificá-los, conduzindo as idéas para o dominio das suas ardencias transitorias, dos seus fervores pagãos, por intermedio de analogias, de correspondencias sensiveis e, sobretudo, da surprehendente elasticidade exegetica da palavra, do verbo polymorpho, de raro metamorphismo, que, nos seus poemas, tem uma força expressiva, quasi milagrosa. Exactitudes, por exemplo, uma de suas derradeiras collectaneas, é uma hora de calmaria espiritual na tempestade de suas febres e fantasmagorias. No Livre de ma vie, que veiu a lume alguns mezes antes de sua morte, está o memorial de sua vida, a sua autobiographia, as etapas coruscantes de uma existencia de sombras e claridades. E' um livro de lembranças, onde estão fixados, com aquella opulencia vocabular que lhe conhecemos, os episodios mais singulares de sua vida e de suas aventuras de «femme-ès-lettres». Que colorido de imagens! Que profunda e omnisciente maneira de julgar e comprehender os acontecimentos! De vez em vez, no transcorrer desses

capitulos desbordantes de interesse e curiosidade, como fogos de artificio, um conceito sisudo, um dicto malicioso, uma ironia mordente, um brocardo faiscante, um remoque subtil, uma anecdota, uma satira, uma «boutade», e, de leve, por sobre todas essas manifestações da intelligencia, sempre a idéa, aligera e esvoaçante como uma libellula. Os contactos que teve com os homens politicos e as grandes figuras intellectuaes do seu tempo — Jaurès, Mistral, Barrès, Rostand, Loti —, para alludir apenas aos mais eminentes, ahi revivem, tomam fórma, e se corporificam, sob a scintillação do seu espirito e da sua eloquencia.

Acabo de reler, pagina a pagina, com animo desprevenido, a obra inteira da Condessa de Noailles. Todos os seus livros de prosa e verso estão aqui sob os meus olhos, revolvidos e annotados. Galeria de paradigmas proteiformes, ahi se encontram. evidentemente, exemplares de maiores e menores dimensões. Não era possivel elaborar-lhe o florilegio da intelligencia cultissima, e exalcar-lhe o espirito, sempre em dia com o movimento universal das idéas, sem fazer um passeio amavel pelas alamedas do seu jardim, pelas docuras desses logares amados que, não obstante percorridos tantas vezes, ainda me deixam na retina, no olfacto e na imaginação, qualquer coisa de inedito e de saboroso. Nenhum outro poeta, em lingua franceza. cultivou a sua arte com maior sinceridade. Nas minucias e no conjuncto, é de prodigiosa harmonia e

de singular unidade a impressão que nos transmitte o seu talento de escriptora. Não sei, a bem dizer, onde elle se mostra de maior enfibratura: se nos remigios dos Eblouissements, obra-prima de engenho e sensibilidade, ou em Honneur de Souffrir. onde se extorce a sua alma desencantada, livro de descrença, de renuncia, de sombrio desespero, que parece o ponto mais elevado a que se alçou o seu espirito. Não ha que relevar este poema ou aquelle fragmento de prosa, - toda a obra de Mme. de Noailles é de um rythmo perfeito, de um rythmo prolongado, que lhe reflecte a nobreza da sensibilidade e o temperamento do artista. Tudo lhe obedeceu ao ruthmo da linha. Tudo lhe foi ruthmo na vida e na arte. A intelligencia, o instincto, a sensibilidade. As idéas, o estulo, a harmonia das palavras, a magia de sua concepção do Universo. A propria morte, - objecto de sua repulsa e do seu amôr, que lhe foi uma das grandes fontes inspiradoras. Tornando-se-lhe inimiga implacavel, na juventude, quando sonhava immobilizar a existencia. sempre em marcha accelerada, pensou depois em subsistir além-tumulo, desejou ser a morta preferida pelos vivos. Contemplou-a face a face, nos dias nublados do outono, meditou com serenidade sobre os seus enigmas, verificou como é precaria a immortalidade sobre a terra, e deante do resplendor da vida, fragil e ephemera, com a certeza do final ineluctavel, a sua sensibilidade, já sem reacções, não manifestou mais nenhum movimento

de ameaca ou de revolta. Vendo-a e sentindo-a, sob estados d'alma differentes e ás vezes contradictorios, era comprehensivel que diversos e antagonicos fôssem o seu modo de vêr e sentir, por entre as multiplas expressões de sua arte. O amôr foi o assumpto de seus tres unicos romances. O sentimento doloroso da realidade da morte foi a idéa dominante, o pensamento supremo que agitou, articulou e sensibilizou toda a sua poesia. De estrophe para estrophe, com accentuada resonancia philosophica, o problema insoluvel da vida e da morte,-da vida em acção e em movimento, contrapondo-se á estabilidade glacial do nada, manifesta-se em progressão rythmica. O seu pensamento e o seu destino voltaram-se para a morte, numa perpetua obsessão. A equação da vida, onde o finito e o infinito se entrechocam como duas incognitas hostis; a antithese do amôr e da morte, que corresponde ao dualismo de toda a concepção humana; as forças da vida e as contingencias da morte, creando e destruindo simultaneamente, - eis, em sunthese, a estructura ideologica, a expressão secreta da sensibilidade e da arte nos poemas da Condessa de Noailles. Todos os seus livros, as suas elegias mais tocantes, os seus threnos mais enternecidos, estão infiltrados da concepção philosophica da vida e da morte. Insubmissa, rebellada contra as determinações do destino, ella fez da vida e de todas as suas fórmas magneticas um voluptuoso e frenetico poema de amôr e de amarga perversidade; e fez da morte, dos seus mais tenebrosos aspectos, um estado inquieto de desejo, um rythmo permanente de sensibilidade.

A critica, se tentasse analysar as formulas superiores, o sentido cosmologico e metaphysico de seu pensamento, os elementos technicos de sua composição artistica, teria ainda horizontes amplos e indescortinados para distender a sua visão. Ha muito que estudar e que pensar na obra de Mme. de Noailles. Os seus prismas luminósos fazem acreditar que a sua gloria não desapparecerá com a nossa época. E essa obra, pela consistencia dos alicerces, resistirá como um documento impressivo na historia da literatura franceza contemporanea, relembrando o nome da poetisa genial, que transformou a vida e a natureza num festim bacchico para os seus sentidos, e que, pelas emoções, pelas sensações e pela melancolica resignação deante da morte, tornou imperecivel a sua arte harmoniosa e conciliadora.



## ANATOLE, SEMEADOR DE DUVIDAS

Com Anatole France, desappareceu o mais classico dos escriptores francezes e o mais latino dos pensadores contemporaneos. Para Lemaître, que o admirava como ninguem, ter-se-ia despetalado a «extrema flôr do genio latino». Da obra que nos léga esse homem extraordinario, obra que encerra e resume seculos de arte e seculos de pensamento, traduzindo-lhe a vida, que não foi senão uma voluptuosa peregrinação através das velhas edades e das experimentadas sabedorias, tudo o que se disser, por melhor que se diga, será sempre incompleto e precario. Fixá-la, de um só traço, é o mesmo que fazer a synthese das modalidades superiores e desconcertantes que lhe perpetuam a grandeza. É descortiná-la na visão do seu espirito luminoso, no irradiar de seu genio sobre as outras literaturas, na sua influencia decisiva sobre os escriptores de seu tempo, no cabedal immenso de cultura greco-latina, que foi dispersado em todas as suas paginas. É, sobretudo, saber sentí-la por entre a musteriosa seducção de uma arte, que obedeceu a leis immutaveis e a formulas definitivas. A sua complexidade abrange todas as épocas do pensamento. É obra de escriptor e de poeta, de artista e de philosopho, de moralista e de critico, de estulista e de homem de genio. Sim, homem de genio, que ninguem o teve maior no tempo em que viveu, genio instinctivo e cyclopico de homem, que fez da vida um paradoxo consecutivo, sem jámais interpretá-la senão pela craveira da graça e da medida, do rythmo e da harmonia. Anatole creou a vida, amou-a sobre todas as coisas. Teve para os homens uma ironia piedosa e um «terno despreso», que era ainda, na sua bondade, uma especie de remissão ás fraguezas humanas. Póde-se dizer que essa mesma ironia lhes descobriu e penetrou as inferioridades irremediaveis. Mas, ungido de misericordia, o escriptor absolveu-as indulgentemente, com aquelle sorriso «amer et moqueur», que faz o supremo encanto de sua intelligencia e de sua arte. A vida, porém, foi-lhe o maximo attractivo, na congérie de decepções e ridiculos que a magia de seu estulo velou, ironizando-os embora. Sobre os seus tormentos e peripecias meditou e duvidou, fez um compendio de sabedoria e diffundiu-o, prodigamente, ao geito daquelle sabio abbade Cognard, de um dos seus livros mais perfeitos. Meditar e duvidar foram as funcções precipuas do espirito desse homem de idéas da estirpe de Platão e de Montaigne. Com Anatole estava sempre a duvida. «Doutons de tout, je le veux bien. Mais le doute ne change pas les conditions de la vie». Solitario, de uma sensibilidade vibrátil e aquçada, tendo passado a vida embrenhado «nas silenciosas orgias da meditação», nos seus livros, construidos com aquella pachorra amorosa e erudita de Monsieur Sariette, da Révolte des Anges, não se aprende apenas a sentir e a escrever. Aprende-se a meditar, a comprehender e a pensar. As suas idéas, entretanto, não eram, não poderiam ser para o suffragio collectivo de nosso tempo e da nossa incultura. Por isso, não houve quem lhes não arquisse o anachronismo, classificando-as de retardatarias, como se dimanassem de um homem de outróra, sem a nervosa impaciencia do seculo em que florescia. A verdade é que esse peregrino se perdera na travessia das velhas civilizações, que lhe contagiaram o espirito das sumptuosidades e magnificencias de sua historia, para que elle pudesse reflectir em sua obra, no extremo apuro de uma arte que satisfazia, por equal, os simples e os refinados, as bellezas maravilhósas que lhe tinham despertado a universal curiosidade. Mas que prodigioso reflexo! Com elle, conduzido pelas mãos augustas desse mago, em Thaïs, vamos sentir a volupia, os peccados e o ascetismo religioso de Alexandria. Vivemos, em Sur la pierre blanche, os dias radiósos da antiga Roma, na intimidade dos deuses immortaes e corrompidos. Contemplámos, nas paginas de *Clio*, a formosura da Grecia eterna e os anseios da alma pagã. *Puits de Sainte-Claire* leva-nos, em excursão, pela Roma dos Papas, dos monasterios e dos santos capripedes. O esplendor da arte florentina revive em *Le Lys Rouge. Vie Littéraire* é o memorial de suas observações impressionistas através dos homens e dos livros. *Jardin d'Epicure* é a philosophia da vida...

Não foi só. No espirito do philosopho, como suave refugio ás suas profundas cogitações, está immersa a alma do poeta. Anatole escreveu versos por arbitrio inelutavel do temperamento. Na melancolia das estancias de *Leuconoé*, sonorizou as inquietações da mulher oriental, mystica e sonhadora, procurando, debalde, a quem confiar «l'ardente et lourde fleur de son dernier amour...» Nas estrophes dos *Poèmes dorés* transparecem, de envolta com o «sensualisme raffiné» do escriptor, os accentos afflictivos da insatisfação do artista. Em *Noces Corinthiennes* sente-se-lhe a influencia do lapidario dos *Poèmes antiques*, na estreita affinidade de imaginação plastica.

No turbilhão de um seculo vertiginoso, esse irresistivel encantador fez o milagre de passar a vida a pensar. Já se chegou mesmo a affirmar que ninguem deu mais verdade ao sentido etymologico desse verbo. «O homem nasceu para comprehender», está inserto nas paginas do Bal=thazar. Adstricto a esse aphorismo, Anatole viu tudo, leu todos os livros, analyzou todas as subti-

lezas da vida e tudo amou, por ter sinceramente vivido. Surprehendeu os aspectos multifarios e contradictorios do pensamento; e, através do esmalte de sua prosa e da clareza de seu estylo, com uma tolerancia sorridente, deslizam os sentimentos e as idéas que lhe foram a affirmação do genio.

O estulo de France... Eis o segredo do seu fascinio. O pensador, sob o imperio de sensações e impulsões desconhecidas, limitava-se a crear a substancia espiritual de sua obra. Era outro, porém, o papel do artista, que se apoderava das idéas, que as modelava e remodelava, que lhes dava malleabilidade e colorido, cepilhando-as, rando-as, sensualizando-as, na volupia do estulo, esse estulo translucido e correntio, de ondulações suaves e sonoras, limpido como um veio crustallino. A apparente illusão de sua simplicidade é que nos engana e deduz. «Je dirai donc, que, s'il n'u a pas proprement de style simple, il u a des stules qui paraissent simples, et que c'est précisement à ceux-là que semblent attachés la jeunesse et la durée» - está escripto no Jardin d'Epicure. Para o grande artista, a funcção arte — esclarece um postulado inscripto na Vie Littéraire — é agradar, e os seus prazeres não devem causar a menor fadiga. Com esses prazeres da arte, quem melhor se deliciou do que Anatole? Gosou-lhes o penetrante deliquio, e, de sensação, em sensação, de volupia em volupia, dentro desse « metal de Corintho », que era o seu estulo,

(a imagem é de Lemaître) dominou as palayras, submetteu-as, dóceis, ao servico da emoção e do pensamento. Escrevendo «il éprouvait cette douceur cruelle que donne aux âmes voluptueuses, la beauté des formes vivantes». Consoante a sua propria assertiva, em arte o que contava era o estulo, e para o espirito francez a clareza era tudo: «...les trois qualités de l'esprit français, d'abord la clarté, puis encore la clarté, enfin la clarté...». Ainda sobre o estulo, um dos mais ferventes cultuadores de sua obra aventurou esta imagem irreprehensivel: «o estulo de Anatole é como a agua de uma fonte clara. Limpido, parece dissaborido; indolente, parece facil. Nada mais saboroso do que essa aqua pura, nada mais difficil do que essa facilidade». France fez a conquista de um estulo, classico na pureza da fórma, na estructura das idéas; attico, por suas qualidades de gosto, clareza, concisão, ordem, equilibrio, simplicidade. Dentro desse estulo inconfundivel, á sua maneira, via os homens e contemplava o mundo social, que, para elle, no dizer de Bourget, não era mais do que «une immense duperie chez les naïfs et chez les autres une immense hypocrisie ».

Discipulo de Renan, são directas as suas affinidades com o mestre. Não apenas pelo estylo, ondulante, fluido, de um contorno indeterminado, mais colorido que o de Racine e talvez com a mesma flexibilidade do de Bossuet, senão pela

combinação surprehendente das idéas, pela maneira imprevista de pensar, modificando as fórmas do espirito humano. A obra de Anatole, como a de Renan, dá-nos a impressão de uma paizagem á meia-sombra, cuja belleza não empolga á primeira vista, mas logo, de começo, se insinúa, para dominar em seguida. Entretanto, evidentes que nos pareçam as suas affinidades com varios dos grandes classicos francezes - Anatole tem a concisão de Voltaire, a sensibilidade de Racine, o espirito e a justeza de Pascal, a penetração de Montaigne -, o seu classicismo tem sido materia de acirradas controversias. Nega-o Gonzague Truc, em seu substancioso ensaio sobre a obra de France (Les Maîtres de la pensée française), cuja opinião foi homologada por um critico de valor - Jean Jacques Masson, em recente monographia. Seria essa, comtudo, a corrente dominante? Anatole não teria sido, devéras, na actualidade, o unico escriptor classico de sua lingua? Indagação capciosa, absolutamente superflua para quantos lhe conheçam a pureza do estulo e a indole castica da linguagem.

Não intentaremos discutir a «maneira» do mestre, planejando uma incursão por entre os marcos millenarios de sua obra encyclopedica. De qualquer fórma, porém, sentindo-lhe o contacto, com a admiração que temos pelo escriptor e pelo artista que nella transparece, cumpre antes de examiná-la mais demoradamente, lembrar o nome

de um outro escriptor contemporaneo, Remy de Gourmont, onde são flagrantes as approximações, os pontos communs, vale dizer, as estreitas affinidades de idéas e de estylo entre a sua obra e a de France. Talvez que o ironista dos Épilogues não tenha o mesmo atticismo de Anatole. Mas terá, com certeza, uma sensibilidade mais inquieta, um estylo mais rutilante, e as suas idéas, sem duvida alguma, terão mais profundeza e complexidade. Ademais, Gourmont, quando se faz necessario, é aggressivo e a sua dialectica posteja. Emquanto que France, impassivel, ironico, conserva o recato dos espiritos á espreita, ainda quando destroça, como aconteceu a Ohnet, naquella pagina demolidora da Vie Littéraire.

Descortinemos agora, de relance, a intuição das idéas desse pensador singular, que tem uma ironia amavel para todas as coisas e um sorriso sceptico para todas as verdades. Qual a religião de France? Qual a sua philosophia? Qual a sua arte? Todos esses problemas lhe não escaparam á pesquisa do grande espirito. Nada lhe ficou por investigar ou deduzir. Nenhuma crença, nenhum systema philosophico, nenhuma religião. Quem lhe conhece a obra não póde affirmar que France fôsse um inimigo ostensivo e implacavel da Egreja. Combateu-a, e não poucas vezes, combateu-a rudemente, mas o seu ponto de vista religioso não era o de um sectario. Antes, era o de um contradictor tolerante, que aprendeu a duvidar dos mys-

terios e dogmas religiosos no seio da propria Egreja. Fez como Renan. Perscrutou-lhe demasiadamente os principios e as origens, os erros e as mystificações. Mas á visão dos defeitos dos idolos christãos, teve coragem de criticar-lhes as demasías e as falsas bases da fé. Duvidou. No Jardin d'Epicure, eixo central de sua philosophia e de suas idéas, livro para onde elle trasladou, em verdades que parecem paradoxos, a experiencia de seu aprendizado na vida e de suas desillusões, estão provados os motivos dessa descrença. France, todavia, não era um atheu. O desaccordo da phusica christã com a sua cosmogonia, lhe revela o indice da videncia de artista, ou, se quizerem, do seu temperamento de voluptuario, que não comprehende arte e religião sem um sensualismo quintessenciado. France insurgiu-se apenas contra o fanatismo christão. Não se diga que em Thaïs esteja o seu pensamento religioso ácerca do Christianismo. Todo o seu esforço, nesse livro, convergiu para mostrar que a religião christã, poema enlevante encastoado de lendas e de muthos, teria outras seducções e outros encantos, isenta das cequeiras do fanatismo. Dahí, a figura do cenobita, meditativo e austero, ciliciado na abstinencia, no jejum e na maceração, Paphnuce de Thebaida, que é a caricatura da doutrina de Jesus; e, contrabalançando-o, o velho Palemon, Timoclès, Nicias, homens de fé e de virtudes sinceras. Quando discute os dogmas da Egreja, a alma do epicurista e

a ironia do sceptico animam o pensador. A ironia do artista, a piedosa ironia de Anatole... E' ainda no lardin d'Epicure, que vamos encontrar o texto revelador: «A ironia que eu invoco não é cruel. Não zomba nem do amôr, nem da belleza. E' doce e benevolente. Seu riso acalma a colera. e é ella que nos ensina a desdenhar dos tolos e dos maus, que, sem o seu concurso, poderiamos ter a fragueza de odiar». A sua obra inteira está impregnada dessa ironia amavel, ironia sem crueldade, que lhe define o sentimento da arte e lhe explica o seu culto á belleza. Mas, seria possivel a ironia de France, sem as docuras do scepticismo amargo e consolador, que nos alarma, mas que nos convence? Elle proprio (Paul Gsell. Les Matinées de la villa Saïda) julgava compromettida a accepção do vocabulo, applicado á sua pessôa, com o synonymo de negação e de impotencia, quando os grandes scepticos, a seu vêr, foram os mais affirmativos e os mais corajósos dos homens. O scepticismo, outra feição de sua ironia, « era a luta contra a ignorancia que estupidifica, contra a intolerancia que tyranniza, contra a crueldade que tortura, contra o odio que mata». E' outro, nada obstante, no Jardin d'Epicure, o seu conceito sobre a ignorancia, que elle considera «a condição necessaria, senão da felicidade, mas da propria existencia. Se nós soubessemos tudo, accrescenta, não poderiamos supportar a vida por uma hora. Os sentimentos que no-la tornam dôce, nascem da

mentira e se nutrem de illusões ». Semeando duvidas, France, por sua vez, duvída. A ignorancia é indispensavel à existencia? A crueldade é generosa? O odio é um balsamo? Paginas adeante, nesse mesmo livro, eis Anatole a nos mostrar as virtudes da intolerancia e as munificencias da crueldade e do odio. Em tudo, o seu profundo scepticismo. Esse homem que viveu a pensar, negava o pensamento, julgando-o um veneno perigoso, a origem de tres quartas partes de nossos males (Jérôme Cognard). Esse homem, assombrosamente intelligente, negava a intelligencia, suppondo-a desnecessaria á vida, contraria ao genio da especie, sem accão e sem reacção sobre a existencia dos seres, fazendo o effeito, se penetrasse na massa humana, «de uma solução de ammoniaco em formiqueiro... » (Pierre Nozier). Mas, apesar do imprevisto de tamanhos paradoxos, não acreditaria esse pensador singular na hegemonia da intelligencia, na sua ascendencia espiritual, na sua evidencia inquestionavel? A duvida de Anatole... Entretanto, a faculdade de crêr, nesse homem imbuido de scepticismo, é mais atilada e vigilante do que em qualquer outro. France crê na bondade e na belleza, preferindo-as, como repetiu muitas vezes, á propria verdade. Esse «désireur», como lhe chamavam os Goncourt, crê e mente, como o dr. Trublet, de sua deliciosa Histoire Comique, que não podia e não sabia consolar sem mentir-A obra de Anatole France não é só um

fremito de intelligencia, em plena actividade. E' tambem um fremito de volupia permanente. Nella transpira o sensualismo de suas paixões e de seus requintes aphrodisiacos, seja na simplicidade esthetica com que esboça o periodo ou no voluptuoso ardor com que fecunda e concebe as idéas: « Nous pensons avec des mots; cela seul est sensuel et ramène à la nature». De quasi todas as suas mulheres se evóla, penetrante e fino, um suave aroma de carne, que conturba e elanguesce. Ao pintá-las, o seu pincel desnuda-lhes as curvas e as axillas, sentindo-se, através das penumbras, dos contornos e dos perfumes, a insaciada lubricidade do artista. Não em poucos de seus livros, denunciando-lhe o hedonismo, aflora esse prurido fescennino. As mulheres que palpitam na sua obra, por ardentes e excitantes, se assemelham umas com as outras. Anatole fareia-lhes o instincto e a belleza. São todas irresistiveis. Perturbam e embriagam, dando-nos a illusão da vida e da vertigem. «Ce qui fait le monde, c'est la femme. Elle y est souveraine: rien ne s'y fait que par elle et pour elle» (Jardin d'Epicure). A sua galeria é como um kaleidoscopio de figuras vivas e inquietas, aureoladas de amôr e de desejo. A colleante Gilberte Aubels, da Révolte des Anges, « que tinha a arte de se despir facilmente, sabendo como é necessario á mulher estar núa e proveitoso ostentar a sua belleza». Thaïs, a fascinante cortezã, «que tinha os olhos humidos e cheios de relam-

pagos, as narinas frementes, a bocca entreaberta, o seio em flôr e os bracos como dois regatos». Mme. de Gromance, a delirante numphomana do L'An= neau d'Amethyste, que, «com docura ou á força, inspiração natural ou sciencia profunda, obtinha mais liberalmente do amante adolescente as realidades do amôr ». A condessa Martin-Bellème, do Le Lys Rouge, «faite pour l'amour», de impeccavel correcção plastica, amorosa, perfida, lasciva como uma gata. Todas essas creaturas formósas. e mais outras ainda, de livro para livro, se originam dessa «joje charnelle» do mestre voluptuario, alegria carnal que é uma especie de derivativo ao seu scepticismo e á sua ironia. Um dos mais eloquentes e persuasivos exegetas do espirito de France, alludindo a esse pendor animal do artista insigne, teve esta phrase, que lhe define o sensualismo exaltado:...«il la campe -- referia-se á mulher sob o aquilhão de sua visualidade sadica -dans toutes les positions, l'habille, la devêt, la relève, la fait marcher, s'asseoir et jusqu'à aimer devant lui ».

Ha, tambem, na configuração polymorphica do espirito do autor de *Sylvestre Bonnard*, uma faceta que não deve ser descurada. Referimo-nos ao seu apostolado civico, na questão Dreyfus, cujo reflexo lateja na satira de *L'Ile des Pingouins*. Desse momento dramatico começa a historia do homem de acção, revolucionario, campeador inflexivel contra as injustiças, agitador e politico, poli-

tico nas suas varias modalidades —o livre-pensador, o socialista, o republicano, embora fôsse um republicano que houvesse nutrido as suas idéas democraticas sob o Imperio, se dérmos credito ás confissões de Monsieur Bergeret, no Orme du Màil. Essa historia prolongou-se até ás vesperas de sua morte. Na Grande Guerra, vemos o democrata, o socialista, o laico, o anarchista, mas sobretudo o patriota, com setenta annos de edade, vestir a farda humilde de «caporal», e seguir para o front, em defesa da nacionalidade.

Mas o que ninguem poderia seguer suspeitar é que, com esse espirito de energia e de accão. posto ao servico da guerra, Anatole a execrasse, tivesse pela querra uma aversão instinctiva, considerando-a um crime contra o genero humano. Uma vez, dirigindo-se a uma delegação de senhoras americanas, em Paris, as palavras candentes do seu discurso foram assignaladas por todos os jornaes da época: «D'ores en avant, haïssez la guerre d'une haine inextinquible. Haïssez-la en contemplant ses ruines; haïssez-la en la voyant dans les ornements du triomphe, avec les palmes de la Victoire. Que votre haine lui soit mortelle. Tuez-la». E em uma de suas ultimas paginas, este apophtegma que lhe traduz a repulsa innata pela guerra: «Aimer la guerre parce qu'elle fait des héros, c'est aimer le croup parce que des médecins et des infirmières sont morts en voulant sauver un enfant».

Em seus ultimos dias. Anatole contava-nos amorosamente a sua vida. Fê-lo, primeiro, em Pierre Nozier. Depois, em duas autobiographias notaveis. - Petit Pierre e La vie en fleur -, descreve os episodios risonhos de sua infancia e relembra a historia da formação de seu espirito e de seu caracter. Ao falarmos, porém, de sua juventude, não podemos esquecer o «entretien» que, no transcurso dos seus oitenta annos gloriósos, teve o «Nestor de literatura contemporanea» com o seu antigo secretario, o eminente critico Iean-Jacques Brousson, esse mesmo Brousson que, desprimorosamente, logo depois de sua morte, escreveu dois livros de amarga perfidia, em desprestigio do grande nome do amigo e mestre. France refere-nos, esboçando o seu derradeiro sorriso de graca e de ironia, que conseguiu ser «immortal» aos quatorze annos, mas «immortal» da «Academia de Emulação», fundada, no collegio Stanilas, por um padre original, o abbade Lalanne. Para ensinar geographia aos discipulos, o bondoso sacerdote transformara o seu jardim em uma carta phusica da Franca, Brousson affirma que o santo abbade, creador da «Academia», reunia aos ardores do apostolado as visões da prophecia: «já naquelle tempo previra o autor de Thaïs e de Jeanne d'Arc...»

Que mais se poderia dizer ainda dessa grande carreira de escriptor? A pratica da obra de Anatole France é uma das mais fecundas para o espirito. Em toda ella, pensando e meditando, o

semeador plantou a duvida, a duvida methodica, irreconciliavel com a verdade e com a rotina. Dirse-ia que eram suas as palavras de Pierre Baule: « Mon métier est de semer des doutes ». E andou por todas as literaturas, visitou povos e civilizações, abeberou-se das fontes sagradas, fez-se observador sceptico do espectaculo da vida, tudo viu, de tudo sorriu e duvidou. Em um dos seus grandes livros—Le Génie Latin—, na pagina consagrada a Jean Racine, Anatole nos fala do pavor da morte, que atormenta, sobretudo, os seres de imaginação viva. Salvavam-se os homens de fé, porque é sempre na hora extrema que triumpha o Christianismo. Mas France era a encarnação da descrença, e mesmo vendo o esgar da morte, deante da realidade esmagadora, esse obstinado sceptico devia ter ainda um sorriso nos labios gelados, o seu eterno sorriso da vida, a sua eterna duvida, mas desta unica vez, quando já estava desbaratado e quasi morto.

1927.

## SOBRE UM RETRATO DE PETRONIO

### SOBRE UM RETRATO DE PETRONIO

Á Historia absorvida na faina vertiginosa de accumular, classificar e commentar os acontecimentos, explicando-lhes os phenomenos da evolucão, através das dissertações da critica e das da philosophia, pouco interessára. abstracções isoladamente, a figura singular do amante mulher de Tiberius Sextus Gracchus. A não ser o de Tacito, que fez suscitar tantas duvidas, entre os historiadores antigos e modernos, sobre a verdadeira identidade do «arbitro das elegancias», não ha noticia de um outro retrato que lhe reflectisse, ao menos, o caracter, a finura e as excentricidades do espirito irreverente e ironico. Petronius, consoante as affirmativas dos textos historicos, foi apenas um aulico de talento da côrte de Claudius Nero. a quem attribuiram o Saturicon, obra corrosiva e licenciosa. Compromettido em uma conspiração e victima das perfidias de Tigellinus, antes de abrir as veias e renunciar á vida, crivou de epigrammas o imperador ridiculo e deshumano. Não esqueceu a Historia, todavia, de assignalar que esse epicurista

tivera um gesto pagão na hora derradeira: despedira-se da vida, ouvindo o rumor de beijos, aspirando o perfume das rosas e embriagando-se com o vinho dourado de Syracusa.

Foi um romancista do paiz dos steppes gelados, o polaco Sienkiewicz, o primeiro a revelar, ainda em leves esfumaturas, de onde já transparece o encanto de seu espirito subtil e flagellador, a vida do «precursor da galanteria», que tinha no aflorar de cada sorriso uma graça zombeteira e mortal, e na esthetica de cada gesto cavalheiresco os requintes voluptuarios de quem aprendera a amar e a ser amado pelas mulheres mais seductoras do seu tempo.

Ainda hoje, entretanto, por mais que os historiadores se tenham perdido em excavações de toda ordem, revolvendo archivos e manuseando seculares palimpsestos, não está perfeitamente identificada a personalidade do autor do Satyricon. Não se póde affirmar, ao certo, se esse livro famoso que tantas controversias tem levantado, foi devido ao engenho do consul Caius Petronius, o sybaritico cortezão de Nero, que Tacito, denomina «arbiter elegantiæ», ou se foi escripto, o que parece mais provavel, pelo romancista Titus Petronius Arbiter, como asseguraram não poucos escriptores versados em assumptos da antiguidade classica. Remy de Gourmont, com aquelle invejavel escrupulo e com aquella profundeza de visão com que penetrava e debatia as questões, em um

de seus livros (Promenades Littéraires, série V), alludindo á traducção da obra de Petronio, feita por Laurent Tailhade, estende-se em considerações interessantes, que lhe definem os pontos de vista. Se dérmos credito ao que assevera o reputado critico francez, não póde haver mais duvidas no espirito de ninguem sobre os aspectos obscuros desse problema historico, de vez que está provado terem existido, em realidade, dois Petronios distinctos e difficilmente confundiveis. IIm delles usava o prenome Titus, e trazia o sobrenome de Arbiter; e o outro, que era Caius, com o sobrenome desconhecido, classificado por Tacito sob diversos epithetos, que os historiadores, ao sabor de suas preferencias, vêem repetindo indifferentemente. Gourmont, em abono de seus argumentos, invoca o juizo de Voltaire, que, a seu vér, collocou cada Petronio no verdadeiro logar, e desfez em absoluto, a versão geralmente tida por legitima, attribuindo a Caius Petronius as paginas do Satyricon, nas quaes se affirma, erroneamente, estarem reproduzidas as scenas de crueldade, de prazer e de luxuria desenfreada da côrte de Nero. O mestre insigne de Culture des Idées deixa-nos a convicção de que o Saty= ricon não é uma obra traçada por um contemporaneo do desbragado e dissoluto imperador. Aliás, com elementos probantes de indiscutivel authenticidade, um notavel erudito, J. N. M. de Guerle, já havia sustentado identico raciocinio

e chegado ás mesmas conclusões, quando, através de um ensaio de pesquisas historicas - Recher= ches sceptiques sur le Saturicon et son auteur. que precede á traducção da satira de T. Petronius, elaborada por Héquin de Guerle, analysa e commenta a personalidade de seu autor. Trata-se de um depoimento precioso para os que se consagram aos estudos petronianos, e onde se colligiu tudo o que de authentico e de falso, de risivel e de contradictorio se escreveu sobre a obra decantada. E foram tantos e tão numerósos os seus interpretes, que De Guerle não hesitou em assegurar não haver nenhum escriptor antigo, salvante Aristoteles, que conseguisse maior quantidade de exegetas. Nada obstante, por mais pertinaz que se tenha mostrado, até hoje, a critica historica, procurando delinear-lhe nitidamente as configurações verdadeiras, a propria Historia, a intervallos, num trabalho simultaneo de decalque, desvirtuamento e destruição, encarregou-se transmudar a physionomia moral do sorridente epigrammista, rematando-lhe as arestas com retoques exaggerados e inverosimeis.

Eis que agora, passada a crise aguda que tanto lhe mortificára a tradição, um escriptor erudito, brilhante e consciencioso — o sr. Fernando de Azevedo, em um livro de idéas e de profunda intelligencia, No tempo de Petronio, sobrepondo-se ao tumulto dos factos e das controversias em que o nosso espirito se perde, e sob o patrocinio da

radiosa autoridade de seu nome, faz exsurgir de novo a figura do «primeiro ironista latino», mas, desta vez, na multiplicidade de seus aspectos espirituaes, por entre as linhas estheticas de um estylo que é a projecção de sua sensibilidade de artista. Petronio, «esse habil voluptuoso, que deu ao governo da Bythinia, o espectaculo imprevisto de um homem de Estado, energico e capaz», e o Satyricon, onde o seu espirito transverbéra e fustiga, obra na qual, consoante a propria expressão do sr. Fernando de Azevedo, «não ha quasi um recanto, por onde não perpasse o sopro caustico da ironia gauleza e da chalaça romana, e não desçam até o chão da mais rasteira e viscosa realidade, as golfadas de luz de concepções penetrantes e graciósas», -são ahi estudados por um critico affeito ás profundas introspecções analyticas, e cuja technica se processa pelo gosto muito mais apurado de explicar que de referir simplesmente os acontecimentos. Todas as etapas da vida de Petronio foram cuidadosamente rememoradas por um evocador intelligente e subtil, que lhe não deixou um só desvão sem o raio de luz de sua curiosidade penetrante. Nesse livro ha como que uma resurreição não apenas do espirito polymorphico do satirico e elegante aulico de Nero, senão do espirito da antiguidade romana, dos seus esplendores, das suas magnificencias. A magia do passado resplende em todos os capitulos. O culto dos prazeres em Roma está descripto

com exactidão, em varias de suas paginas de alto poder narrativo. Mas convem dizer, desde logo, que esse artista, dos melhores e mais fulgurantes da actualidade, é tambem um grave pensador, um disseminador de idéas, que se compraz em exhumar os depoimentos insuspeitos dos historiadores, para com elles, dispondo-os em ordem, investigando as formulas e as leis fixas que lhes presidiram á factura e examinando-os com a serenidade de quem deseja vêr bem para melhor julgar, conseguir abranger no seu livro um estudo completo, como jámais se fez, não só de uma figura do scenario que a sua visualidade de artista focaliza, mas de uma época inteira, sem desnaturar os factos, antes, caracterizando-os, no relevo de surprehendentes perspectivas. São tão diversas e tão harmoniósas essas perspectivas, que não podemos alcancá-las a todas de uma só vez. Obra de reflexão e de experiencia, esse trabalho, acima de tudo, é uma pintura viva da antiguidade classica, uma galeria de retratos ineditos, revelando promptamente a exuberancia de cultura do artista peregrino e insaciado, que foi buscar e reviver as suas emoções nas pristinas fontes da sabedoria humana. Tal é a primeira impressão que nos empolga á sua leitura. Depois, ao contacto de sua curiosidade, de sua ansia de conhecer e divulgar, de suas faculdades de analuse e de observação, de sua technica reconstructiva, deparase-nos o historiador, os largos horizontes de seu descortino, ao serviço do artista, intimamente collaborando nas suas idéas e iniciativas. Tambem o moralista, conjunctamente o psychologo dos sentimentos, simultaneamente o critico, ahi se alternam, prolongando-se e completando-se num esforço prodigioso.

A moral, nesse livro, tem a sua fórma abstracta e systematizada, não desorganizando e supprimindo a vida, á maneira de Paulhan, por effeito de sua propria «immoralidade», mas equilibrando-a, pelo contrario, na sua aspiração superior de bondade e de belleza; e só um arguto psychologo, mas um psychologo que conhecesse a fundo a evolução da vida affectiva e a natureza de todas as emoções humanas, teria ousado realizar esse estudo sobre as mulheres de Vergilio, que ahi desfilam num cortejo impressionante, amorósas e sacrificadas, sob a aureola de uma resignação magnifica, perfiladas de um só traço, aguafortizadas de um só impeto de artista voluptuoso e amargo. Andromaca, entre todas, avulta para os meus olhos na grandeza de seus sacrificios e na tormenta de seus conflictos sentimentaes. Vejo-lhe a figura de lenda, que foi a força inspiradora dos grandes poetas e dos grandes artistas, e comprehendo-lhe a exaltada sensibilidade de mulher, que triumpha e realiza a sua destinação. Nenhuma outra amorosa, dessas que vivem os lances soberbos das tragedias antigas, agiu tão fortemente sobre a minha emoção, com aquella faculdade

sobrenatural que possúem certas creaturas de exercer em nossos sentimentos uma influencia instantanea. Em todos os poemas em que o seu vulto de mulher, através das loucuras, das coleras, dos ciumes desvairados, é o modelo das supremas abnegacões e dos indiziveis soffrimentos, sinto-a cada vez maior e mais transcendente de belleza moral, ora pungente e amargurada, com a submissão humilde do seu proprio destino, como na tragedia de Euripedes, na qual, a um tempo, é victima da paixão de Purrhus e do ciume cruciante e mortal de Hermione; ora na sublimidade do seu infortunio, como na tragedia de Racine, onde a nobreza de seu perfil augusto de esposa e de mãe, no rythmo de alexandrinos immortaes, é o symbolo da angustia humana, que enternece e commove como a physionomia de uma dolorosa Madona de Veroneso. A Andromaca vergiliana, focalizada pelo sr. Fernando de Azevedo, que é o protótypo da fidelidade e da dedicação conjugaes, levadas ao sacrificio, e que só em Creúsa encontra similar, não será, evidentemente, a irmã gemea da Andromaca, da Illiada, que Saint-Victor, no Deux Masques, considera exemplar, irreprehensivel e acabada, «sem o furioso desespero de Hecuba, sem os desregramentos de Cassandra e sem o odio de Electra». Mas é uma pintura que não deixa margem a contestações. E se outro colorido mais impressivo não tivesse, ainda assim, nada perderia do seu fascinio evocador, relembrando-me o nome dessa outra

Andromaca, devotada e purissima como a sua excelsa homonyma, e que, por um dom de Deus, me tem sido, na vida, a alegria creadora, o enlevo espiritualizante, a força luminosa e imponderavel que dirige e domina os meus destinos.

O critico, por equal fórma, não se penumbrou no desenvolver dessas grandes paginas. Teve o seu papel proeminente, desvendou idiosyncrasias e inclinações, coordenou perfeições e virtudes, gizando o commentario subtil e avisado; e, á medida que o historiador resuscitava edades mortas, a sua sensibilidade visual e plastica analysava-lhes a religião, as instituições, as artes e a philosophia. Do concurso dessas aptidões admiraveis pôde o sr. Fernando de Azevedo situar as vigas mestras desses quatro estudos sobre os pensadores latinos, que o livro enfeixa, quatro paginas de cultura classica e de emoção esthetica, onde se desdobram, com a mesma clarividencia, o sentido da verdade e a sensação da vida. São quatro retratos - Lucrecio, Seneca, Tacito e Marco Aurelio, resumbrando de cada um, de par com a sua agudeza de vidente, a intuição do artista, a estabilidade de seu espirito, a extensão e o alcance de seu «coup d'œil», que consequem, ao geito de Taine, fazer dos retratos, ahi revolvidos em todas as suas manifestações interiores, e em todas as suas claridades interpretativas, a sciencia dos caracteres, dos factos e das leis sociaes. No de Lucrecio, o genio excepcional, a influencia sobre os

poetas que lhe succederam, a sublimidade das concepcões, as idéas do seu poema De rerum natura. as poderósas faculdades de interprete da natureza. a belleza de suas estancias didacticas, coloridas pela forca de uma imaginação ensofregada, os seus ataques contra a religião e a sua irreverencia para com os deuses e o passado, a idolatria por Epicuro, cuja doutrina, nos fundamentos de sua moral e de sua metaphysica, lhe parecia a mais susceptivel do aperfeiçoamento na antiquidade, consoante o dizer de Blanchet (Etude sur Lucrèce), todas as variantes, em summa, da intelligencia e da cultura desse poeta dulcissimo, doublé de pensador, que ensinava «a corrigir o amargor da philosophia com o mel da poesia»,foram delineadas por um artista literario, que conseguiu converter as idéas em formulas superiores de disciplina esthetica. Os outros retratos, da mesma sorte, não são menos originaes e de menor valor. O de Seneca, preceptor de Nero, no seu triplice aspecto de poeta, de prosador e de philosopho, revela, antes de tudo, o espirito especulativo do escriptor, em contacto com o pensamento critico e historico de uma época. Em outra pagina, collocado em admiravel relevo, e visto através de suas obras, está a figura do historiador Tacito, que, «entre os latinos, no sentir do sr. Fernando de Azevedo, penetrava mais profundamente no coração humano». Por ultimo, Marco Aurelio, o «Cesar philosopho», estudado por um observador vigilante, que fez da critica uma verdadeira interpretação do sentido intimo dos factos e dos homens, para analysá-los sob a acção simultanea e convergente de suas causas historicas.

Mas, sobretudo, é no retrato de Petronio, de prismas inteiramente novos, na sua psychologia de indiscutivel authenticidade, que o artista, para ser verdadeiramente artista, dispõe dos meios naturaes que nos offerecem as differentes sensações dos sentidos, deixando-nos isolados de nós mesmos, como se fôssemos transportados a um refugio solitario do passado, que a sua arte constellasse de allegorias e symbolos. Para evocar a figura do «precursor da galanteria», tal como ella foi ou como deveria subsistir na Historia, o artista, a largos haustos, se dessedenta na fonte dos classicos latinos, em Tacito, principalmente. De modo nenhum, porém, se despersonaliza. A mirada é sempre de observação directa; e da propriedade de seu commentario deriva o lastro de cultura que lhe foi a directriz nas explorações historicas. Petronio está integral: o acume de sua mordacidade epigrammatica, o seu pessimismo, as suas «idéas socialistas», a sua vis satirica, a maneira de vêr, agir e deduzir, segundo a época, em desaccordo com as circumstancias ambientes, em detrimento dos fantoches de uma côrte que se refocillava nas esbornias de um imperador lascivo e sanguinario. O seu livro Satyricon, que deu ao artista «a impressão da natureza bruta, irregular e magnifica, com seus filetes de agua e catadupas estridentes, com seus vallados boscarelos e mattas de sarraçáes bravios», resume-lhe o caudal ironico, o pendor caricatural de que Trimalchião é o paradigma. A agudeza e os refinamentos do espirito de Petronio, dentro e fóra desse livro, acham-se colligidos e annotados pelo artista, em uma linguagem extremamente sóbria e profundamente eloquente, como se essas duas caracteristicas dispares de seu estylo lhe traduzissem o prestigio e a seducção.

É assim a obra do sr. Fernando de Azevedo. Seria preciso graduar a superioridade de todos esses meritos, para que se pudesse avaliar, de conjuncto, a efficiencia do artista, a elegancia do escriptor e a potencialidade do historiador.

Ainda perdurava em meu espirito a impressão que lhe deixou o grande livro do sr. Fernando de Azevedo, livro dos maiores que têm sahido de prélos brasileiros, nestes ultimos tempos, quando Os Jardins de Sallustio, da mesma dimensão grandiosa, de egual descortino cultural, trazendo a conhecida « empreinte classique » do notavel escriptor paulista lhe proporciona um novo extase. Em meio ás suas paginas de excessivo vigor, traçadas « á margem da vida e dos livros », sentimos outra vez o contacto do artísta inebriante, do amavel pensador, que se constituiu, de um só impulso, um exemplo isolado de reacção, à outrance, contra a investida victoriosa de certa literatura infe-

rior e parasitaria, feita de chumaços e barramaques, mas de exito facil e escandaloso. Resta-nos assegurar, sem temer objecções, que ha cem livros no novo livro do sr. Fernando de Azevedo. Não lhe podemos fazer mais nobre elogio. Mas não estão em causa, neste momento, os conceitos, os pontos de vista, o estulo sumptuario dos estudos fórtes que se enfeixam n'Os Jardins de Sallustio. Como quer que seja, torna-se necessario accentuar, para não perder a opportunidade, que tanto deste ultimo livro, como do No tempo de Petronio, tudo o que se tem dito-refiro-me ás apreciações que chegaram até à Amazonia - é evidentemente mediocre e muito aquem do seu verdadeiro merecimento. A critica parece tê-los mal comprehendido, na sua essencia e nas suas idéas, para relegá-los, assim, a essa indifferenca desdenhosa e suspeita, que seria, antes do mais, um indice desalentado da preparação mental de seus profissionaes, quando não revelasse a nossa apathia e o nosso descaso pelos emprehendimentos sérios e honestos. Sómente a insufficiencia de cultura, incapacitando o julgamento, justificaria um tal silencio e uma tal critica. Porque, devéras, fóra da rotina e distanciadas da salobra fancaria que se vem editando ultimamente, essas duas obras de idéas, para serem bem assimiladas, demandam conhecimentos mais ou menos em equilibrio com a somma vasta de erudição, antiga e moderna, que ennobrece quasi todas as suas paginas. De qualquer fórma, assediado pelo

desdem, pela indifferença ou pela incultura, o espirito do sr. Fernando de Azevedo é uma força em movimento, e os seus livros, com fixarem um estadio culminante na evolução de nossa literatura historica, representam um exemplo de esforço e persistencia, que irá contribuir, em ultima analyse, para estimular, entre os escriptores brasileiros, o interesse e a curiosidade pelos estudos das figuras do passado, no intuito de revivê-las em seus grandes gestos de belleza e de heroismo.

1928.

# EVOCAÇÃO DE UN EXEMPLO

### EVOCAÇÃO DE UM EXEMPLO

(Á margem da correspondencia de Coelho Netto)

Do Rio, um telegramma urgente, ao cahir da tarde de 28 de Novembro do anno de 1934, tão fatidico para os nossos homens de letras: «Doze e cincoenta de hoje morreu Coelho Netto, cuja vida luminosa lhe inspirou tão bello livro. Quero partilhar com você do sentimento de quantos escrevem no Brasil. Abraços. Aloysio de Carvalho Filho».

Eu esperava, com a certeza do inevitavel, a noticia consternadora. Eu já previa o desfecho dessa formidavel tragedia de um espirito que se afunda, se crystallíza e se transcendentaliza, no nirvana incognoscivel, na perpetua immobilidade. Mas não sei descrever, apesar de tudo, a violencia da minha emoção. Aloysio, o meu nobre Aloysio, que se fizera um dos Mestres da Hora na Constituinte, por sua mentalidade de serena har-

monia e pelo seu feitio de homem de impressionante bravura moral, era tambem dos cultores fervorósos desse Principe amado das letras brasileiras, conhecendo, por isso, o tamanho da admiração que eu consagrava ao genio oracular que a morte. inflexivelmente, acabava de abater. Não esquecendo o meu nome no instante angustiado, trazia para a minha sensibilidade a surpreza brutal da catastrophe irreparavel. Dava-me a visão desconfortadora de um gigante vencido, jogando por terra um mundo que vinha de se esboroar. Em verdade, Coelho Netto era o Atlante que dominava, de extremo a extremo, todas as etapas gloriósas de nossa historia literaria. A capacidade de sua obra lembra um Universo, que seus hombros sustentavam, sob a influencia e a propulsão de um systema de forças cosmicas, imponderaveis e incoerciveis. Obra reveladora, com os finos requintes e a sumptuosidade de Saint-Victor, da lavorada contextura dos mestres classicos da lingua portugueza, immensa como a de Balzac, de finalidades psychologicas como a de Stendhal, pura e perfeita como a de Flaubert, sobrelevando-se a todas pela vertigem da imaginação, que lhe foi o milagre supremo do espirito creador.

\* \* \*

Não tive a gloria de conhecer, pessoalmente, esse nobre artista, cuja obra foi de influencia

indisfarçavel em varios aspectos de minha formação literaria. Não, não é verdade! Eu o conheci e o admirei de perto, uma unica vez na vida, e tive, desde logo, pela opulencia de seu verbo, aquella extrema fascinação que a intelligencia produz no animo desprevenido da mocidade. Ainda na primeira infancia, mal sahido dos bancos gymnasiaes para as agrestias da existencia, tangido pelo imprevisto de contingencias inelutaveis, apesar da rudeza dos embates, não me senti com animo de refugir á companhia amavel dos livros, lidos de afogadilho pelas horas mortas da noite, na tregua das lutas quotidianas. A arte desse belluario da prosa tinha para mim um encanto magnetizante. As suas elocubrações de escriptor passavam-me pela retina com aquella volupia quasi sensual com que divisavamos as paizagens seductoras do peccado, na téla de um Fragonnard. Ao lado da Aphrodite, de Pierre Louys, que foi para mim um breviario iniciador, eram as Balladilhas e as Rhapsodias, caprichósas no apuro de suas filigranas, que creavam na minha imaginação juvenil as primeiras velleidades literarias. Cada livro novo de Coelho Netto, por esses tempos fugazes, representava uma alegria nova para o meu espirito. Deixava-me a impressão de uma floresta encantada, de arvores frondósas e de mysterios insondaveis, por onde, inebriado, eu penetrava, como se penetrasse em um paraiso, sob os effeitos de narcotico violento. Depois, inesperadamente, não tardei em encontrar o idolo, que

chegava a Belém, um dos pontos intermediarios de sua viagem triumphal ao norte, em busca de subsidios para uma obra sobre a região amazonica. Vi-o pela primeira vez, em uma festa do Atheneu. antigo casarão colonial, onde cursei as letras primarias. O director do collegio, o velho Bertholdo Nunes, celebrava-lhe a passagem pela terra paraense com uma festa de intelligencia. Com que precisão de minucias me passam pelo claro-escuro da memoria, em allucinante cavalgada, os rumorósos aspectos do lindo episodio desses annos inesqueciveis de illusão e de sonho. O collegio se engalanára. Estandartes allusivos, musica, bandeirólas, flores em profusão. O director, homem simples e candido, de uma candura de creança, envergára a classica sobrecasaca das grandes solennidades. Os professores empertigavam-se, á entrada, recebendo os convivas. Os alumnos, militarizados, distendiam-se em filas interminaveis. A um canto do salão, festivamente illuminado, o busto em marmore de Alexandre Herculano, com o lóbulo do nariz ennegrecido pelo contacto irreverente das mãos da petizada, reluzia pimpante, ao reflexo polychromico dos candelabros. O jornal do educandario, com a photogravura em côres do escriptor laureado, consagrava essa edição de luxo «á glorificação mental de Coelho Netto e á memoria de Raul Pompeia». Ás nove da noite, sob acclamações ensurdecedoras, Coelho Netto dava entrada no edificio. Foi um delirio. Corôaram-lhe

a cabeça de petalas de rosas e empanturraram-lhe o espirito de discursos portentósos. Bertholdo era o sósia de Aristarcho. Semelhantes em tudo: nas posturas protocollares, no sorriso de circumstancia. no alcandor das metaphoras anachronicas, proferidas com emphase, stentoricamente. Por fim. encerrando a tertulia, franzino, excitado, o olhar de gato, numa vibração de pilha electrica, assoma á tribuna Coelho Netto. Que formidavel deslumbramento! Alli, de improviso numa catadupa verbal, em periodos auriflammantes que desferiam scentelhas, os lances agitados da vida de Raul Pompeia, os revérberos de sua intelligencia, as refregas do seu destino, e a tragedia de sua morte, na noite de Natal. Chequei á casa atordoado, os nervos lassos, dominado pelo magnetismo envolvente do tribuno prodigioso. Ouvi-o ainda, por esse tempo, uma vez, duas vezes, tres vezes, Aquella oratoria era sempre uma torrente desapoderada, com o impeto caudaloso das pororócas amazonicas. Visto de perto, o idolo excedia ás medidas humanas. A minha admiração dilatou-se com o decorrer dos annos, embora já despojada dos excessos da mocidade. Acompanhei com singular obstinação os estádios evolutivos de sua obra, para fixá-los, tantos annos depois, em um livro de ensaios de critica e de analyse, o unico que se escreveu no Brasil pela gloria do seu grande nome.

\* \*

O Bufão - pagina de arrebatamento e de insania, que reflecte as inquietudes de um destino, -foi o marco inicial de nossas relações de ordem intellectual. Nestas memorias, onde pretendo assignalar, como um symbolo vivo, o testemunho de minha fé por esse espirito solar, não poderia ser omittido o episodio que determinou um itinerario novo entre as multiplas trajectorias de minha vida cerebral. Desde as primeiras tentativas literarias que fui seduzido irresistivelmente para a critica. A crear, a imaginar, a construir romances e novellas, eu preferia fazer viagens de circumvolução no interior das obras alheias, discutindo-lhes as idéas, estudando-lhes as tendencias e os temperamentos de seus autores, commentando-lhes a essencia e as finalidades. Um dia, porém, á margem de um livro de contos, fiz restricções severas ao estulo e á composição do escriptor, um escriba provinciano, cuja empafia se media pelo tamanho da incultura. Melindrado pela aspereza dos conceitos, em represalia, a nevróse aggressiva do conteur crivou de injurias o critico, desafiando-o a fornecer o modelo. de sua propria lavra, da feitura do conto, de accordo com as exigencias da technica moderna. Resolvi não me aperceber das objurgatorias, mas algum tempo depois, intencionalmente, a «Revista do Norte», que assim outróra se denominava o jor-

nal de nossa Academia, publicava em suas columnas O Bufão, inspirado num retrato de Frans Hals. Tratava-se de uma singular historia de palhaços, de saltimbancos de circo, de onde emergia, como eixo central da narrativa, uma figura diabolica de mulher, fresandando a cio, que relembrava nas suas lubies extravagantes, os deliquios fescenninos da camponeza Maturina, excitando a caprinagem do abbade Iulio. Eu andava, nessa época, saturado de Mirbeau e de Maupassant. Dediquei a minha primeira experiencia no genero da ficção, ao prosador da Tormenta, que foi, incontestavelmente, o maior realizador do conto em lingua portugueza. A legenda era expressiva: «A Coelho Netto, o prodigioso Maupassant de nossa raca». Recortei o trabalho e enviei a seu destino a homenagem humilde, apesar de sentir-lhe a inferioridade da contextura. Estava, porém, intimamente convencido de que a offerenda, por desvaliosa que fosse, teria a indulgencia do Mestre. Um mez depois, pelo correio, Coelho Netto me faz chegar ás mãos um exemplar do Turbilhão, livro impressivo que é o espectaculo da vida, em flagrante, nas suas transições imprevistas. Destacava-se, em sua primeira pagina, rendilhada em calligraphia sumetrica, como nas illuminuras gothicas dos missaes, a dedicatoria carinhosa e desbordante ao creador d'O Bufão. Guardei, e conservo por toda a vida, a inestimavel reliquia, que me revelou, simultaneamente, a grandeza do artista e a bondade de seu coração.

\* \* \*

Leopoldo Péres, que tinha a alma inquieta, enflorada de anseios e de ambições, como a daquelle «adolescente nadador», de Annibal Theophilo, alimentava a illusão de que no Rio estava o grande sonho dos ideaes novos e das aspirações tumultuarias que lhe ferviam na imaginação. Intelligencia vibrátil, temperamento de impetos ensofregados, a vida para elle, nas ardentías de seus vinte annos magnificos, era um extase permanente. Mas a provincia asphixiava-o. O seu clima intellectual, afeiçoado ás almas sem capacidade esthetica, diminuia-lhe a tensão do espirito, reduzindo-lhe a perspectiva dos surtos de aquia real, que mal se empluma e tenta logo escalar infinitos. O Rio era a sua predestinação. Na paizagem distante da «cidade tentacular» entrevia a refracção prismatica de seus desejos, a objectivação de seus sonhos, a trajectoria do seu destino, o caminho da gloria, desbaratando obstaculos e resistencias. Um dia, cançado de vacillar, decidiu-se a partir. Reclamava apenas uma credencial, para o triumpho inevitavel: duas linhas de apresentação a Coelho Netto, por mim subscriptas. Na manhã sequinte, a bordo, entreguei-lhe a carta e abracei-o commovidamente, exultando de vê-lo varonil e soberbo, indifferente ás incertezas da aventura, «ivre d'un rêve heroïque et brutal», á maneira daquelles «conquistadores» do alexandrino herediano. Acompanhava-o na viagem o seu amigo Vieira de Alencar, espirito fagulhante, de lucida intuição, que, como o companheiro, seguia para o desconhecido, fiado apenas nos recursos do talento. Chegado ao Rio, sem demora, Leopoldo dirigiu-se á rua do Rozo. Coelho Netto acolheu-o com fidalquia. Conversaram a noite inteira. O Mestre mostrou-lhe as seducções e as perfidias da metropole. Era preciso desconfiar dos sortilegios da feiticeira. Tudo era apparencia e tentação. As intelligencias, ao revelarem-se, ficavam assediadas pelas trincheiras do despeito e do silencio, que formavam intransponiveis muralhas. As vantagens, honrarias e posições, assim na imprensa como na sociedade, eram privilegio dos mediocres, que nada respeitavam e tudo açambarcavam. No gabinete de trabalho, atulhado de estantes e de livros, inundado naquella hora pelas dôces tonalidades do plenilunio, a sua palavra contornava todos os assumptos, e o seu verbo, como se estivesse discorrendo para numerosa assistencia, transfulgorescia na exuberancia e na pompa das imagens ensolaradas. Leopoldo Péres trouxe dessa primeira visita a impressão que se tem no contacto dos heróes e dos gigantes. Mas vinha desanimado e abatido. Fôra inoculado pelo scepticismo do Mestre, indice amargo das decepções e dos soffrimentos de sua existencia. Seriam assim os escalões da gloria? Seria deste molde o seu fatalismo irremediavel? Dois dias depois, pela manhã, no hotel onde se hospedára, recebe duas cartas. O impeccavel talhe

calligraphico dos sobrescriptos denunciava-lhes a procedencia. Eram de Coelho Netto. A primeira, endereçada a Eurycles de Mattos, redactor-chefe d'A Noite, e a outra, a Azevedo Amaral, que estava na direcção d'O Dia, ambas envolvidas em um bilhete laconico, dirigido a Leopoldo Péres. Neste ultimo, receiando que as suas palavras da vespera o tivessem de alguma fórma desencorajado, estimulava-o com vehemencia a affrontar as agruras da peleja, que seria ardua no começo, para se terminar na voluptuosa delicia dos esforços compensados.

—« Olhe, sentenciava a experiencia do Mestre, primeiro a fortuna, a gloria virá depois...»

\* \* \*

Devo a Coelho Netto—e não vejo nenhum desprimor em confessar de publico esta verdade—a edição do meu primeiro livro—Figuras & Sen=sações. No Rio, Leopoldo Péres, que emprestava o brilho do seu talento ao matutino de Azevedo Amaral, de quando em vez encontrava lazeres para frequentar o Mestre. Foi elle, na rua do Rozo, o intermediario das negociações literarias. Alludindo, ás vezes, ao meu nome, lamentava-lhe o ineditismo, por falta de editores que me divulgassem a obra. No Amazonas era um crime pensar nisso. Atmosphera hostil a emprehendimentos de tal natureza, seria tomado por louco varrido quem

se propuzesse a levá-los por deante. Terra de perspectivas grandiósas em todos os sentidos, não havia, entretanto, entre os seus homens de espirito, uma corrente affectiva de sumpathia e solidariedade. Qualquer tentativa intellectual resultava em pura perda, tinha a duração ephemera de algumas horas. Infeccionava o meio, com caracter endemico, uma enfermidade perigosa-a amnésia chronica, de etiologia complexa e ainda mal perquirida. Fracassavam ruidosamente as intelligencias que procuravam medrar naquella esterilidade alarmante. O desprezo e a indifferença ambientes amolleciam as mais corajósas iniciativas. Os espiritos mais diligentes baqueavam, entorpecidos pelo desencanto. A principio, reagiam, estudando e produzindo. Mas ninguem lhes reconhecia o esforco. que precisava ser renovado cada dia, em provas successivas e inoperantes. Era claro que os termos de um tal requisitorio contra a mornidão provinciana, da maneira por que eram lancados, redundavam em uma «plaidoirie» eloquente em favor do escriptor obscuro, condemnado a succumbir de inanição, se lhe não viesse em soccorro das energias combalidas o prestigio de um nome consagrado, amparando-o junto a uma casa editora. Coelho Netto comprehendeu e não relutou. Ao revés, offereceu-se expontaneamente para introduzí-lo na confianca dos proprios editores de Portugal, que poriam em circulação a sua obra. Não se limitou a suggerir. Agiu promptamente, escrevendo a Lello & Irmão, e telegraphando-me para Manáos, com urgencia. a fim de que lhes enviasse os originaes. Deliberei, nesta opportunidade, escrever a Leopoldo Péres, que, descorçoado do Rio, estava de torna-viagem para o norte, condicionando a remessa a uma imposição de fôro intimo. Não tentaria jámais a arriscada prova da publicidade em livro, sem que o meu trabalho tivesse o julgamento prévio do Mestre, que se comprometteria, para me convencer plenamente da sinceridade e isenção do seu aresto, a inserir alguns de seus excerptos em dois dos periodicos de maior responsabilidade da metropole. E enviei-lhe, pelo correio, registrados, dois ensaios de critica. Submettendo-se docilmente á exigencia, Coelho Netto, algum tempo depois, mandou-me estas palavras commovedoras:

#### « Meu caro artista:

Aqui vae «O ultimo retrato de Mirbeau». O outro ensaio, sobre Robert de la Sizeranne, sahirá n'O Mundo Literario. O livro dar-lhe-á a victoria definitiva, com todas as palmas e corôas a que faz jús o seu talento. Annuncía um estudo sobre a minha obra. Guarde-o por quem é. Não o publique porque, certamente virá assanhar a matilha que me ladra o nome, ameaçando-me até a vida privada com os colmilhos anavalhados. Um de taes mastins, aproveitando-se do meu

acabrunhamento, latiu uma moxinifada infamante que os jornaes repelliram. Não a podendo publicar edita-a em leitura avinhada por todas as baiúcas suburbanas. Ha outros, todos ferozes. Se é meu amigo, não dê a lume o que escreveu sobre o meu apoucado trabalho. Deixe para enflorar o meu tumulo, que não tarda em abrir, ao lado do de meu filho. Mande os originaes aos Lello, a quem vou, de novo, escrever pedindo que os componham e imprimam para que, ainda este anno, o Norte póssa glorificar o grande artista que possúe. Abraço-o com todas as minhas forças, que são poucas. Confrade e amigo sincero, Coelho Netto".

E mais tarde, em 19 de Setembro de 22, para vencer as minhas ultimas resistencias, duas linhas de estimulo e enthusiasmo:

«Transcrevo da carta dos srs. Lello & Irmão, hoje recebida, o trecho que lhe diz respeito».

E depois de reproduzir as referencias feitas ao meu nome pelos editores portuguezes, continúa, incentivador:

«A insignificancia da retribuição será largamente compensada pela diffusão que

terá a sua obra fórte, critica ou novella, á sua escolha, em quatro partes do mundo: Europa, Asia (Gôa), Africa (Loanda) e America, onde os livreiros mantêm succursaes e agencias. Congratulando-me com o meu illustre confrade e com as letras brasileiras, espero vêl-o, em breve, no catalogo da grande, da maior casa editora de Portugal. E agora... mãos á obra. Talento como o seu não póde, não deve ficar escondido no fundo do... grande rio. Cordealmente, Coelho Netto".

Depois, em 10 de Março de 23, disposto a cumprir integralmente a formula da minha obstinada exigencia, com outra carta expressiva, enviavame a revista que publicára o meu ensaio de critica á obra do estheta do *Le Miroir de la vie*:

«Já agora está o meu amigo alistado na Legião da Cidade (leia: Urbs) e, dentro em breve, será dos primeiros no posto que, de justiça, lhe cabe».

Em 26 de Julho do mesmo anno, quando Figuras & Sensações, afinal, já se encontrava nos prélos dos editores portuguezes:

«Meu amigo.

O sr. Paulo Eleutherio não me appa-

receu: escreveu-me, remettendo-me a sua carta e desculpando-se, com os muitos affazeres que tinha, de não chegar até mim. Oh! a terrivel cidade tentacular que é esta! Como prende e seduz aos que a não conhecem bem... Emfim, não veiu, mandou-me o nome em um bilhete. Guardo-o como lembrança do ingrato. Sobre a edição de seus livros, conversei com o Raul Lello, que passou comnôsco alguns dias. Tudo se fará ao nosso gosto. Vou escrever pedindo urgencia na publicação. Tambem eu tenho lá varios originaes á beira das machinas. Lembre-me, com muita saudade, ao Leopoldo Péres. Confrade e amigo, **Coelho Netto".** 

\* \* \*

Enviando-me *Mano*, o grande livro de sua dôr, «o repositorio de sua grande saudade», em 7 de Dezembro de 24, depois de alludir longamente á sua vida de canceiras e fadigas, referia-se com amargura ás crueldades do anno que findava:

\*...tremendo para a minha pobre alma, dizia o Mestre, e duro para a misera carcassa, que já começa a ringir com a ferrugem da sclerose: enfermidades, desgostos e trabalho.

Quantas faltas com amigos! Quantas culpas! Fio, porém, que os corações que, verdadeiramente, me estimam e sabem como vivo movendo a minha atafona, me perdoarão os peccados de amisade. As razões de queixas que o seu tem de mim não deram ainda commigo no inferno gélido do esquecimento porque a sua Bondade é maior do que o meu atordoamento. Emfim... dou-me por perdoado».

E em seguida, desviando o assumpto para a recente publicação do meu livro, increpava as fragilidades da critica em nosso paiz, decretando-lhe a fallencia, com expressões de irreprimivel amargor:

«Felicito-o, ainda uma vez, pelo grande exito do seu livro. A critica portugueza foi mais justa que a nossa com Figuras & Sensações, obra que reputo das melhores, no genero, da nossa bibliographia. Critica é coisa que não temos nesta tumultuaria metropole do arrivismo pretencioso—o que ha é, de um lado: cotterie; do outro—indifferença, ou nada. A Critica está nas mãos do Futuro, sempre justiceiro. Não tem o meu amigo razão para entristecer-se com as palavras dos editores, que me escreveram agradecendo a apresen-

tação, que lhes fiz, « de um artista de tão alto valor ». O começo da subida é aspero; vencido, porém, o aclive mais ingreme o mais é suave, posto que, de vez em quando, nos saiam animaes ladrando ou rugindo aos calcanhares ».

Denunciando-lhe a desconnexidade dos estados d'alma, por essa época, esta carta traduz-lhe a inextricavel psychologia dos sentimentos. Assim, ao terminá-la, enlevado pela gloria de ser avô, as suas palavras são um poema de alegria e enternecimento:

« Quero merecer-lhe um favor. Estou á espera de um neto, o meu primeiro neto! E desejo perfumar-lhe o berço com o aroma das nossas mattas. Nada de sachets parisienses: favas e resinas das que embalsamam as florestas grandes. Ser-lhe-á facil mandar-me algumas? E assim, com o presente de um mago, ficará quasi como a de Jesús a Epiphania do meu neto. Um apertado abraço ao Leopoldo Péres. Muito e muito seu, Coelho Netto".

De outra carta, traslado sómente a parte final, que se referia ao meu livro *Coelho Netto e sua Obra*, prestes a sahir dos prélos da Livraria Chardron:

«Deram-me os Lello noticia do proximo apparecimento do livro que a sua bondade me consagrou. Estou certo de que essa obra vai agitar a horda futurista, posto que nella iá comece a se manifestar o desanimo. As deserções succedem-se, como em exercito desbaratado, lembrando a que descreve Stendhal na Chartreuse de Parme. Pena è que em tal farandula haja rapazes de talento, que só não debandam pelo pudor, que têm, de parecerem covardes. Vontade não lhes falta. Leio-os e, francamente, não posso admittir que tantos disparates sejam sinceros - se não é troca, então é delirio, loucura, auto-intoxicação. Felizmente o mal não alastra e mesmo aqui e em S. Paulo começa a abrandar. Espero ver, em breve, os arraiaes das letras saneados de todo.

Quanto a mim... sempre a dar giro á mó. Escreva-me. Saudades ao Péres. Espero O Paraiso (inteiramente refundido) e Immor=talidade. Lá os terá. Amigo e admirador, Coelho Netto".

\* \*

Não proseguirei nos topicos apressados deste memorial, escripto commovidamente, de um só impulso, á noticia da morte do meu Mestre, sem me permittir á liberdade de adduzir um leve commentario, em torno dos acerados reparos que, nessa carta, fez á critica, quando do apparecimento de Figuras & Sensações. De facto, por esse tempo, devido a nenhuma divulgação que teve o livro, pouco ou quasi nada se disse a seu respeito, á excepção da critica portugueza que, unanimemente, foi prodiga de louvores. Os que exercem a critica profissional em nosso paiz, não tomam conhecimento da obra sem que o autor lhes offereca um volume. E ainda assim, por habito inveterado, que não foi possivel supprimir, não dispensam a gala de alambicada dedicatoria, com dois adjectivos sonóros, capazes de influir-lhes decididamente na opinião. Ora, Lello & Irmão, que não tinham a pratica e o tino commercial dos editores francezes, prescindiram de taes reclamos, abandonando o livro ao seu proprio destino. Sem embargo, Figuras & Sensações mereceu referencias elogiósas das mais altas expressões do pensamento critico na actualidade brasileira. Entre outros, dos criticos que delle se occuparam, Agrippino Grieco, João Ribeiro, Fernando de Azevedo, Jayme Cardoso, Mucio Leão, Alcides Gentil, Oscar Lopes, Remigio Fernandez, Osorio Duque Estrada, Severino Silva, Sant'Anna Marques, Vieira de Alencar, José Guilherme, Mendonça Lima, Jarbas Peixoto, Alvaro Maia, Genesio Cavalcante, Neves Manta, Povina Cavalcante, Francisco Galvão, para citar apenas os mais autorizados, lhe não restringiram

louvores aos apoucados merecimentos. O Norte, sobretudo, recebeu-o com applausos generósos. Todos os seus grandes valores se manifestaram calorosamente, em longas apreciações criticas. Leopoldo Péres, cujo nome é uma legenda de glorias para a sua geração, firmou o seu renome de escriptor, publicando sobre Figuras & Sensações formósissima «plaquette», que é um modelo de estylo e um padrão de cultura literaria. Apesar dessas vozes isoladas, que mal echoavam na immensidade do Brasil, o livro não teve a devida publicidade, tanto assim que o insigne Paulo Filho, jornalista dos maiores destes dias, oito annos depois, fez publicar o livro inteiro, ensaio por ensaio, como se fossem artigos de palpitante actualidade, nas columnas de honra do Correio da Manhã. Coelho Netto, em carta posterior que me dirigiu, allude ao facto humoristicamente, marginando-o de epigrammas.



A correspondencia epistolar de Coelho Netto, gemma preciosa do meu archivo de homem de letras, é um manancial de arte, de imaginação e de cultura. Resplendem em cada carta os dotes peregrinos de suas faculdades creadoras. São paginas de anthologia, pelo apuro do estylo, pela refulgencia da fórma, pela associação das idéas, pelo sabor classico dos periodos, acepilhados e perfeitos. Esse artista era a propria harmonia, o

seu pensamento o proprio equilibrio, as suas imagens a propria belleza, que se manifestava no rythmo da expressão, na volupia das palavras, na claridade das idéas. Não exporei ás indiscreções deste memorial todas as pepitas que se encontram no thesouro irrevelado. Desvendo-lhe apenas, de vez em vez, no intuito de dar vida a estas paginas que nascem mortas, os refólhos de um pensamento incomprehendido, a angustia secreta de um momento de sua sensibilidade, através do torvelinho das desventuras humanas. Cada uma dessas missivas é um «processus» moral do homem e de sua organização interior.

Quando escrevi o livro sobre a sua obra, depois de percorrê-la sem fadigas, em toda a sua distensão cyclopea, penetrando os subterraneos da alma, da intelligencia e do sentimento esthetico desse «poderoso revelador de psychologias», recebi de Coelho Netto, traduzindo-lhe o agradecimento, duas cartas commoventes, das mais expressivas de sua correspondencia. Da primeira, que é longa, de 15 de Setembro de 26, transcrevo apenas os periodos iniciaes:

«Acabo de ler o seu generoso livro sobre o «pobre de mim», como diria Fernão Mendes. Quanta lenha para o auto da fé que me espera! Em tal pyra, de arómatas, como os troncos do Libano, a morte será deliciósa. Obrigado! Muito obrigado!

«Nada acrescentarei ao que disse de mim com tão formósas palavras senão que, no assumpto «escolas...» nunca as frequentei. Ando em Arte com transito na cidade — por todas as ruas e travessas, pracas e viellas. ora no perimetro urbano, ora nos arrabaldes ou por campos e montes, gosando o silencio ou no recesso das mattas, ouvindo aquas e passarinhos. Quando alguem pretende alistardeserto. Nada como a me em escolas... liberdade! Hoje um romance da vida, tresandando a miserias, no dia seguinte uma digressão pelo antigo ou vôos no ideal. Os que se arraigam a escolas escravisam-se e eu fui e serei sempre um insubordinado. Parodiando Molière eu digo — « Je prends mon bien où je le trouve». Agora mesmo saio da realidade do Fogo Fatuo para o grande sonho da Terra Virgem remexendo, de passagem, o meu Can= teiro de saudades. A Arte é musical e no pentagramma as notas são varias e varios os tons. Nada de monotonia. Onde iria se entrasse pelos commentarios!».

Reproduzo integralmente a segunda carta, de 13 de Fevereiro de 1927, com o trecho referente aos escriptores do Amazonas, que saudaram a gloria do Mestre, através do livro humilde que lh'a descortinava. Cito alguns nomes da luzida farandula: Leopoldo Péres, Alvaro Maia, Vieira de Alencar, João Leda, Huascar de Figueiredo, Abguar Bastos. Coelho Netto enviava-lhes uma oblata da mais pura sympathia:

## «Meu amigo:

A sua carta de 22 de Janeiro, tão longamente esperada, trouxe-me alegria, luz rara, actualmente, na Gehenna em que vivo. Infelizmente, porem, (porque está escripto que não terei mais felicidade completa) no raio de sol provindo do seu coração bailam uns atomos escuros, que eu me apresso em assoprar para longe. Suspeita o meu amigo que eu me haja sentido com algumas das observações que fez. Não me lembro do que escrevi, affirmo-lhe, porem, que de todo o seu livro quardo uma impressão de tão doce carinho que, nos tormentos que me excruciam, cada vez mais intensos: a enfermidade sem cura de minha mulher, que se me resvala dos braços para o tumulo, as pedradas constantes das hordas que me assediam, um dos meus olhos a escurecer de fadiga na luta sempre travada com a Vida e com a Morte — nelle encontro um dos meus mais efficazes lenitivos. Os reparos que oppuz foram ás demasias de louvores, porque o meu amigo o escreveu mais com o coração do que com o cerebro. Disse que do seu

livro me adviriam horas de muita amarqura (e hão de chegar, asseguro-lhe) referindo-me ao furor em que elle assanhará a Inveia. Escolas, estulos... isso que monta! Alguma coisa me ha de ficar das leituras que faço e prouvera a Deus que ficasse tudo! Não me alistei neste ou naquelle grupo porque sempre amei a liberdade, a independencia em tudo e, em Arte, vou para onde me leva a Fantasia ou me attrahe a Belleza: ora sorrindo, ora sombrio, compondo «pastoraes» ou conduzindo turbas tragicas como as que povôam Fé. O que ha de mim para o amigo é uma immensa gratidão, isto sim! Effectivamente o seu livro aqui pouco apparece nos mostruarios, não sei se por culpa dos Lello, se por negligencia dos nossos livreiros. A imprensa ainda não se manifestou sobre elle... e eu sinto-me em difficuldades de o impôr á critica... et pour cause.

\*Li attentamente os artigos que me remetteu e vou escrever um cartão de agradecimento a cada um dos autores. O Amazonas levanta-se poderoso. Já agora não é só a natureza opulenta que nos maravilha, são tambem os espiritos. Grande pleiade! Ainda bem que o nosso Norte reassume o seu posto luciferino!

«O Canteiro já lá está com os Lello. Fogo Fatuo irá em Abril. Terra virgem, um pouco mais tarde... depois... Rudá ou Os barbaros, Fé ou Poranduba. Neste momento cuido de theatro trabalhando simultaneamente em duas peças, ora auxiliado por Melpomane, que me segreda as scenas de Victoria, ora attento a Thalia, que me vai guiando na satira Ricaços».

E ainda os ultimos periodos, impregnados de doloroso desencanto:

«Fala-me do seu exilio á margem do Solimões, no villarejo agreste de Coary. Como o invejo, meu amigo! Disso eu ando tão precisado que chego a acreditar que remoçaria de corpo e d'alma se, como Timon, deixasse este Coliseu, no qual as feras são... os homens, e me recolhesse a um dos circulos desse Inferno verde. Emfim, já agora, com 63 annos de idade e enfermo, o melhor é deixar-me ficar por aqui, á beira da terra que me espera. Vou escrever ao velho Lello para que active a propaganda do seu bello livro. Fale de mim a todos esses artistas, que tanto bem me fizeram ao coração».

Em 25 de Março de 28, depois de um longo silencio, uma carta laconica do Mestre, deixava-me o espirito apprehensivo e a alma dilacerada:

«A minha vida vae de mal a peior: durante o dia, trabalho insano; á noite, vigilia á cabeceira de minha pobre mulher a quem Deus vae, aos poucos, tirando o alento. Eis o final de uma vida laboriosa. E, ainda assim, invejam-me, invectivam-me, enlameam-me. Decididamente, se os Padres de Roma não me canonizarem, inscrevendo-me entre os martyres, commetterão a maior de todas as injustiças».

A morte de dona Gaby, pouco tempo depois, foi-lhe o ultimo desalento. Os seus dias estavam contados...

\* \*

Nos annaes de nossa historia literaria não ha noticia do nome de outro escriptor mais combatido e negado do que o de Coelho Netto. Era um habito corriqueiro, que se transformara em vesania, cobrir-lhe de baldas a mirifica, a deslumbradora intelligencia. Zoilos desabridos, tanto mais irreverentes quanto mais irresponsaveis, improperavam-lhe as rajadas imaginativas, sem comprehender-lhe a culminancia do espirito oracular, que transluzia nos momentos estheticos de sua arte e nos aspectos dominantes do seu instincto creador. A furia modernista, em arrancadas demolidoras, atirava-se contra a grandeza do titan, procurando em

vão diminuir-lhe a gloria. Á sombra, de emboscada, em campo aberto, fosse como fosse, os minotauros da perfidia bolçavam doestos, rugindo a colera das investidas inanes. José do Patrocinio Filho, esquecendo o estatuario que modelara a gloria de seu pae, desferia contra a honra do bemfeitor, que a elle proprio salvara da forca, a mais ingrata das acutiladas. A insolencia e a mediocridade se colligaram na offensiva da villanagem e da torpeza. Não ha memoria, em nossas letras, de campanha mais abjecta. Foi por essa época, precisamente, que veiu a lume, como um protesto ardoroso, o livro reivindicador.

Assignalando o seu advento, Jayme Cardoso, o joven Lemaître da critica brasileira contemporanea, que é um parenthesis fulgentissimo na melancolia destes tempos de futurismo e charlatanice, escreveu notavel ensaio, do qual destaco estas palavras profundas, que valem por um nobre florilegio: « Antes de mais nada, seduz-me no livro de Pericles Moraes a luminósa attitude redemptora de quem ainda chegou a tempo de evitar um sacrilegio: o sacrilegio do silencio, da indifferença e da calumnia em torno do nome magnifico, quasi revestido já duma attitude lendaria de fabula tranquilla, daquelle que resumiu, condensou e avivou, na prodigiosa força creadora do proprio genio, todas as cycloramicas qualidades da lingua portuqueza, através de sua ardente transplantação para os tropicos fecundos».

\* \*

Como uma personagem de tragedia eschyliana, o vulcão formidavel, que resistia desdenhoso ás tempestades e sorria á inclemencia dos annos, continuava em plena ebulição. O anno de 1928 lhe fôra de espantosa fecundidade. Livros, livros e mais livros. A 13 de Agosto, o Mestre enviava-me alguns exemplares, e não escondia a sua tristeza pela visão prophetica do fim:

«Creio que lhe não mandei esta série de contos, vilmente sacrificada na primeira edição. Brevemente terá ahi: Bazar (ultimas chronicas que reúno em volume); Vencidos (contos); Livro de prata, discurso e uma conferencia sobre o Euclydes e Fogo Fatuo, romance. Anno fertil, não ha duvida. A lampada, quando está a extinguir-se, crepita em relampagos que são vascas e dão a impressão de esplendor. Talvez seja isso».

Em Setembro de 29, já enfermo e alquebrado, alludia ás tormentas de sua vida afanosa:

Tão assoberbado me trazem ultimamente os trabalhos que não sei, francamente, como ainda me sóbra tempo para adoecer. Pois adoeci e os medicos assediaram-me, impondo-me rigoroso regimen: ar livre, distracções, abstenção absoluta de livro e penna, e drogas. Cumpri a sentença no meu escriptorio—lendo e escrevendo. Quanto a drogas, deixei-as onde devem estar—nas pharmacias. E cá estou, entre papeis, a labutar em contos, chronicas, etc. E com dois diccionarios á guisa de cangalhas. Bête de somme, meu amigo, ou, em bom vernaculo—Burro de carga...

- «É justamente por um de taes díccionarios, o *Grande diccionario portuguez illus=*trado, de Lello & Irmão, que o venho importunar. Os editores, que me incumbiram da
  parte brasileira, querem que eu lhes mande
  aspectos dos nossos Estados: natureza e obras.
  Para o Amazonas a quem me hei de dirigir
  se não ao amigo, apesar de muito já lhe
  dever em obsequios? Rogo-lhe, pois, enviarme algumas photographias, poucas, mas bem
  representativas, dessa região de encantos e,
  com ellas, o seu mais recente retrato, acompanhado de notas bio-bibliographicas, e de
  outros, que mereçam figurar na mesma obra.
- «Conto remetter-lhe no proximo mez o Fogo Fatuo, herma pequena que fiz para a memoria daquelle que foi o verbo fulgurante: Paula Ney.

«Lembre-me ao Leopoldo Péres e mande em quem muito se honra com a sua amizade, Coelho Netto". \* \* \*

Humberto de Campos, outro preexcelso «principe do espirito», que a morte arrebatou logo após o desapparecimento de Coelho Netto, referindo-se á obra do assombroso trabalhador, no dia em que o Mestre completava 70 annos de idade, 21 de Fevereiro de 1934, teve para a sua fecundidade esta imagem de uma symbolização perfeita e expressiva: «Conta-se de São Sergio que, tendo corrido em torno dos muros de Antiochia, levando nos pés cothurnos pontilhados de prégos, das gottas do seu sangue nasceram, por onde passou, punhados de rosas vermelhas, que formaram um immenso canteiro ardente, circulando a cidade. Repetissem os deuses pagãos com os sacerdotes da Belleza o que fez o Deus dos christãos com o seu martyr, e que roseiral seria o caminho perlustrado por esse insigne operario do sonho e da penna! Que espetaculo aos olhos dos incréos. Que revelação, ao espirito dos seus perseguidores!>

\* \*

Tenho aqui sobre a mesa, na hora em que redijo as ultimas linhas deste «in memoriam», os recórtes de alguns dos grandes jornaes do Rio, traduzindo a profunda emoção do Brasil mental, no dia da morte e do sepultamento do meu Mestre.

São columnas e columnas em funeral, com artigos, commentarios, reminiscencias, curiosidades biographicas, notas bibliographicas, e os discursos que se fizeram á beira do tumulo do maior dos escriptores brasileiros de todos os tempos.

Alcides Gentil, uma consciencia limpida de escriptor e uma sadia organização de sociologo, meu amigo de longos annos, teve a lembrança captivante de m'os enviar, com uma indicação sensibilizadora: «Mando-te ahi o que de valor publicaram os jornaes, hontem e hoje. Assisti de perto ao desenlace, porque móro nesta rua Coelho Netto, n.º 21. Numa das photographias da *A Noite* puz uma cruzinha encarnada sobre uma cara sobranceira ás demais: é a do meu filho unico Joaquim Caetano, de 12 annos. Eu fiz que, embóra sem relações pessoaes de familia, representasse elle a tua saudade».

A minha grande, a minha infinita saudade!...

\* \*

Páro aqui, que me faltam coragem e serenidade para proseguir. Deante da morte, nesta hora de emoção transfiguradora, todos os vocabulos do nosso lexicon não teriam capacidade exegetica para interpretar o que eu sinto de amargor, á evidencia da tremenda realidade. Já escrevi um livro celebrando a gloria do meu Mestre muito amado. Fui-lhe o biographo insuspeito e impessoal. Fixei-lhe a estructura moral da personalidade de excepção. E fiquem agora, para as gerações que hão de vir, estes conceitos commovidos, tarjados com a sombra da minha tristeza e escriptos no silencio das lembranças que não morrem, evocando-lhe o exemplo da vida, que nos seus grandes lances de renuncia e sacrificio, no orgulho, na indignação e na dor, foi uma lição impressionante de sobranceria e estoicismo.

## INDICE

Os Interpretes da Amazonia		 9
Pela gloria de Gonzaga Duque		 71
A critica de Benjamin Lima	٠.	 91
Um diccionarista literario	٠.	 113
Perfil de um escriptor d'annunziano		 137
Esplendor e decadencia de Don Juan		 159
Elogio de uma intelligencia		 173
O fascinio da condessa de Noailles		 195
Anatole, semeador de duvidas		 219
Sobre um retrato de Petronio		 237
Evocação de um exemplo		 253











